



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 2 – Número 1 - 2026

Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Com imensa alegria e gratidão, o Portal Peregrino da Esperança apresenta a Revista Eletrônica Peregrino da Esperança, um espaço de fé, reflexão e partilha do conhecimento. Fruto do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança, esta revista nasce como um instrumento de evangelização e aprofundamento espiritual, unindo a caminhada da razão e da fé sob a luz da esperança cristã.

De publicação semestral, a Revista Eletrônica Peregrino da Esperança reúne os trabalhos de produção científica dos idealizadores Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, além de divulgar artigos, documentos, eventos e entrevistas com convidados que partilham do mesmo amor pelas coisas sagradas e pelo mistério da fé.

Seu propósito é ser uma ponte entre o saber teológico e a vivência espiritual, inspirando peregrinos, estudiosos e devotos a contemplarem o divino presente nas diversas expressões religiosas do mundo.

Reconhecida oficialmente pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sob o número de ISSN – 3086-2256, a Revista consolida-se como uma publicação eletrônica indexada sobre religião, reafirmando o compromisso do Portal Peregrino da Esperança com a difusão do conhecimento, da cultura e da espiritualidade. Mais do que um periódico acadêmico, é um testemunho vivo de fé, um convite à leitura que transforma, eleva e conduz o coração humano a Deus, peregrinando pelas sendas do saber iluminado pela esperança.

 ***“Felizes os que adquirem a sabedoria e os que alcançam o entendimento,
pois o seu valor é melhor do que o da prata, e o seu lucro é maior do que o do ouro.”***
(Provérbios 3, 13-14)

Sumário

ISSN - 3086-2256

Vol. 2, nº 1 (2026)

Sumário

Editorial

Artigos

Jesus Cristo, Filho de Deus: Uma Análise Integral do Evangelho de Marcos à Luz da Tradição Católica

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Onde Está o Amor, Aí Está Deus: 1 Coríntios 13 e o Mistério da Caridade Vivida em Maria

Maria Bernadete Miranda

A Verdade em Santo Agostinho: Interioridade, Iluminação Divina e Cristo como Verdade Subsistente

Maria Bernadete Miranda

O Mestre Interior e a Verdade: Uma Resenha Teológica de De Magistro de Santo Agostinho

Maria Bernadete Miranda

São Francisco de Assis e o Jubileu dos 800 Anos: Um Chamado à Renovação Espiritual

Maria Bernadete Miranda

Cristo Vive em Mim: A História e a Teologia do Apóstolo Paulo à Luz da Tradição Católica

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

A Beleza Salvará o Mundo? Uma Breve Reflexão de Dostoiévski à Francisco

Teresa Cristina A S F Vianna

Ensaaios e Reflexões

Lucas: o Evangelho da Alegria que Liberta

Maria Bernadete Miranda

Pés no Caminho, Coração na Missão, Uma reflexão espiritual sobre Marcos 6,7-13

Maria Bernadete Miranda

O Louvor da Criação: Uma Revisita ao Cântico do Sol de São Francisco de Assis

Maria Bernadete Miranda

Editorial

A caminhada da fé é, por excelência, uma peregrinação permanente em direção ao encontro com Deus. Nessa jornada, o conhecimento teológico, a reflexão espiritual e o aprofundamento das Sagradas Escrituras tornam-se instrumentos preciosos para iluminar a inteligência, fortalecer a esperança e renovar a vivência do Evangelho. É com esse espírito que apresentamos aos nossos leitores o Volume 2, Número 1 (2026) da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança, publicação semestral do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança, idealizada por Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues.

Desde sua criação, a Revista Eletrônica Peregrino da Esperança nasceu com uma missão muito clara: constituir-se como um espaço de encontro entre a pesquisa acadêmica, a tradição da Igreja e a experiência cotidiana da fé cristã. Registrada com ISSN junto ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a revista consolida-se, a cada nova edição, como um ambiente de diálogo entre teologia, espiritualidade, história, filosofia e evangelização, promovendo uma reflexão que não se limita ao campo intelectual, mas que deseja alcançar também o coração de cada leitor.

O presente volume reúne sete artigos científicos e três ensaios e reflexões, formando um conjunto harmonioso de estudos que percorrem diferentes dimensões da tradição cristã. As contribuições aqui publicadas conduzem o leitor por um rico itinerário que passa pela Cristologia, Mariologia, Patrística, Espiritualidade Franciscana, Teologia Paulina, Filosofia Cristã e Literatura, revelando a extraordinária riqueza da tradição católica e sua permanente atualidade diante dos desafios do mundo contemporâneo.

Abrindo esta edição, Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues apresenta o artigo "Jesus Cristo, Filho de Deus: Uma Análise Integral do Evangelho de Marcos à Luz da Tradição Católica", oferecendo uma leitura abrangente do segundo Evangelho. O estudo percorre a narrativa marcana destacando sua profunda dimensão cristológica, evidenciando como São Marcos apresenta Jesus como o verdadeiro Filho de Deus, cuja identidade é revelada progressivamente ao longo da missão pública, culminando no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição. Trata-se de uma contribuição que convida o leitor a redescobrir a riqueza teológica daquele que é considerado o mais antigo dos Evangelhos.

A dimensão mariana da vida cristã encontra expressão no artigo "Onde Está o Amor, Aí Está Deus: 1 Coríntios 13 e o Mistério da Caridade Viva em Maria", de Maria Bernadete Miranda. A autora estabelece um fecundo diálogo entre o célebre hino da caridade escrito por São Paulo e a vida da Virgem Maria, apresentando-a como modelo perfeito do amor cristão. A reflexão evidencia que a verdadeira caridade encontra sua mais bela realização na resposta generosa de Maria ao projeto divino da salvação.

O pensamento patrístico ocupa lugar de destaque nesta edição por meio de dois estudos dedicados a Santo Agostinho. Em "A Verdade em Santo Agostinho: Interioridade, Iluminação Divina e Cristo como Verdade Subsistente", Maria Bernadete Miranda conduz o leitor ao coração da filosofia e da teologia agostinianas, demonstrando como a busca pela verdade conduz inevitavelmente ao encontro com Cristo, fonte de toda sabedoria. Complementando esse itinerário, o artigo "O Mestre Interior e a Verdade: Uma Resenha Teológica de De Magistro de Santo Agostinho" apresenta uma análise da célebre obra agostiniana, aprofundando o conceito do Mestre Interior, que continua iluminando a compreensão cristã sobre o conhecimento, o ensino e a ação da graça na inteligência humana.

A espiritualidade franciscana também ocupa posição central nesta edição. No artigo "São Francisco de Assis e o Jubileu dos 800 Anos: Um Chamado à Renovação Espiritual", Maria Bernadete Miranda recorda a atualidade da mensagem do Pobrezinho de Assis por ocasião das celebrações jubilares dos oitocentos anos de importantes acontecimentos de sua vida. O texto apresenta São Francisco como permanente inspiração para uma Igreja chamada à simplicidade, ao cuidado com a criação, à fraternidade universal e à renovação constante da vida cristã.

A tradição apostólica é retomada por Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues no artigo "Cristo Vive em Mim: A História e a Teologia do Apóstolo Paulo à Luz da Tradição Católica". O estudo percorre a extraordinária trajetória do Apóstolo dos Gentios, desde sua conversão até sua intensa atividade missionária, ressaltando a profundidade de sua teologia e sua decisiva contribuição para a formação da identidade da Igreja nascente. Ao revisitar o pensamento paulino, o artigo recorda que a experiência do encontro com Cristo continua sendo o fundamento de toda autêntica evangelização.

Encerrando a seção de artigos, Teresa Cristina A. S. F. Vianna oferece ao leitor a instigante reflexão "A Beleza Salvará o Mundo? Uma Breve Reflexão de Dostoiévski à Francisco". O texto estabelece um diálogo fecundo entre a conhecida expressão de Fiódor Dostoiévski e o pensamento do Papa Francisco, propondo uma compreensão da beleza não apenas como categoria estética, mas sobretudo como manifestação da verdade, da bondade e da presença transformadora de Deus na história humana. Trata-se de uma reflexão que convida o leitor a reconhecer, na beleza da criação, da arte e da santidade, sinais concretos da ação divina.

A seção Ensaio e Reflexões complementa harmoniosamente os estudos científicos, proporcionando ao leitor momentos de contemplação e aprofundamento espiritual.

No ensaio "Lucas: o Evangelho da Alegria que Liberta", Maria Bernadete Miranda apresenta uma leitura profundamente pastoral do terceiro Evangelho, ressaltando sua mensagem de misericórdia, inclusão e esperança. Ao destacar a alegria como fruto da presença de Cristo, a autora recorda que a verdadeira libertação nasce do encontro pessoal com o Salvador.



Em "Pés no Caminho, Coração na Missão: Uma Reflexão Espiritual sobre Marcos 6,7-13", a autora conduz o leitor a refletir sobre o envio missionário dos discípulos, mostrando que todo cristão é chamado a colocar seus pés a serviço do Reino de Deus e seu coração inteiramente disponível para anunciar o Evangelho. Inspirado no relato evangélico, o ensaio torna-se um convite à confiança, ao desprendimento e ao compromisso missionário.

Concluindo esta edição, "O Louvor da Criação: Uma Revisita ao Cântico do Sol de São Francisco de Assis", também de Maria Bernadete Miranda, retoma um dos mais belos textos da espiritualidade cristã. Ao revisitar o célebre cântico franciscano, a autora convida o leitor a reconhecer toda a criação como dom de Deus e expressão permanente de seu amor, reforçando a vocação humana para o cuidado da casa comum e para a contemplação da beleza do Criador refletida em todas as criaturas.

Os trabalhos reunidos neste volume demonstram que a pesquisa teológica e a espiritualidade caminham lado a lado. O rigor acadêmico presente nos artigos encontra seu complemento na sensibilidade pastoral dos ensaios, revelando que o verdadeiro conhecimento cristão jamais se dissocia da experiência da fé. Ao contrário, quanto mais profundamente se conhece o mistério de Deus, maior se torna o chamado à conversão, à esperança e ao testemunho.

É justamente essa integração entre ciência, fé e espiritualidade que inspira a missão da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança. Em tempos marcados por profundas transformações culturais e espirituais, torna-se ainda mais necessário oferecer espaços de reflexão séria, fundamentada na Sagrada Escritura, na Tradição da Igreja e no Magistério, capazes de iluminar o caminho daqueles que desejam compreender melhor a riqueza do patrimônio cristão.

Expressamos nossa sincera gratidão aos autores que generosamente compartilharam seus conhecimentos e experiências nesta edição, bem como aos leitores, pesquisadores, estudantes, agentes de pastoral e a todos aqueles que acompanham este projeto editorial desde seus primeiros passos. Cada artigo publicado, cada reflexão apresentada e cada página desta revista representam uma contribuição para a construção de uma cultura fundada na verdade, na esperança e na caridade.

Que este novo volume seja recebido como um convite ao estudo, à contemplação e ao compromisso renovado com o Evangelho. Que as reflexões aqui reunidas fortaleçam a fé, alimentem a esperança e inspirem todos os peregrinos a prosseguirem sua caminhada, certos de que Cristo permanece sendo o Caminho, a Verdade e a Vida. Sob a proteção da Santíssima Virgem Maria, Mãe da Esperança, e inspirados pelo testemunho dos santos, desejamos a todos uma proveitosa leitura, na certeza de que todo verdadeiro conhecimento conduz ao encontro com Deus e renova a missão de anunciar, com alegria, a Boa-Nova do Reino.



Maria Bernadete Miranda

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Editores da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança



Artigos

Jesus Cristo, Filho de Deus: Uma Análise Integral do Evangelho de Marcos à Luz da Tradição Católica

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luizaerodesign@gmail.com.br

Resumo

Este artigo propõe uma análise integral do Evangelho segundo Marcos à luz da teologia da Igreja Católica Apostólica Romana, integrando perspectivas bíblicas, históricas, cristológicas, espirituais e pastorais. Partindo do contexto histórico, cultural e eclesial de sua redação, o estudo evidencia como Marcos apresenta uma cristologia profundamente marcada pelo mistério pascal, na qual a identidade de Jesus Cristo só pode ser plenamente compreendida à luz de sua cruz e ressurreição. A investigação da estrutura literária do evangelho revela uma pedagogia da fé que conduz progressivamente o leitor do anúncio inicial do Reino de Deus à revelação do Filho de Deus crucificado e ressuscitado.

O artigo destaca o tema do discipulado como eixo central da narrativa marcana, mostrando que seguir Jesus implica assumir o caminho da cruz, do serviço e da entrega de si. A fragilidade e a incompreensão dos discípulos são interpretadas como elementos teológicos que refletem a condição humana e eclesial, iluminadas pela fidelidade de Deus. A centralidade da cruz é apresentada não como sinal de derrota, mas como manifestação do amor redentor de Deus, fundamento da esperança cristã confirmada pela ressurreição.

Por fim, o estudo evidencia a atualidade teológica e pastoral do Evangelho de Marcos, demonstrando sua relevância para a vida da Igreja contemporânea. À luz do Magistério e da tradição católica, Marcos permanece como uma fonte privilegiada para o anúncio do Evangelho, a formação de discípulos missionários e o compromisso com uma espiritualidade enraizada no mistério pascal. O Evangelho segundo Marcos revela-se, assim, um texto sempre atual, capaz de iluminar a fé, a missão e a esperança da Igreja em todos os tempos.

Abstract

This article presents an integral analysis of the Gospel according to Mark from the theological perspective of the Roman Catholic Church, integrating biblical, historical, Christological, spiritual, and pastoral approaches. Beginning with the historical, cultural, and ecclesial context of its composition, the study highlights how Mark offers a Christology deeply shaped by the Paschal Mystery, in which the identity of Jesus Christ can only be fully understood in the light of his cross and resurrection. An examination of



the literary structure of the Gospel reveals a pedagogy of faith that gradually leads the reader from the initial proclamation of the Kingdom of God to the revelation of the crucified and risen Son of God.

The article emphasizes discipleship as a central theme of Mark's narrative, showing that following Jesus entails embracing the path of the cross, service, and self-giving. The disciples' misunderstanding and fragility are interpreted as theological elements reflecting both the human and ecclesial condition, illuminated by God's enduring fidelity. The centrality of the cross is presented not as a sign of defeat, but as the manifestation of God's redemptive love, which becomes the foundation of Christian hope, confirmed by the resurrection.

Finally, the study demonstrates the theological and pastoral relevance of the Gospel of Mark for contemporary ecclesial life. In light of the Magisterium and Catholic tradition, Mark remains a privileged source for the proclamation of the Gospel, the formation of missionary disciples, and the cultivation of a spirituality rooted in the Paschal Mystery. The Gospel according to Mark thus emerges as a timeless text, capable of illuminating the faith, mission, and hope of the Church in every age.

1 – Introdução

O Evangelho segundo Marcos ocupa um lugar singular no conjunto dos escritos neotestamentários e na vida da Igreja. Reconhecido pela tradição cristã como o mais antigo dos quatro evangelhos, ele oferece um testemunho direto, sóbrio e profundamente teológico da pessoa e da missão de Jesus Cristo. Sua narrativa, marcada pela urgência do anúncio e pela centralidade da ação de Jesus, conduz o leitor a um encontro progressivo com o mistério do Filho de Deus que se revela no caminho da obediência, do sofrimento e da entrega total ao Pai. Para a Igreja Católica, o Evangelho de Marcos não é apenas um documento histórico, mas Palavra viva que interpela continuamente a fé, a conversão e o compromisso dos discípulos de todos os tempos.

Desde os primeiros séculos, a tradição eclesial associou o Evangelho de Marcos à pregação apostólica de Pedro, vendo nele um reflexo fiel do anúncio querigmático que fundou as primeiras comunidades cristãs. Tal vínculo confere ao texto uma autoridade singular, pois nele ressoa a memória viva do testemunho apostólico, preservado e transmitido no seio da Igreja. Ao mesmo tempo, Marcos escreve para uma comunidade concreta, situada em um contexto histórico marcado por tensões, perseguições e desafios à fé. Essa dimensão histórica não diminui o alcance universal do evangelho; ao contrário, manifesta a pedagogia divina que se comunica na história, assumindo as fragilidades humanas para revelar a força salvífica da cruz e da ressurreição.

Do ponto de vista teológico, o Evangelho de Marcos apresenta uma cristologia profundamente marcada pelo mistério do Servo sofredor. Jesus é proclamado desde o início como Filho de Deus, mas sua identidade messiânica só se compreende plenamente à luz da cruz. O chamado “segredo messiânico”, recorrente na narrativa, revela uma pedagogia espiritual: o reconhecimento verdadeiro de Cristo não nasce do espetáculo dos milagres, mas da adesão de fé ao seu caminho de humildade, obediência e entrega. Assim, Marcos conduz o leitor a compreender que a glória de Deus se manifesta paradoxalmente no sofrimento assumido por amor, culminando no grito do centurião aos pés da cruz, quando a identidade de Jesus é finalmente confessada.

O tema do discipulado ocupa lugar central na teologia marcana. Ao longo do evangelho, os discípulos são apresentados não como modelos ideais, mas como homens frágeis, marcados pela incompreensão, pelo medo e até pela negação. Essa representação realista não visa desqualificá-los, mas revelar que o seguimento de Cristo é um caminho progressivo de conversão. Para a Igreja Católica, essa dimensão do Evangelho de Marcos possui grande valor pastoral, pois mostra que a fé cristã não se constrói sobre perfeições humanas, mas sobre a graça que transforma, sustenta e conduz o discípulo no caminho da cruz.

A cruz, aliás, constitui o eixo teológico em torno do qual todo o Evangelho de Marcos se organiza. Longe de ser um acidente trágico, ela é apresentada como o centro do projeto salvífico de Deus. Jesus caminha livremente para Jerusalém, consciente de sua missão e fiel à vontade do Pai. Nesse movimento, Marcos oferece à Igreja uma profunda catequese sobre o sentido do sofrimento, da entrega e do amor redentor. A cruz não é o fim da história, mas a passagem necessária para a revelação plena da vida nova inaugurada pela ressurreição.

A ressurreição, embora narrada de forma sóbria e discreta em Marcos, é o fundamento da esperança cristã e da missão da Igreja. O anúncio pascal, confiado às mulheres e destinado aos discípulos, rompe o silêncio da morte e inaugura um novo tempo, no qual a fé se torna testemunho. A ausência de aparições detalhadas não diminui a força teológica do relato; ao contrário, convida o leitor a assumir sua própria responsabilidade como discípulo-missionário, chamado a encontrar o Ressuscitado na escuta da Palavra e na vivência do seguimento.

À luz do Magistério da Igreja, especialmente da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, o Evangelho de Marcos deve ser lido como Palavra inspirada de Deus, escrita por autores humanos sob a ação do Espírito Santo, para a edificação da fé do povo de Deus. A leitura católica desse evangelho integra a investigação histórica e literária com a escuta espiritual, reconhecendo que o mesmo Espírito que inspirou o texto continua a agir na Igreja, iluminando sua compreensão e aplicação pastoral.



Documentos como *Verbum Domini* e *Evangelii Gaudium* reforçam a importância de uma leitura orante e missionária da Escritura, capaz de transformar a vida pessoal e comunitária.

Diante disso, o presente artigo propõe uma análise integral do Evangelho segundo Marcos sob a ótica teológica da Igreja Católica Apostólica Romana. Busca-se articular o contexto histórico do texto, sua cristologia, a teologia do discipulado, a centralidade da cruz, o anúncio da ressurreição e a atualidade pastoral da mensagem marcana. Ao longo deste percurso, pretende-se mostrar que Marcos não apresenta apenas um relato sobre Jesus, mas um verdadeiro caminho de fé, que convida cada leitor a reconhecer no Crucificado-Ressuscitado o Senhor da história e a segui-lo com fidelidade, coragem e esperança no mundo de hoje.

2 – Contexto Histórico, Cultural e Eclesial do Evangelho de Marcos

A compreensão do Evangelho segundo Marcos exige uma atenção cuidadosa ao contexto histórico, cultural e eclesial no qual ele foi redigido. Para a Igreja Católica, essa abordagem não se opõe à fé, mas a serve, pois, como ensina a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, Deus se revela na história concreta e utiliza autores humanos, inseridos em circunstâncias específicas, para comunicar sua Palavra salvífica. Assim, conhecer o mundo de Marcos é um passo essencial para acolher com maior profundidade o significado teológico de seu testemunho sobre Jesus Cristo.

A tradição cristã mais antiga, testemunhada por autores como Papias de Hierápolis e posteriormente por Irineu de Lião, associa o Evangelho de Marcos à pregação do apóstolo Pedro. Marcos teria atuado como seu intérprete e colaborador, recolhendo e organizando a catequese apostólica destinada às primeiras comunidades cristãs. Essa tradição, acolhida pela Igreja, não busca oferecer uma autoria no sentido moderno, mas sublinhar o vínculo apostólico do evangelho, elemento fundamental para sua autoridade eclesial. O Evangelho de Marcos nasce, portanto, do coração da Igreja primitiva, como expressão viva da fé transmitida pelos apóstolos.

Quanto ao tempo e ao local de composição, muitos estudiosos situam a redação do Evangelho de Marcos entre os anos 65 e 70 d.C., período marcado por profundas crises políticas e religiosas. A perseguição aos cristãos sob o imperador Nero e a crescente hostilidade do Império Romano em relação à nova fé constituem um pano de fundo decisivo para a teologia marcana. Além disso, a iminência ou a ocorrência da destruição de Jerusalém e do Templo, em 70 d.C., lançava sombras de incerteza sobre o futuro do povo judeu e da jovem comunidade cristã. Nesse contexto de sofrimento, medo e instabilidade, o anúncio de um Messias crucificado e ressuscitado adquire uma força particular de consolação e esperança.

O ambiente cultural no qual Marcos escreve é profundamente marcado pelo mundo greco-romano, embora conserve fortes vínculos com a tradição judaica. O evangelho revela familiaridade com costumes judaicos, mas frequentemente sente a necessidade de explicá-los, o que sugere que seus destinatários não eram judeus praticantes, mas cristãos provenientes do paganismo. Essa característica reforça a hipótese de que o Evangelho de Marcos tenha sido destinado a uma comunidade cristã situada fora da Palestina, possivelmente em Roma, onde conviviam judeus e gentios convertidos à fé cristã.

A cultura romana, com sua valorização do poder, da força e da glória, constitui um contraste significativo com a mensagem central do Evangelho de Marcos. Nesse contexto, a apresentação de Jesus como o Filho de Deus que se manifesta na humildade, no serviço e na cruz representa uma inversão radical dos valores dominantes. O Cristo de Marcos não se impõe pela violência ou pelo prestígio social, mas revela a soberania de Deus na entrega amorosa da própria vida. Essa mensagem possuía um caráter profundamente contracultural e exigia dos cristãos uma fé madura, capaz de resistir às pressões externas e às tentações de acomodação.

Do ponto de vista eclesial, o Evangelho de Marcos reflete uma comunidade em processo de amadurecimento espiritual. Os desafios enfrentados pelos discípulos de Jesus na narrativa espelham as dificuldades vividas pelos cristãos do primeiro século: incompreensão, medo, perseguição e, por vezes, infidelidade. Marcos não idealiza a Igreja nascente, mas a apresenta em sua fragilidade, mostrando que o caminho da fé é marcado por quedas e recomeços. Essa perspectiva possui grande valor pastoral, pois revela que a fidelidade cristã não nasce da perfeição humana, mas da perseverança sustentada pela graça de Deus.

A situação de perseguição enfrentada pelas comunidades cristãs confere à teologia da cruz um lugar central no Evangelho de Marcos. Para cristãos ameaçados em sua própria vida, o anúncio de um Messias sofredor não era um escândalo a ser evitado, mas uma chave de interpretação da própria experiência histórica. Jesus, ao assumir livremente a cruz, transforma o sofrimento em lugar de comunhão com Deus e de esperança escatológica. Assim, Marcos oferece à sua comunidade uma leitura teológica da dor, convidando os fiéis a reconhecerem no sofrimento vivido por causa do Evangelho uma participação no mistério pascal de Cristo.

O contexto eclesial também se manifesta na dimensão missionária do evangelho. Mesmo em meio às dificuldades, a comunidade cristã é chamada a anunciar a Boa-Nova com fidelidade. O dinamismo do Evangelho de Marcos, marcado por ações rápidas e deslocamentos constantes de Jesus, reflete uma Igreja em saída, consciente de que a Palavra de Deus não pode ser silenciada pelas perseguições. Essa perspectiva encontra profunda ressonância na reflexão contemporânea da Igreja, especialmente na



exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que destaca a missão como dimensão essencial da identidade cristã.

A relação entre história e fé, tão evidente no contexto do Evangelho de Marcos, revela a pedagogia divina que se serve das circunstâncias humanas para manifestar seu plano de salvação. O Cristo anunciado por Marcos não é um mito desligado da realidade, mas o Filho de Deus que entra na história concreta, assume suas contradições e oferece um caminho de vida nova. Para a Igreja Católica, essa encarnação histórica da Palavra é fundamento da sacramentalidade da fé, na qual Deus continua a agir por meio de sinais visíveis e realidades humanas.

Dessa forma, o contexto histórico, cultural e eclesial do Evangelho de Marcos não constitui apenas um pano de fundo informativo, mas um elemento teológico essencial para a compreensão de sua mensagem. Ele revela uma Igreja nascente que, em meio às perseguições e incertezas, encontra no Cristo crucificado e ressuscitado a razão de sua esperança. Marcos escreve para fortalecer a fé de comunidades provadas, convidando-as a permanecerem fiéis no seguimento de Jesus, certos de que a cruz não é o fim, mas o caminho que conduz à plenitude da vida em Deus.

3 - Estrutura Literária e Características Teológicas do Evangelho de Marcos

O Evangelho segundo Marcos distingue-se no conjunto dos escritos neotestamentários por sua estrutura literária concisa, dinâmica e profundamente teológica. Longe de ser um simples relato cronológico da vida de Jesus, o texto marcano apresenta uma organização cuidadosamente construída, orientada para conduzir o leitor a uma progressiva compreensão do mistério de Cristo. Para a tradição católica, essa estrutura não é fruto do acaso, mas expressão da inspiração do Espírito Santo, que se serve de recursos literários específicos para transmitir uma mensagem de fé destinada à edificação da Igreja.

Uma das características mais evidentes do Evangelho de Marcos é o seu estilo narrativo marcado pela ação e pela urgência. O uso frequente de expressões como “logo” ou “imediatamente” confere à narrativa um ritmo acelerado, que comunica a intensidade da missão de Jesus e a proximidade do Reino de Deus. Esse dinamismo literário não apenas capta a atenção do leitor, mas reflete uma convicção teológica fundamental: em Jesus, o tempo da salvação já começou. O Reino não é uma promessa distante, mas uma realidade que irrompe na história e exige uma resposta imediata de fé e conversão.

Do ponto de vista estrutural, o Evangelho de Marcos pode ser compreendido como um caminho que conduz progressivamente à cruz. A narrativa inicia-se com a proclamação de Jesus como Filho de Deus e com sua atuação poderosa na Galileia, onde ensina, cura e liberta. Essa primeira parte é marcada pela autoridade de Jesus sobre as forças do mal e pela admiração das multidões. Contudo, à medida que o evangelho avança, cresce também a oposição, tanto das autoridades religiosas quanto dos próprios

discípulos, cuja incompreensão diante da identidade e da missão do Mestre se torna cada vez mais evidente.

O ponto de inflexão do evangelho ocorre na confissão de Pedro, quando Jesus é reconhecido como o Cristo. A partir desse momento, a narrativa assume um tom mais grave e pedagógico, pois Jesus começa a anunciar explicitamente sua paixão, morte e ressurreição. Essa mudança estrutural revela uma característica teológica central do Evangelho de Marcos: a identidade messiânica de Jesus só pode ser plenamente compreendida à luz da cruz. Marcos conduz o leitor a abandonar expectativas triunfalistas e a acolher um Messias que se revela no sofrimento e na entrega.

Outro elemento literário de grande relevância é o chamado “segredo messiânico”. Ao longo do evangelho, Jesus frequentemente proíbe que sua identidade seja divulgada, tanto após milagres quanto após confissões de fé. Essa característica, longe de ser uma contradição narrativa, possui profundo significado teológico. Marcos ensina que o mistério de Cristo não pode ser reduzido a manifestações extraordinárias ou títulos honoríficos. Somente quem caminha com Jesus até a cruz é capaz de reconhecer verdadeiramente quem Ele é. O segredo messiânico, portanto, funciona como um recurso pedagógico que conduz o leitor a uma fé amadurecida e pascal.

A estrutura literária de Marcos também se caracteriza pelo uso intenso de narrativas de milagres e exorcismos. Essas ações não são apresentadas como simples demonstrações de poder, mas como sinais do Reino de Deus que se aproxima e liberta o ser humano em sua totalidade. Doentes, marginalizados e possuídos são reintegrados à comunidade, revelando o caráter profundamente humano e misericordioso da missão de Jesus. Para a teologia católica, esses relatos manifestam a dimensão salvífica integral da obra de Cristo, que restaura não apenas o corpo, mas também a dignidade e a comunhão.

A centralidade da cruz constitui o eixo teológico que unifica toda a estrutura do Evangelho de Marcos. A longa caminhada de Jesus rumo a Jerusalém não é apenas um deslocamento geográfico, mas um itinerário espiritual. Cada ensinamento, cada gesto e cada confronto apontam para o momento decisivo da entrega total do Filho ao Pai. A narrativa da paixão ocupa uma parte significativa do evangelho, evidenciando que, para Marcos, o coração da Boa-Nova encontra-se no mistério pascal. A cruz não é apresentada como derrota, mas como revelação suprema do amor de Deus.

A sobriedade com que Marcos narra a ressurreição reforça ainda mais essa perspectiva teológica. O evangelho encerra-se com o anúncio do túmulo vazio e o convite a reencontrar o Ressuscitado na Galileia, lugar do primeiro chamado. Essa conclusão aberta possui forte significado eclesial e espiritual. O leitor é convidado a continuar a história por meio da fé e do testemunho. Para a Igreja Católica, essa característica literária sublinha que a Palavra de Deus não se encerra no texto, mas se prolonga na vida da comunidade que acolhe e anuncia o Evangelho.



Do ponto de vista teológico, o Evangelho de Marcos apresenta uma cristologia marcada pela união inseparável entre poder e serviço. Jesus manifesta autoridade divina, mas recusa toda forma de dominação. Sua missão é definida pelo serviço e pela doação da vida “em resgate por muitos”. Essa visão teológica confronta os modelos humanos de poder e propõe uma lógica evangélica baseada na humildade e no amor oblato. Marcos, assim, oferece à Igreja um critério permanente de discernimento sobre o exercício da autoridade e a vivência do discipulado.

Por fim, a estrutura literária e as características teológicas do Evangelho de Marcos revelam uma profunda unidade entre forma e conteúdo. O estilo simples e direto, a progressão narrativa rumo à cruz e a pedagogia do segredo messiânico convergem para uma única finalidade: conduzir o leitor ao encontro com o Cristo crucificado e ressuscitado. Para a Igreja Católica, essa obra permanece uma fonte inesgotável de formação espiritual e teológica, pois ensina que a fé autêntica nasce da escuta da Palavra, amadurece no seguimento e se plenifica na entrega confiante ao mistério pascal.

4 - A cristologia Segundo Marcos: Jesus, o Filho de Deus

A cristologia do Evangelho segundo Marcos constitui o eixo central de toda a sua teologia. Desde a abertura do texto, Jesus é apresentado como o Cristo e Filho de Deus, mas essa identidade não se impõe de forma imediata ou triunfal. Ao contrário, Marcos constrói sua narrativa de modo progressivo, conduzindo o leitor a um reconhecimento gradual e profundamente paradoxal da pessoa de Jesus. Para a Igreja Católica, essa cristologia revela um mistério que só pode ser acolhido plenamente à luz da fé pascal, na qual a cruz e a ressurreição se tornam a chave interpretativa da identidade do Filho de Deus.

O título “Filho de Deus”, presente logo no início do evangelho, não é apenas uma afirmação dogmática, mas um convite à contemplação do mistério de Cristo. Marcos apresenta Jesus como aquele que possui autoridade divina, manifesta no ensino, no perdão dos pecados, no domínio sobre as forças da natureza e do mal. Essas ações revelam uma cristologia de poder, mas um poder que se exerce em favor da vida e da libertação do ser humano. Para a tradição católica, essa autoridade divina não afasta Jesus da condição humana; ao contrário, revela a proximidade de Deus que entra na história para restaurar a criação ferida pelo pecado.

Ao longo da narrativa, Marcos recorre a diversos títulos cristológicos para expressar a identidade de Jesus, entre eles Messias, Filho do Homem e Servo. Esses títulos não são utilizados de maneira abstrata, mas ganham sentido concreto no modo como Jesus vive sua missão. O Messias esperado por muitos, marcado por expectativas políticas e triunfalistas, é reinterpretado por Marcos à luz da obediência e do sofrimento. Jesus aceita o título messiânico, mas redefine seu conteúdo, mostrando que o verdadeiro Messias é aquele que serve e entrega a própria vida.

O título “Filho do Homem” ocupa lugar de destaque na cristologia marcana e remete tanto à tradição profética quanto à esperança escatológica. Em Marcos, o Filho do Homem aparece como aquele que tem autoridade para perdoar pecados, que deve sofrer e morrer, e que será glorificado na ressurreição. Essa tensão entre sofrimento e glória revela a unidade do mistério pascal. Para a teologia católica, o Filho do Homem de Marcos manifesta a plena solidariedade de Cristo com a condição humana, assumindo suas dores para conduzi-la à comunhão definitiva com Deus.

A figura do Servo sofredor, embora não explicitamente nomeada, permeia toda a cristologia marcana. Jesus caminha conscientemente para Jerusalém, aceitando o sofrimento como parte integrante de sua missão redentora. A entrega da própria vida “em resgate por muitos” expressa o núcleo da soteriologia cristã: a salvação não se realiza pela força, mas pelo amor que se doa até o extremo. Marcos apresenta, assim, uma cristologia profundamente ligada à teologia da cruz, que encontra ressonância na reflexão da Igreja ao longo dos séculos.

Um elemento fundamental da cristologia de Marcos é a incompreensão constante dos discípulos. Mesmo caminhando com Jesus, eles têm dificuldade em reconhecer o sentido profundo de sua missão. Essa incompreensão não é apenas um dado narrativo, mas possui grande valor teológico. Ela revela que a identidade de Jesus não pode ser apreendida apenas por categorias humanas ou expectativas prévias. Para a Igreja Católica, esse aspecto do evangelho constitui um chamado à humildade teológica e espiritual, lembrando que o mistério de Cristo supera toda tentativa de domesticação intelectual ou religiosa.

A plena revelação da identidade de Jesus ocorre paradoxalmente na cruz. No momento de maior humilhação e sofrimento, o centurião romano proclama: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”. Essa confissão, vinda de um pagão, possui profundo significado eclesial e missionário. Marcos ensina que a fé autêntica nasce do encontro com o amor que se entrega, e não do espetáculo do poder. Para a teologia católica, essa cena sintetiza o núcleo da fé cristã: o Filho de Deus se revela no Crucificado.

A ressurreição, embora narrada com sobriedade, confirma e plenifica a cristologia marcana. O Ressuscitado é o mesmo Jesus que caminhou na Galileia, sofreu a paixão e foi sepultado. A continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo glorificado é um elemento essencial da fé da Igreja. Marcos evita descrições triunfalistas da ressurreição, convidando o leitor a reconhecer o Ressuscitado na fé e no seguimento. Essa abordagem reforça a dimensão existencial da cristologia, na qual o encontro com Cristo transforma a vida do discípulo.

À luz do Magistério da Igreja, especialmente do Catecismo da Igreja Católica, a cristologia marcana encontra plena consonância com a fé professada ao longo dos séculos. Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, cuja missão redentora se realiza no mistério pascal. O Evangelho de Marcos



oferece, assim, uma síntese viva e dinâmica da fé cristã, capaz de dialogar com os desafios de cada época. Sua apresentação de Cristo como Filho de Deus que serve, sofre e ressuscita permanece um convite permanente à conversão e ao seguimento fiel.

Dessa forma, a cristologia do Evangelho de Marcos não se limita a uma definição doutrinal, mas se apresenta como um caminho espiritual. Conhecer Jesus, em Marcos, significa segui-lo no caminho da cruz, acolher o mistério do amor que se doa e professar, com a própria vida, que Ele é verdadeiramente o Filho de Deus. Para a Igreja Católica, essa cristologia continua a formar discípulos, sustentando a fé e inspirando a missão no coração do mundo.

5 – O Discipulado em Marcos: Seguir Jesus no Caminho da Cruz

O tema do discipulado ocupa um lugar central no Evangelho segundo Marcos e constitui uma das chaves hermenêuticas mais importantes para a compreensão de sua mensagem teológica. Mais do que apresentar ensinamentos abstratos sobre a vida cristã, Marcos narra a experiência concreta de homens e mulheres chamados a seguir Jesus, revelando as exigências, os desafios e as consequências desse seguimento. Para a Igreja Católica, o discipulado em Marcos não é apenas um aspecto secundário da narrativa, mas uma proposta existencial que interpela continuamente a vida da comunidade cristã e a missão da Igreja no mundo.

O chamado dos primeiros discípulos, narrado logo no início do evangelho, manifesta o caráter decisivo e transformador do seguimento de Jesus. A resposta imediata daqueles que deixam redes, barcos e família revela que o discipulado implica uma ruptura com seguranças anteriores e a abertura a uma nova forma de existência. Essa prontidão, porém, não significa compreensão plena da missão de Jesus, mas disponibilidade inicial para caminhar com Ele. Marcos deixa claro que o discipulado é um processo, marcado por crescimento gradual, quedas e recomeços, no qual a fidelidade se constrói ao longo do caminho.

Ao longo da narrativa, os discípulos são constantemente confrontados com a autoridade e a liberdade de Jesus. Eles testemunham milagres, escutam ensinamentos e participam de momentos íntimos de revelação, mas frequentemente demonstram dificuldade em compreender o significado profundo das palavras e gestos do Mestre. Essa incompreensão atinge seu ápice quando Jesus começa a anunciar sua paixão, morte e ressurreição. A resistência dos discípulos diante da cruz revela uma tensão fundamental entre as expectativas humanas de glória e o caminho divino da entrega e do sofrimento.

Para Marcos, o discipulado autêntico só pode ser compreendido à luz da cruz. O convite de Jesus a tomar a própria cruz e segui-lo constitui o núcleo da espiritualidade marcana. Essa exigência não é apresentada como um ideal heroico reservado a poucos, mas como o caminho ordinário de todo aquele



que deseja ser discípulo. A cruz, nesse contexto, não se reduz ao sofrimento físico, mas simboliza a entrega total da vida, a renúncia ao egoísmo e a disposição de perder a própria vida por amor a Cristo e ao Evangelho.

A figura de Pedro ocupa um lugar emblemático na teologia do discipulado em Marcos. Ele é o primeiro a confessar Jesus como o Cristo, mas também aquele que rejeita a ideia de um Messias sofredor e acaba por negar o Mestre no momento decisivo. Essa ambiguidade não desqualifica Pedro, mas revela a fragilidade humana diante do mistério da cruz. Para a Igreja Católica, a trajetória de Pedro é profundamente consoladora, pois mostra que o discipulado não se fundamenta na perfeição moral, mas na misericórdia que restaura e fortalece.

O Evangelho de Marcos também apresenta o discipulado como um caminho de serviço. Jesus ensina que a verdadeira grandeza consiste em servir e que o maior é aquele que se faz servo de todos. Essa inversão dos valores humanos constitui uma das características mais marcantes da espiritualidade cristã. O discipulado, portanto, não é um caminho de prestígio ou poder, mas de humildade e doação. Para a teologia católica, essa dimensão do serviço encontra sua expressão mais plena na vida sacramental e na caridade vivida no seio da comunidade eclesial.

A falha coletiva dos discípulos durante a paixão de Jesus revela a radicalidade do chamado ao seguimento. O abandono, a fuga e o silêncio contrastam com a fidelidade de Jesus, que permanece obediente ao Pai até o fim. Marcos não suaviza esse momento, mas o apresenta como parte integrante da pedagogia do discipulado. A fragilidade dos discípulos não anula o chamado, mas prepara o terreno para a experiência da ressurreição, na qual a graça de Deus supera o pecado e a infidelidade.

O anúncio pascal, confiado às mulheres, contém uma dimensão decisiva para o discipulado. A mensagem de que Jesus ressuscitado precede os discípulos na Galileia indica um recomeço. O lugar do primeiro chamado torna-se também o lugar da restauração. Para a Igreja Católica, esse detalhe possui grande significado pastoral, pois ensina que o discipulado é sempre um caminho aberto à conversão e à renovação. O Ressuscitado não se distancia daqueles que falharam, mas os chama novamente a segui-lo.

À luz dos documentos do Magistério, especialmente da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o discipulado em Marcos encontra profunda atualidade. A Igreja é chamada a formar discípulos missionários, capazes de testemunhar o Evangelho com coragem e alegria, mesmo em contextos adversos. O Evangelho de Marcos oferece um modelo de discipulado enraizado na cruz e orientado para a missão, no qual a fragilidade humana se transforma em espaço para a ação da graça.

Assim, o discipulado em Marcos revela-se como um caminho profundamente realista e esperançoso. Seguir Jesus significa aceitar o desafio da cruz, confiar na misericórdia de Deus e deixar-se transformar pela experiência do amor que se doa. Para a Igreja Católica, essa proposta permanece



essencial, pois forma cristãos capazes de viver a fé de modo autêntico, comprometido e profundamente enraizado no mistério pascal de Cristo.

6 – A Cruz como Centro do Evangelho

No Evangelho segundo Marcos, a cruz não aparece como um elemento secundário ou meramente conclusivo da vida de Jesus, mas como o verdadeiro centro interpretativo de toda a narrativa. Desde os primeiros capítulos, o evangelista orienta progressivamente o leitor para compreender que a identidade e a missão de Jesus só podem ser plenamente reconhecidas à luz de sua paixão e morte. Para a Igreja Católica, essa centralidade da cruz revela o núcleo do mistério cristão: o amor redentor de Deus manifestado na entrega total do Filho.

A caminhada de Jesus rumo a Jerusalém constitui o eixo estrutural e teológico do Evangelho de Marcos. Após a confissão de Pedro, o anúncio da paixão torna-se recorrente e cada vez mais explícito. Jesus não caminha para a cruz como alguém surpreendido pelos acontecimentos, mas como aquele que assume livremente a vontade do Pai. Essa consciência e liberdade conferem à cruz um significado salvífico, afastando qualquer interpretação fatalista ou trágica. A cruz, em Marcos, é o lugar da obediência filial e da revelação do amor extremo.

O escândalo da cruz ocupa um lugar central na pedagogia marcana. Para os discípulos, formados por expectativas messiânicas marcadas pela glória e pelo poder, a ideia de um Messias crucificado era inaceitável. Marcos não esconde essa resistência, mas a expõe com clareza, mostrando que a cruz representa uma ruptura radical com as lógicas humanas de sucesso e domínio. Para a teologia católica, essa tensão permanece atual, pois a cruz continua a desafiar as concepções superficiais de fé e a convidar a uma adesão mais profunda ao mistério pascal.

A cruz, em Marcos, não é apenas o destino de Jesus, mas o critério do discipulado. O convite a tomar a própria cruz e seguir o Mestre estabelece uma relação inseparável entre cristologia e espiritualidade. Não é possível reconhecer verdadeiramente quem é Jesus sem aceitar o caminho que Ele percorre. Essa dimensão existencial da cruz revela que a fé cristã não se reduz a uma adesão intelectual, mas implica uma transformação concreta da vida. Para a Igreja, esse ensinamento constitui o coração da espiritualidade cristã, especialmente em contextos de sofrimento, perseguição e provação.

A narrativa da paixão, extensa e detalhada, ocupa uma parte significativa do Evangelho de Marcos, evidenciando sua centralidade teológica. Cada etapa — da traição ao julgamento, da condenação à crucifixão — revela a fidelidade de Jesus diante da infidelidade humana. O silêncio de Cristo diante de seus acusadores não é sinal de fraqueza, mas expressão de sua entrega confiante ao Pai. Marcos apresenta um Jesus que sofre, mas não perde a dignidade; que é humilhado, mas permanece fiel à sua missão.



O grito de Jesus na cruz, retomando o Salmo 22, manifesta a profundidade de sua experiência humana e espiritual. Longe de ser um sinal de desespero, esse clamor expressa a confiança radical daquele que, mesmo mergulhado na dor, permanece unido ao Pai. Para a teologia católica, esse momento revela que o Filho de Deus assumiu plenamente a condição humana, incluindo a experiência do abandono e da angústia, para redimir o ser humano em todas as suas dimensões. A cruz torna-se, assim, lugar de solidariedade divina com o sofrimento humano.

O reconhecimento da identidade de Jesus por parte do centurião romano, no momento de sua morte, constitui um dos pontos culminantes da cristologia marcana. É aos pés da cruz, e não diante dos milagres, que a confissão de fé emerge de forma clara: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”. Esse detalhe possui profundo significado teológico e missionário. Marcos ensina que a cruz é o lugar da revelação plena de Deus e que a fé nasce do encontro com o amor que se entrega até o fim. Para a Igreja, essa cena simboliza a abertura universal da salvação.

A cruz, em Marcos, não é apresentada como derrota, mas como vitória paradoxal. A morte de Jesus não encerra sua missão, mas inaugura a esperança da ressurreição. Embora o evangelista trate a ressurreição com sobriedade narrativa, ela está implicitamente presente em toda a teologia da cruz. A fidelidade de Jesus até a morte prepara o terreno para a vitória definitiva da vida sobre a morte. Essa unidade entre cruz e ressurreição constitui o núcleo do anúncio pascal da Igreja.

À luz do Magistério, especialmente do Catecismo da Igreja Católica, a cruz de Cristo é compreendida como sacrifício redentor, expressão suprema do amor de Deus e fonte de salvação para toda a humanidade. O Evangelho de Marcos oferece uma apresentação viva e concreta dessa doutrina, mostrando que a cruz não é apenas um evento do passado, mas uma realidade que continua a moldar a vida da Igreja. Na liturgia, nos sacramentos e na vida cristã cotidiana, o mistério da cruz permanece atual e eficaz.

Dessa forma, a cruz como centro do Evangelho de Marcos revela-se como um convite permanente à contemplação e ao compromisso. Contemplar a cruz é reconhecer o amor sem limites de Deus; assumir a cruz é responder a esse amor com a própria vida. Para a Igreja Católica, o Evangelho de Marcos continua a ensinar que somente à sombra da cruz se pode compreender verdadeiramente quem é Jesus e o que significa segui-lo. A cruz, longe de ser um obstáculo à fé, é o caminho que conduz à plenitude da vida em Deus.

7 – A Ressurreição e a Esperança Cristã

A ressurreição de Jesus Cristo constitui o fundamento da fé cristã e o horizonte último de toda a teologia do Evangelho segundo Marcos. Embora o evangelista narre esse acontecimento de forma sóbria



e discreta, sua importância teológica é imensa, pois ilumina retrospectivamente toda a vida, a paixão e a morte de Jesus. Para a Igreja Católica, a ressurreição não é um episódio isolado ou meramente simbólico, mas o ato definitivo de Deus que confirma a identidade de Jesus como Filho de Deus e inaugura uma nova ordem de vida marcada pela esperança.

A particularidade do relato marcano da ressurreição reside em sua economia narrativa. Diferentemente de outros evangelhos, Marcos não descreve aparições detalhadas do Ressuscitado, mas concentra-se no anúncio do túmulo vazio e na mensagem confiada às mulheres. Essa escolha literária não diminui a força do evento, mas o reveste de profundo significado teológico. O silêncio narrativo convida o leitor a ultrapassar a curiosidade histórica e a entrar no dinamismo da fé, reconhecendo que a ressurreição não se impõe como evidência empírica, mas se acolhe como dom revelado.

O anúncio pascal dirigido às mulheres constitui um elemento central da esperança cristã em Marcos. Ao receberem a missão de comunicar aos discípulos que Jesus ressuscitou e os precede na Galileia, elas tornam-se as primeiras testemunhas da vitória da vida sobre a morte. Esse detalhe possui grande valor eclesial, pois revela que Deus confia o anúncio fundamental da fé a testemunhas consideradas frágeis segundo os critérios humanos. Para a teologia católica, essa escolha manifesta a lógica do Reino, no qual a graça se revela na humildade e no serviço.

A referência à Galileia no anúncio pascal carrega profundo significado simbólico e espiritual. A Galileia é o lugar do primeiro chamado, do início do discipulado e da manifestação inicial do Reino de Deus. Ao convidar os discípulos a reencontrar o Ressuscitado nesse lugar, Marcos aponta para a continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo glorificado. A ressurreição não anula a história, mas a assume e a transfigura. Para a Igreja, esse movimento revela que a esperança cristã não se funda na fuga do mundo, mas na transformação da realidade à luz do mistério pascal.

O temor e o silêncio das mulheres diante do anúncio da ressurreição refletem a ambiguidade da experiência humana diante do mistério de Deus. Marcos não idealiza a reação dos primeiros testemunhos, mas apresenta o impacto profundo e desconcertante da novidade pascal. Esse detalhe literário possui grande densidade teológica, pois indica que a ressurreição ultrapassa as categorias humanas e exige um processo de assimilação espiritual. A esperança cristã, nesse sentido, não elimina o temor, mas o transforma em confiança progressiva na fidelidade de Deus.

Do ponto de vista cristológico, a ressurreição confirma tudo aquilo que foi revelado ao longo do evangelho sobre a identidade de Jesus. O Filho de Deus, que se manifestou no serviço e na cruz, é agora exaltado pelo Pai. Essa exaltação não contradiz o caminho da humildade, mas o confirma como expressão autêntica da glória divina. Para a teologia católica, essa unidade entre cruz e ressurreição é essencial,



pois revela que a vida nova nasce da entrega amorosa e que a esperança cristã está enraizada no amor que vence a morte.

A ressurreição possui também uma dimensão eclesial profundamente significativa. O anúncio pascal inaugura a missão da Igreja, chamada a testemunhar a vitória de Cristo em meio a um mundo marcado pelo sofrimento e pela morte. Em Marcos, essa missão não é apresentada como triunfalista, mas como continuidade do caminho de Jesus. A Igreja nasce da páscoa e é chamada a viver na tensão entre a certeza da ressurreição e os desafios da história. Essa perspectiva encontra eco nos ensinamentos do Magistério, especialmente na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que convida a Igreja a ser portadora de esperança no mundo contemporâneo.

A esperança cristã, tal como apresentada no Evangelho de Marcos, não se reduz a uma expectativa futura, mas transforma o presente. A fé na ressurreição capacita o discípulo a enfrentar o sofrimento, a perseguição e a morte com confiança, sabendo que a última palavra pertence a Deus. Para a Igreja Católica, essa esperança possui implicações concretas na vida espiritual, na ética cristã e no compromisso com a dignidade humana. A ressurreição fundamenta a certeza de que nenhum gesto de amor, nenhuma entrega vivida em fidelidade ao Evangelho, é em vão.

À luz do Catecismo da Igreja Católica, a ressurreição de Cristo é o princípio e a fonte da nossa própria ressurreição. O Evangelho de Marcos, ao apresentar esse mistério com sobriedade e profundidade, convida o fiel a uma fé madura, capaz de integrar silêncio e anúncio, temor e esperança. A ressurreição não elimina o mistério, mas o aprofunda, abrindo o coração do discípulo à confiança radical em Deus.

Assim, o Evangelho de Marcos proclama que a esperança cristã nasce do encontro com o Ressuscitado que precede seus discípulos no caminho. A ausência de descrições triunfalistas não empobrece o anúncio, mas o torna ainda mais exigente e transformador. Para a Igreja Católica, essa esperança permanece viva e eficaz, sustentando a fé dos cristãos e impulsionando a missão evangelizadora em todos os tempos. A ressurreição, centro da fé, torna-se também fonte inesgotável de esperança para a humanidade.

8 – O Evangelho de Marcos e a Vida da Igreja

O Evangelho segundo Marcos ocupa um lugar singular na vida da Igreja, não apenas como testemunho escrito da fé apostólica, mas como texto vivo que continua a formar, corrigir e animar a comunidade cristã ao longo da história. Desde seus primeiros destinatários até a Igreja contemporânea, Marcos oferece uma compreensão profundamente realista do seguimento de Cristo, marcada pela centralidade da cruz, pela urgência da conversão e pela esperança que nasce da ressurreição. A recepção



eclesial desse evangelho revela sua permanente atualidade e sua capacidade de dialogar com os desafios de cada época.

Na tradição litúrgica da Igreja Católica, o Evangelho de Marcos ocupa papel de destaque, especialmente no Ano B do ciclo dominical. A proclamação contínua desse evangelho na liturgia permite que o povo de Deus seja conduzido progressivamente pelo caminho do discipulado, aprendendo a reconhecer Jesus não apenas em seus milagres e ensinamentos, mas sobretudo em sua entrega total na cruz. A liturgia, como lugar privilegiado da Palavra viva, atualiza o Evangelho de Marcos, tornando-o fonte de formação espiritual e de comunhão eclesial.

A espiritualidade eclesial inspirada por Marcos é profundamente marcada pela urgência do Reino de Deus. Desde o início do evangelho, Jesus proclama que o tempo se cumpriu e que o Reino está próximo, convidando à conversão e à fé. Essa dimensão interpela constantemente a Igreja a viver em atitude de vigilância, evitando o comodismo espiritual e o fechamento autorreferencial. Para o Magistério da Igreja, essa urgência evangélica se traduz na missão permanente de anunciar o Evangelho com fidelidade e coragem, mesmo em contextos adversos.

O tema do discipulado, tão central em Marcos, possui implicações diretas para a vida e a estrutura da Igreja. O evangelista não apresenta uma comunidade idealizada, mas um grupo de discípulos marcados pela incompreensão, pelo medo e pela fragilidade. Essa representação encontra ressonância na experiência histórica da Igreja, que reconhece sua condição de povo em caminho, necessitado constante de conversão. A teologia católica vê nessa dimensão um convite à humildade e à confiança na ação do Espírito Santo, que conduz a Igreja apesar das limitações humanas.

A centralidade da cruz no Evangelho de Marcos oferece à Igreja um critério fundamental para discernir sua identidade e sua missão. O Cristo crucificado revela que a verdadeira autoridade se manifesta no serviço e na entrega da própria vida. Essa perspectiva ilumina a compreensão católica do ministério ordenado, da liderança pastoral e da vida consagrada, convidando todos os estados de vida a assumirem uma lógica de doação e não de poder. A Igreja, à luz de Marcos, é chamada a ser sinal de um amor que se faz serviço até o fim.

O Evangelho de Marcos também exerce influência profunda na dimensão missionária da Igreja. A ordem implícita de anunciar o Ressuscitado, que precede os discípulos na Galileia, inspira a dinâmica evangelizadora que caracteriza a Igreja desde suas origens. Essa missão não se reduz à transmissão de doutrinas, mas envolve o testemunho de vida, a proximidade com os sofredores e o compromisso com a justiça. Documentos como *Ad Gentes* e *Evangelii Nuntiandi* encontram em Marcos um fundamento evangélico sólido para a compreensão da missão como prolongamento da obra de Cristo.



Na vida pastoral, o Evangelho de Marcos oferece critérios concretos para o acompanhamento espiritual e comunitário. A pedagogia de Jesus, marcada pela paciência com os discípulos e pela clareza de suas exigências, inspira a prática pastoral da Igreja, chamada a unir misericórdia e verdade. A Igreja aprende, a partir de Marcos, que o crescimento na fé é um processo gradual, que respeita o tempo das pessoas e valoriza a escuta atenta da Palavra.

O sofrimento humano, tão presente no Evangelho de Marcos, encontra eco profundo na ação pastoral da Igreja. A proximidade de Jesus com os doentes, marginalizados e sofredores torna-se paradigma para a atuação eclesial em contextos de dor e exclusão. A teologia católica reconhece nesse aspecto um fundamento evangélico para a doutrina social da Igreja e para o compromisso com os mais vulneráveis. O seguimento de Cristo, conforme Marcos, exige que a Igreja esteja onde a vida clama por cuidado e esperança.

A dimensão escatológica do Evangelho de Marcos também molda a vida da Igreja, mantendo viva a expectativa da plenitude do Reino de Deus. Essa esperança escatológica impede tanto o desespero diante das dificuldades históricas quanto o triunfalismo ingênuo. A Igreja vive na tensão fecunda entre o “já” e o “ainda não”, sustentada pela promessa de Cristo. Essa perspectiva orienta a ação pastoral e a espiritualidade dos fiéis, convidando-os a viver com responsabilidade e esperança.

Por fim, o Evangelho de Marcos permanece como fonte inesgotável de renovação para a Igreja. Sua linguagem direta, seu realismo teológico e sua centralidade no mistério pascal continuam a interpelar comunidades e indivíduos a uma fé autêntica e comprometida. À luz da tradição católica, Marcos não é apenas um texto do passado, mas uma Palavra viva que desafia a Igreja a reencontrar continuamente sua identidade como comunidade de discípulos chamados a seguir Cristo no caminho da cruz e da ressurreição.

9 – Atualidade Teológica e Pastoral do Evangelho de Marcos

O Evangelho segundo Marcos, embora redigido em um contexto histórico específico do primeiro século, permanece profundamente atual para a vida da Igreja e para a reflexão teológica contemporânea. Sua linguagem direta, seu realismo antropológico e sua centralidade no mistério pascal permitem que ele dialogue com os desafios espirituais, pastorais e culturais do mundo atual. À luz da tradição da Igreja Católica, Marcos continua a oferecer critérios sólidos para a evangelização, a formação cristã e o discernimento pastoral em tempos marcados por incertezas, crises de fé e profundas transformações sociais.

A atualidade teológica de Marcos manifesta-se, primeiramente, em sua cristologia. O evangelista apresenta um Cristo próximo da condição humana, que assume o sofrimento, a incompreensão e a



rejeição. Essa imagem de Jesus encontra especial ressonância em um mundo ferido por desigualdades, violência e fragilidade existencial. Para a teologia católica contemporânea, essa cristologia concreta e encarnada oferece um antídoto contra concepções abstratas ou distantes de Cristo, reafirmando que a fé cristã nasce do encontro com uma pessoa viva que caminha com a humanidade em suas dores e esperanças.

No campo pastoral, o Evangelho de Marcos desafia a Igreja a redescobrir a centralidade do anúncio essencial do Evangelho, o *kerygma*. Desde suas primeiras palavras, Marcos proclama a boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus, convocando à conversão e à fé. Em um contexto pastoral marcado, muitas vezes, pelo excesso de discursos ou pela fragmentação da experiência religiosa, Marcos recorda à Igreja que o anúncio do mistério pascal deve permanecer no centro de toda ação evangelizadora. Essa perspectiva encontra eco nas orientações do Magistério recente, que insiste na necessidade de uma evangelização simples, profunda e centrada em Cristo.

A temática do discipulado, desenvolvida de forma intensa em Marcos, apresenta-se como um dos grandes desafios pastorais da atualidade. O evangelista revela que seguir Jesus implica assumir um caminho exigente, marcado pela cruz, pelo serviço e pela renúncia a si mesmo. Em uma cultura frequentemente orientada pelo individualismo e pela busca do sucesso imediato, essa proposta evangélica adquire caráter profético. A Igreja, inspirada por Marcos, é chamada a formar discípulos missionários capazes de viver uma fé coerente, comprometida e solidária, mesmo diante das adversidades.

A experiência do fracasso e da fragilidade, tão presente na narrativa marcana, oferece à pastoral contemporânea um horizonte de esperança e misericórdia. Os discípulos, que falham repetidamente em compreender Jesus, tornam-se espelho da condição humana e eclesial. Para a Igreja de hoje, essa dimensão é particularmente relevante, pois permite acolher as feridas, os limites e as crises de fé sem cair no desânimo. Marcos ensina que a fidelidade de Deus precede e sustenta a resposta humana, fundamento essencial para uma pastoral marcada pela misericórdia e pela paciência.

A atualidade do Evangelho de Marcos também se expressa em sua atenção aos marginalizados. Jesus aparece constantemente próximo dos pobres, dos doentes, dos excluídos e dos considerados impuros. Essa opção evangélica fundamenta a ação social e pastoral da Igreja, especialmente em contextos de exclusão e sofrimento. À luz da Doutrina Social da Igreja, Marcos inspira uma pastoral que une anúncio e caridade, fé e compromisso social, recordando que o Reino de Deus se manifesta de modo especial onde a dignidade humana é ferida.

A dimensão escatológica do Evangelho de Marcos oferece à Igreja contemporânea um horizonte de esperança diante das crises globais e existenciais. O anúncio da vinda do Reino de Deus e a promessa da vitória definitiva da vida sobre a morte sustentam a esperança cristã mesmo em tempos de incerteza.

Essa perspectiva escatológica impede que a ação pastoral se reduza a um ativismo estéril ou a um mero assistencialismo, recordando que a missão da Igreja está orientada para a plenitude do Reino.

No contexto da formação teológica e catequética, Marcos apresenta-se como um texto privilegiado para a iniciação cristã. Sua narrativa progressiva conduz o leitor a um amadurecimento da fé, passando do entusiasmo inicial à compreensão mais profunda do mistério da cruz e da ressurreição. Para a Igreja, essa dinâmica oferece um modelo pedagógico eficaz, especialmente no âmbito da catequese de adultos, da formação bíblica e do acompanhamento espiritual.

A atualidade pastoral de Marcos manifesta-se ainda em sua abordagem da autoridade e do serviço. Jesus redefine a liderança à luz do serviço humilde, oferecendo um critério evangélico essencial para a vida eclesial. Em um contexto marcado por crises de credibilidade e por questionamentos sobre o exercício da autoridade, o Evangelho de Marcos recorda à Igreja que a verdadeira autoridade nasce da doação e da fidelidade ao Evangelho. Essa perspectiva é particularmente relevante para a renovação das estruturas pastorais e para a formação dos ministros ordenados e leigos.

Por fim, o Evangelho de Marcos permanece atual porque convida continuamente a Igreja a retornar às fontes da fé. Sua sobriedade narrativa, sua profundidade teológica e sua centralidade no mistério pascal oferecem um caminho seguro para a renovação espiritual e pastoral. À luz da tradição católica, Marcos continua a ser um evangelho que interpela, provoca e consola, ajudando a Igreja a discernir sua missão no mundo contemporâneo e a testemunhar, com autenticidade, a esperança que nasce do encontro com Cristo crucificado e ressuscitado.

10 – Conclusões

Ao longo deste estudo, o Evangelho segundo Marcos foi abordado sob a ótica teológica da Igreja Católica Apostólica Romana, buscando integrar de forma orgânica os aspectos históricos, literários, cristológicos, espirituais e pastorais que constituem a riqueza desse texto fundamental da fé cristã. A análise integral permitiu reconhecer Marcos não apenas como o primeiro evangelho escrito, mas como uma obra profundamente teológica, cuja força reside na centralidade do mistério pascal e na radicalidade do seguimento de Cristo.

O contexto histórico e eclesial em que o Evangelho de Marcos foi redigido revelou-se determinante para a compreensão de sua mensagem. Escrita em um período marcado por perseguições, tensões internas e expectativas escatológicas, a narrativa marcana oferece uma resposta pastoral concreta às comunidades cristãs nascente. A apresentação de um Messias sofredor e fiel até a cruz não apenas iluminava a experiência dos primeiros cristãos, mas continua a dialogar com a Igreja de todos os tempos, especialmente quando confrontada com desafios, crises e incompreensões.

A estrutura literária e as características teológicas do Evangelho de Marcos evidenciam uma pedagogia da fé que conduz progressivamente o leitor ao coração do mistério cristão. Por meio de uma narrativa dinâmica e, por vezes, marcada pela incompreensão dos discípulos, Marcos ensina que a verdadeira identidade de Jesus só pode ser plenamente reconhecida à luz da cruz e da ressurreição. Essa dinâmica narrativa reflete o próprio caminho da fé cristã, que passa do entusiasmo inicial à maturidade espiritual alcançada na fidelidade ao Cristo crucificado e ressuscitado.

A cristologia marcana destacou-se como profundamente encarnada e pascal. Jesus é apresentado como o Filho de Deus que assume plenamente a condição humana, incluindo o sofrimento, o abandono e a morte. Longe de ser um sinal de fracasso, a cruz revela-se como o lugar da obediência filial e do amor redentor. Para a teologia católica, essa apresentação cristológica permanece central, pois reafirma que a salvação não ocorre à margem da história humana, mas no interior dela, transformando-a a partir do amor que se doa até o fim.

O tema do discipulado, desenvolvido com particular intensidade por Marcos, mostrou-se essencial para a compreensão da vida cristã e eclesial. Seguir Jesus implica assumir o caminho da cruz, abandonar falsas seguranças e viver uma fé marcada pelo serviço e pela entrega. A fragilidade dos discípulos, longe de desqualificar a proposta evangélica, revela a paciência pedagógica de Cristo e a ação contínua da graça. Essa visão oferece à Igreja um horizonte de humildade, confiança e esperança, especialmente em tempos de crise e renovação.

A cruz, apresentada como centro do Evangelho, revelou-se também como critério fundamental para a vida da Igreja. Marcos ensina que a verdadeira autoridade nasce do serviço e que a glória passa necessariamente pela doação da própria vida. Essa perspectiva ilumina o exercício dos ministérios, a organização pastoral e o testemunho cristão no mundo. À luz do Magistério da Igreja, a cruz permanece como sinal supremo do amor de Deus e como convite permanente à conversão pessoal e comunitária.

A ressurreição, ainda que narrada com sobriedade por Marcos, constitui o fundamento último da esperança cristã. Ela confirma a fidelidade de Deus e inaugura um horizonte escatológico que sustenta a missão da Igreja. A experiência pascal não anula a cruz, mas a transfigura, oferecendo sentido ao sofrimento e abrindo o caminho para a vida nova. Essa esperança pascal continua a alimentar a fé do povo de Deus, especialmente em contextos marcados pela dor, pela injustiça e pela incerteza.

Ao refletir sobre a vida da Igreja e a atualidade teológica e pastoral do Evangelho de Marcos, tornou-se evidente que esse texto permanece profundamente relevante. Sua linguagem direta, seu realismo antropológico e sua centralidade no mistério pascal oferecem à Igreja critérios seguros para o anúncio do Evangelho, a formação de discípulos e o compromisso com os mais vulneráveis. Marcos



desafia a Igreja a evitar tanto o triunfalismo quanto o desânimo, convidando-a a viver na fidelidade cotidiana ao Cristo que caminha à frente de seus discípulos.

Conclui-se, portanto, que o Evangelho segundo Marcos continua a ser uma fonte inesgotável de inspiração teológica, espiritual e pastoral. À luz da tradição da Igreja Católica, ele convida cada geração de cristãos a reencontrar o essencial da fé: o seguimento de Jesus Cristo, Filho de Deus, que revela o amor do Pai por meio da cruz e da ressurreição. Nesse sentido, Marcos permanece como um evangelho profundamente atual, capaz de iluminar a vida da Igreja e de conduzi-la, com esperança e fidelidade, no caminho do Reino de Deus.

11 – Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja. São Paulo: Paulus, 2015.

BENTO XVI, Papa. *Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *Cristologia do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1983.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

Onde Está o Amor, Aí Está Deus: 1 Coríntios 13 e o Mistério da Caridade Viva em Maria

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

“Maria conservava todas estas coisas, meditando-as em seu coração.” (Lucas 2,19)

Resumo

O capítulo 13 da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, conhecido como o “Hino à Caridade”, ocupa um lugar central na espiritualidade cristã por apresentar o amor como o caminho mais excelente da fé. Mais do que um texto poético, trata-se de uma síntese teológica que revela a caridade como critério da vida cristã autêntica e como sinal da presença de Deus na história humana. Este artigo propõe uma reflexão dissertativa sobre 1 Coríntios 13 à luz da experiência cristã como peregrinação de esperança, destacando a centralidade do amor na vivência comunitária e pessoal da fé. Ao final, contempla-se a Virgem Maria como modelo perfeito da caridade, Mãe e companheira dos peregrinos, que ensina a viver o amor que jamais passará.

Abstract

Chapter 13 of Saint Paul’s First Letter to the Corinthians, known as the “Hymn to Charity,” holds a central place in Christian spirituality by presenting love as the most excellent path of faith. More than a poetic text, it offers a theological synthesis that reveals charity as the criterion of authentic Christian life and as a sign of God’s presence in human history. This article proposes a discursive reflection on 1 Corinthians 13 in the light of Christian life as a pilgrimage of hope, highlighting the centrality of love in personal and communal faith. Finally, the Virgin Mary is contemplated as the perfect model of charity, Mother and companion of pilgrims, who teaches how to live the love that never fails.

1 - Introdução

O célebre hino à caridade apresentado por São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 13) ocupa um lugar singular na tradição cristã, não apenas pela beleza literária de suas palavras, mas sobretudo pela profundidade teológica e pastoral que encerra. Inserido no contexto de uma comunidade marcada por tensões internas, disputas por prestígio espiritual e fragilidades na vivência da comunhão, esse texto nasce como resposta concreta a uma Igreja real, situada na complexidade da história e da condição humana. Ao falar do amor, Paulo não se dirige a uma comunidade ideal, mas a um povo peregrino, necessitado de conversão e amadurecimento na fé.

A cidade de Corinto, com sua diversidade cultural, prosperidade econômica e permissividade moral, refletia os desafios próprios de um mundo fragmentado. A comunidade cristã ali formada carregava as marcas desse ambiente, revelando dificuldades em compreender que os dons espirituais só encontram sentido quando ordenados pela caridade. É precisamente nesse cenário que Paulo proclama o amor como *“caminho ainda mais excelente”*, elevando a caridade à condição de fundamento da vida cristã e da unidade eclesial.

Desde o início, portanto, 1 Coríntios 13 se apresenta como um texto profundamente eclesial. Ele não trata apenas da perfeição moral individual, mas da construção de comunidades capazes de viver a fé como experiência de comunhão, esperança e perseverança. O amor descrito pelo apóstolo é paciente, humilde e fiel, porque nasce de Deus e conduz de volta a Ele. Trata-se de uma caridade que sustenta a caminhada cristã em meio às fragilidades, iluminando o percurso do peregrino que ainda não vê plenamente, mas já ama verdadeiramente.

Nesse horizonte, a figura de Maria surge como chave interpretativa essencial. Se Paulo anuncia o amor como critério absoluto da vida cristã, Maria o encarna de modo perfeito. Mãe da Igreja e companheira dos peregrinos da esperança, ela responde às fragilidades humanas com um amor materno que acolhe, educa e sustenta. Desde o seu *“fiat”* até a permanência silenciosa junto à comunidade nascente, Maria revela que a caridade não é apenas ensinada, mas vivida, especialmente nos momentos de obscuridade e prova.

Assim, este artigo propõe uma leitura de 1 Coríntios 13 à luz da experiência concreta da comunidade de Corinto e da vivência plena da caridade em Maria. Ao percorrer o hino paulino, busca-se compreender como o amor se torna fundamento da caminhada cristã, expressão concreta da esperança, caminho de maturidade espiritual e antecipação da eternidade, encontrando em Maria seu modelo mais perfeito e seguro para a vida da Igreja hoje.

2 - A Comunidade de Corinto, o Discernimento Pastoral de Paulo e o Amor como Princípio de Comunhão

A escolha da comunidade de Corinto como destinatária do mais elevado hino ao amor do Novo Testamento revela a profunda sensibilidade pastoral do apóstolo Paulo. Corinto era uma cidade marcada pela prosperidade econômica, pelo pluralismo cultural e religioso e por uma vida social intensamente fragmentada. Essas características refletiam-se na comunidade cristã local, formada por pessoas de origens diversas, com compreensões ainda imaturas da fé e dificuldades reais de viver a comunhão evangélica.

As cartas paulinas evidenciam uma Igreja ferida por divisões internas, disputas por prestígio espiritual, confusão quanto ao uso dos carismas e fragilidades morais. Não faltavam dons, mas faltava unidade. Nesse contexto, Paulo compreende que o problema central não era doutrinal ou disciplinar em primeiro lugar, mas profundamente espiritual: a ausência da caridade como fundamento da vida comunitária. Por isso, ao tratar dos carismas, ele conduz os fiéis a um *“caminho ainda mais excelente”* (1Cor 12,31), apresentando o amor como critério absoluto de autenticidade cristã.

O capítulo 13 surge, assim, como uma resposta direta às fragilidades da comunidade. Cada característica do amor descrita por Paulo — paciente, benigno, humilde, desinteressado — confronta comportamentos concretos presentes entre os coríntios. São João Crisóstomo observa que Paulo descreve o amor *“não em conceitos abstratos, mas como remédio para os vícios reais da comunidade”* (Homiliae in Epistolam I ad Corinthios). O amor é apresentado como força capaz de curar divisões e reconstruir a comunhão.

É nesse ponto que a figura de Maria se ilumina como chave interpretativa e pastoral. Assim como Corinto, também as comunidades cristãs de todos os tempos carregam tensões, incompreensões e limites humanos. Maria, Mãe da Igreja, responde a essas fragilidades não com julgamento, mas com amor materno que acolhe, acompanha e sustenta. Seu modo de amar não elimina imediatamente os conflitos, mas cria um espaço onde a graça pode agir e transformar os corações.

Nos Atos dos Apóstolos, Maria aparece reunida com a comunidade nascente em oração perseverante (At 1,14), oferecendo um modelo de presença silenciosa e unificadora. Ela não ocupa o centro com palavras ou protagonismos, mas sustenta a comunhão pela fidelidade, pela escuta e pela entrega confiante a Deus. Esse amor materno, vivido na discrição, é o mesmo amor que Paulo propõe aos coríntios como fundamento da vida comunitária.

Assim, Maria torna-se imagem viva da caridade que Paulo anuncia. Diante das fragilidades da Igreja, ela ensina que o amor verdadeiro não divide, não se impõe e não busca a si mesmo, mas gera unidade e perseverança. São Paulo VI afirma que Maria é *“Mãe amorosa da Igreja, que educa seus filhos na caridade”* (Marialis Cultus, n. 37). Nela, a comunidade aprende que somente o amor vivido com humildade e constância pode transformar conflitos em caminho de comunhão.

Dessa forma, a mensagem dirigida por Paulo à comunidade de Corinto encontra em Maria sua realização mais perfeita. O apóstolo aponta o caminho; Maria o percorre plenamente. Onde a comunidade é frágil, ela é mãe; onde há divisão, ela gera unidade; onde falta amor, ela ensina a amar. Assim, o “Hino à Caridade” deixa de ser apenas uma exortação paulina e torna-se, em Maria, uma experiência viva e concreta do amor que jamais passa.



3 - O Amor como Fundamento da Caminhada Cristã

São Paulo inicia o capítulo afirmando que, sem o amor, até as maiores realizações espirituais se tornam vazias. Essa afirmação possui profundo significado para quem vive a fé como caminho. O peregrino pode percorrer longas distâncias, realizar grandes obras e possuir vasto conhecimento religioso; contudo, sem a caridade, tudo se reduz a esforço humano desprovido de transcendência.

O amor aparece, assim, como fundamento invisível da caminhada cristã. Ele é a força que transforma dons em serviço e práticas religiosas em encontro com Deus. Santo Agostinho exprime essa verdade ao afirmar que *“onde há caridade e amor, aí Deus está”*, indicando que a presença divina não se mede pela exterioridade das ações, mas pela interioridade do amor que as sustenta.

Nesse sentido, a peregrinação exterior só encontra pleno significado quando corresponde a uma peregrinação interior. O amor educa o olhar do cristão para reconhecer o outro como companheiro de caminho e não como obstáculo. Ele é o princípio que edifica a comunhão e mantém viva a esperança, mesmo quando o percurso se torna exigente.

O primado do amor revela, ainda, que a lógica do Evangelho se opõe à lógica do mundo. Enquanto a mentalidade mundana valoriza o êxito, a visibilidade e o poder, São Paulo proclama que a verdadeira grandeza se manifesta no amor que se doa silenciosamente. A caminhada cristã, sustentada pela caridade, não busca reconhecimento, mas fidelidade. Como ensina São João Crisóstomo, *“nada torna o ser humano tão semelhante a Deus quanto amar gratuitamente”* (Homiliae in Matthaeum).

Além disso, o amor como fundamento da caminhada cristã possui uma dimensão profundamente eclesial. Não se caminha sozinho na fé, mas como membros de um mesmo Corpo. A caridade é o vínculo que une os peregrinos e impede que a diversidade de dons se transforme em motivo de divisão. O Concílio Vaticano II recorda que a Igreja é edificada na caridade, pois é ela que mantém a unidade na pluralidade (Lumen Gentium, n. 42).

Por fim, reconhecer o amor como fundamento da caminhada cristã significa compreender que cada passo, por menor que pareça, possui valor eterno quando realizado na caridade. O caminho não é medido apenas pela distância percorrida, mas pela qualidade do amor vivido. Assim, o peregrino aprende que avançar na fé é, antes de tudo, crescer no amor, deixando-se conduzir por Deus que caminha com o seu povo.

4 - A Caridade como Expressão Concreta da Esperança

O amor descrito por São Paulo não é idealizado nem abstrato. Ele se manifesta em atitudes concretas: paciência, bondade, humildade, desinteresse e perseverança. Trata-se de um amor que sabe caminhar no tempo, respeitando os ritmos humanos, sem perder a confiança na ação de Deus. Essa



dimensão concreta da caridade revela que a esperança cristã não é fuga da realidade, mas força que a transforma a partir de dentro.

Para o peregrino cristão, a esperança não é mera expectativa passiva, mas confiança ativa sustentada pela caridade. O amor permite continuar caminhando mesmo quando o percurso se torna árduo e marcado por incertezas. São Basílio Magno recorda que o amor é a força que mantém unidos aqueles que caminham em direção a Deus, impedindo que o desânimo ou o isolamento interrompam a jornada espiritual.

A caridade, nesse sentido, torna-se linguagem visível da esperança. Onde o amor é vivido, o futuro não se fecha, mesmo diante da dor. Cada gesto de bondade, por menor que seja, abre uma brecha de luz no caminho e testemunha que Deus continua agindo na história. Assim, a esperança cristã se expressa não apenas em palavras, mas em atitudes que constroem e sustentam a vida.

Além disso, a caridade permite que a esperança se torne perseverante. São Paulo afirma que o amor tudo espera, indicando que a esperança cristã não se esgota diante das decepções humanas. Amar é continuar esperando mesmo quando os frutos ainda não são visíveis, confiando que Deus age no silêncio e no tempo oportuno. Santo Agostinho ensina que *“a esperança cristã se alimenta do amor, pois só espera verdadeiramente quem ama”* (Enarrationes in Psalmos).

A esperança sustentada pela caridade também possui uma dimensão comunitária. Ela impede que o sofrimento do outro seja ignorado ou relativizado. O amor leva o peregrino a carregar as cargas alheias, transformando a caminhada em experiência de solidariedade. O Papa Bento XVI recorda que *“a caridade é o coração da vida social cristã”* (Deus Caritas Est, n. 25), pois nela a esperança se torna compromisso concreto com o próximo.

Por fim, compreender a caridade como expressão concreta da esperança significa reconhecer que o amor cristão é profundamente ativo e transformador. Ele não se limita a consolar, mas constrói; não apenas espera, mas prepara o futuro. No caminho da fé, a caridade faz da esperança uma realidade já em germinação, permitindo que cada peregrino se torne sinal vivo de que Deus continua conduzindo seu povo rumo à plenitude da vida.

5 - Amor e Verdade no Caminho da Maturidade Espiritual

Ao afirmar que o amor se alegra com a verdade, São Paulo estabelece uma relação indissociável entre caridade e fidelidade ao Evangelho. O amor cristão não pode ser reduzido a mera benevolência emocional, pois ele nasce do encontro com a Verdade que é Cristo. Amar, nesse horizonte, significa conduzir a própria vida e a vida do outro para aquilo que realiza plenamente o ser humano segundo o desígnio de Deus.



Essa compreensão confere ao amor um caráter formativo e pedagógico. No caminho da maturidade espiritual, a caridade educa a consciência, purifica as intenções e orienta as escolhas. O cristão amadurece na fé à medida que aprende a amar sem distorcer a verdade nem instrumentalizá-la. São Gregório Magno ensina que *“o amor verdadeiro sabe quando falar e quando silenciar”*, pois busca sempre a salvação do outro (Regula Pastoralis).

Além disso, a união entre amor e verdade preserva a comunidade cristã de dois riscos opostos: o rigorismo que fere e o relativismo que confunde. O amor sem verdade perde consistência; a verdade sem amor perde credibilidade. Bento XVI recorda que *“a verdade precisa ser buscada, encontrada e expressa na economia da caridade”* (Caritas in Veritate, n. 2). Assim, o amor torna-se critério de autenticidade da verdade anunciada.

No itinerário do peregrino, essa integração é decisiva. A maturidade espiritual não se mede pela ausência de conflitos, mas pela capacidade de atravessá-los com amor e fidelidade. O amor que se alegra com a verdade sustenta o cristão nas decisões difíceis, impedindo que a fé se torne acomodação ou fuga da realidade.

Por fim, o amor vivido na verdade conduz à liberdade interior. Ele liberta do medo de errar, do desejo de agradar a todos e da tentação de relativizar o Evangelho. No caminho da fé, amar na verdade é caminhar com firmeza e mansidão, deixando-se conduzir pela luz de Cristo, que ilumina os passos dos que O seguem.

6 - O Amor que Permanece Além do Caminho

Quando São Paulo afirma que o amor jamais passará, ele desloca o olhar do cristão para além do horizonte imediato da história. A caridade não pertence apenas ao tempo presente, mas já participa da eternidade de Deus. Enquanto os dons espirituais estão ligados à condição peregrina da Igreja, o amor é a realidade que permanece quando todas as mediações cessam.

A imagem do “espelho” utilizada pelo apóstolo expressa a condição limitada do conhecimento humano. Vê-se de modo imperfeito, fragmentado e provisório. O amor, porém, antecipa a comunhão plena, pois estabelece desde já uma relação verdadeira com Deus e com o próximo. Santo Agostinho ensina que *“o amor é o começo da visão”* (De Trinitate), pois prepara o coração para o encontro face a face.

Essa dimensão escatológica do amor oferece profundo consolo aos peregrinos da esperança. No caminho marcado por perdas, despedidas e limites, o amor vivido não se perde, mas é transfigurado. Cada gesto de caridade torna-se semente de eternidade, guardada em Deus. Assim, o cristão caminha com a certeza de que nada do que foi amado em Deus será esquecido.



Além disso, o amor que permanece confere sentido às renúncias e aos sacrifícios do caminho. O que parece pequeno ou invisível aos olhos do mundo adquire valor eterno quando realizado na caridade. O Concílio Vaticano II recorda que a caridade “*governa, vivifica e conduz todas as virtudes*” (Lumen Gentium, n. 42), justamente porque permanece além do tempo.

Por fim, essa certeza transforma o modo de caminhar. O peregrino da esperança não vive apenas orientado por metas imediatas, mas pela promessa da comunhão definitiva. Amar é já habitar, de modo antecipado, a casa do Pai. Assim, o amor que jamais passará torna-se luz que orienta o caminho e sustenta a fidelidade até o fim.

7 - Maria, Mãe dos Peregrinos e Modelo do Amor que Não Passa

À luz de 1 Coríntios 13, a Virgem Maria manifesta de forma singular o amor que tudo crê, tudo espera e tudo suporta. Sua vida inteira é marcada por uma caridade silenciosa, profundamente enraizada na fé. Desde a Anunciação, Maria acolhe o mistério de Deus sem exigir garantias, entregando-se com confiança ao caminho que lhe é proposto.

O amor de Maria é um amor peregrino. Ela caminha na fé, atravessa incompreensões, experimenta a pobreza, o exílio e a dor, sem jamais romper sua comunhão com Deus. São Bernardo de Claraval afirma que Maria “*avançou na peregrinação da fé*”, sustentada por um amor que não buscava a si mesmo (Homiliae super Missus Est). Nela, o amor se revela como fidelidade perseverante.

Ao guardar e meditar tudo em seu coração, Maria ensina que amar também é saber esperar. Seu amor não é apressado nem impaciente; ele respeita o tempo de Deus. Essa atitude faz de Maria modelo perfeito para os peregrinos da esperança, que aprendem com ela a caminhar mesmo quando o sentido do caminho não é plenamente compreendido.

No Calvário, Maria atinge o ápice do amor descrito por São Paulo. Ali, seu amor tudo suporta e não se rebela contra o sofrimento. Permanecendo de pé junto à cruz, ela acolhe a humanidade como filhos, segundo a palavra de Jesus. São João Paulo II ensina que, nesse momento, Maria exerce plenamente sua maternidade espiritual (Redemptoris Mater, n. 23).

Por fim, Maria permanece como companheira de todos os que caminham na fé. Seu amor não passou com o término de sua vida terrena, mas continua a interceder e a acolher. Nela, o amor jamais passa porque está totalmente enraizado em Deus. Maria ensina aos peregrinos da esperança que amar é permanecer, confiar e entregar-se, certos de que onde está esse amor, ali está Deus.



8. Conclusões

Ao longo deste percurso reflexivo, torna-se evidente que o hino à caridade de 1 Coríntios 13 não constitui apenas uma exortação moral, mas o coração da proposta cristã para a vida pessoal e comunitária. Dirigido a uma comunidade marcada por divisões e fragilidades, o texto paulino revela que o amor não é acessório da fé, mas sua medida mais alta e seu critério de autenticidade. Onde falta caridade, mesmo os maiores dons perdem sentido; onde ela é vivida, a Igreja se constrói como sinal de esperança no mundo.

A comunidade de Corinto, com suas contradições, torna-se espelho das comunidades cristãs de todos os tempos. Paulo não responde às suas crises com condenações estereis, mas com a apresentação de um caminho: o amor que tudo suporta, tudo espera e jamais passa. Esse amor não nega os conflitos, mas os atravessa; não elimina as diferenças, mas as ordena; não promete soluções imediatas, mas sustenta a perseverança na fé.

Nesse mesmo horizonte, Maria emerge como a realização concreta da caridade anunciada por Paulo. Se o apóstolo descreve o amor, Maria o vive plenamente. Diante das fragilidades da Igreja nascente, ela permanece em oração, em silêncio e em fidelidade, oferecendo um amor materno que gera unidade e esperança. Nela, a caridade não se manifesta em discursos, mas em presença; não em protagonismo, mas em doação total a Deus e aos irmãos.

Maria ensina que o amor cristão é profundamente comunitário. Seu modo de amar não se impõe, mas acompanha; não divide, mas reúne; não desespera diante das quedas, mas confia na ação da graça. Como Mãe da Igreja, ela continua a responder às fragilidades do povo de Deus com o mesmo amor que sustentou os discípulos no Cenáculo, fazendo da esperança uma realidade viva no caminho da fé.

Por fim, compreender 1 Coríntios 13 à luz da experiência de Corinto e do testemunho de Maria permite reconhecer que o amor é o verdadeiro caminho do peregrino cristão. Ele sustenta a caminhada, ilumina a esperança e antecipa a eternidade. Onde esse amor é vivido, Deus se faz presente; onde Maria é acolhida como Mãe, a caridade encontra um rosto concreto. Assim, confirma-se a verdade que atravessa todo o artigo: onde está o amor, aí está Deus — e ali também está Maria, conduzindo os peregrinos da esperança rumo à plenitude da vida.

Desse modo, a reflexão conduz naturalmente à síntese magistral de São Paulo: *“Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor”* (1Cor 13,13). A fé sustenta o peregrino no caminho, a esperança o mantém em marcha apesar das sombras, mas é o amor que dá sentido a cada passo e orienta toda a caminhada para Deus. Na experiência cristã, tudo começa pela fé e se projeta na esperança, mas tudo encontra sua plenitude na caridade, que jamais passa.



Em Maria, essa verdade alcança sua expressão mais luminosa. Nela, a fé acolhe plenamente o mistério, a esperança permanece firme mesmo ao pé da cruz, e o amor se revela maior do que toda dor e limite humano. Assim, no percurso da Igreja ao longo da história, Maria revela que o amor é a única realidade que permanece, o princípio que gera comunhão e o caminho que conduz à vida plena. Onde a caridade é vivida, Deus se manifesta; e onde Maria exerce sua maternidade, a esperança persevera.

Referências Bibliográficas

BERGOGLIO, Jorge Mario (PAPA FRANCISCO). *Spes non confundit*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.pdf Acesso em: 10-03-2026.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Homilias sobre o “Missus Est”*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CRISÓSTOMO, São João. *Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, 2004.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Trindade (De Trinitate)*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Exposições sobre os Salmos (Enarrationes in Psalmos)*. São Paulo: Paulus, 1997.

MAGNO, São Basílio. *Homilias*. São Paulo: Paulus, 2001.

MAGNO, São Gregório. *Regra pastoral*. São Paulo: Paulus, 2007.

MONTINI, Giovanni Battista Enrico Antonio Maria (SÃO PAULO VI). *Exortação Apostólica Marialis Cultus*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html Acesso em: 10/03/2026.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI). *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html Acesso em: 10/03/2026.

_____. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html Acesso em: 12/03/2026.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *O amor só é digno de fé*. Disponível em: <https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/pt/s%C3%B3-o-amor-%C3%A9-digno-de-f%C3%A9.pdf> Acesso em: 15/03/2026.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II). *Redemptoris Mater* (1987). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html Acesso em: 15/03/2026.



A Verdade em Santo Agostinho: Interioridade, Iluminação Divina e Cristo como Verdade Subsistente

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

*“Não saias de ti; entra em ti mesmo, pois no homem interior habita a verdade.”
“Noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas.”
(Santo Agostinho)*

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de verdade na obra de Santo Agostinho, destacando sua originalidade e profundidade no diálogo entre filosofia e teologia. Partindo do contexto do pensamento antigo e do itinerário intelectual do próprio Agostinho, o estudo aborda a superação do ceticismo, a centralidade da interioridade, a teoria da iluminação divina e a íntima relação entre fé e razão. A verdade, para Agostinho, não é apenas um conceito abstrato, mas uma realidade viva, enraizada em Deus e plenamente revelada em Cristo, Verbo eterno e Verdade subsistente. Ao final, evidencia-se que a verdade agostiniana possui uma dimensão existencial e salvífica, inseparável do amor e da beatitude, constituindo-se como o fim último da busca humana.

Abstract

This article aims to analyze the concept of truth in the work of Saint Augustine, highlighting its originality and depth within the dialogue between philosophy and theology. Starting from the context of ancient thought and Augustine's own intellectual journey, the study addresses the overcoming of skepticism, the centrality of interiority, the theory of divine illumination, and the intimate relationship between faith and reason. For Augustine, truth is not merely an abstract concept, but a living reality rooted in God and fully revealed in Christ, the eternal Word and subsistent Truth. In conclusion, the article demonstrates that Augustinian truth possesses an existential and salvific dimension, inseparable from love and beatitude, and constitutes the ultimate end of the human search.

1 - Introdução

A questão da verdade sempre ocupou um lugar central na história do pensamento filosófico e teológico. Desde os primeiros filósofos gregos até os grandes sistemas da Antiguidade tardia, a busca pela verdade esteve associada à tentativa de compreender o sentido último da realidade e da existência humana. Nesse contexto, Santo Agostinho (354–430) emerge como uma das figuras mais influentes, não apenas por



sua capacidade de assimilar criticamente a herança filosófica clássica, mas sobretudo por integrar essa tradição à fé cristã de modo original e fecundo.

Para Agostinho, a verdade não se reduz a um problema meramente epistemológico. Ela envolve toda a existência humana, tocando simultaneamente a razão, a vontade e o coração. Sua reflexão nasce de uma experiência concreta de busca, marcada por erros, inquietações e decepções intelectuais, mas também por uma profunda sede de sentido. Como ele próprio confessa, seu coração permaneceu inquieto enquanto não repousou em Deus, fonte última de toda verdade (Confissões I,1).

O presente artigo propõe-se a examinar o conceito de verdade em Santo Agostinho a partir de uma abordagem dissertativa, equilibrando os aspectos filosóficos e teológicos de sua obra. Serão analisados os principais elementos que estruturam sua compreensão da verdade: a interioridade, a iluminação divina, a relação entre fé e razão, a centralidade de Cristo e a ligação intrínseca entre verdade, amor e beatitude.

Ao desenvolver esses aspectos, pretende-se mostrar que a verdade agostiniana não é apenas algo que se conhece, mas algo que se vive. Ela é encontro, conversão e caminho. Assim, a reflexão de Santo Agostinho permanece atual, oferecendo uma resposta consistente às inquietações contemporâneas acerca da possibilidade do conhecimento verdadeiro e do sentido último da existência humana.

2 - O Problema da Verdade na Filosofia Antiga e a Conversão Intelectual de Santo Agostinho

A reflexão agostiniana sobre a verdade não pode ser compreendida sem referência ao contexto intelectual da filosofia antiga. O mundo greco-romano apresentava uma multiplicidade de escolas filosóficas que, embora divergentes entre si, compartilhavam a convicção de que a filosofia deveria conduzir o homem à verdade e à felicidade. Platônicos, aristotélicos, estoicos e epicuristas, cada qual a seu modo, buscavam um conhecimento seguro que fosse capaz de orientar a vida humana.

Entretanto, ao lado dessas correntes, o ceticismo acadêmico exerceu forte influência no ambiente intelectual do século IV. Os cétricos defendiam a impossibilidade de alcançar a verdade com certeza, propondo a suspensão do juízo como atitude mais prudente diante da fragilidade do conhecimento humano. Agostinho, em sua juventude, foi profundamente impactado por essa posição, sobretudo após sua decepção com o maniqueísmo, que prometera respostas racionais claras, mas se revelara intelectualmente inconsistente.

A adesão temporária ao ceticismo não significou, porém, um abandono da busca pela verdade. Pelo contrário, ela intensificou sua inquietação interior. Como o próprio Agostinho relata, viver sem a possibilidade de alcançar a verdade equivaleria a renunciar ao sentido da vida intelectual e moral (Contra Acadêmicos III, 20). Essa constatação levou-o a criticar o ceticismo, afirmando que a própria dúvida pressupõe alguma forma de verdade, ao menos a verdade de que se duvida.

O encontro com o neoplatonismo constituiu um momento decisivo em seu itinerário intelectual. Nos textos platônicos, Agostinho encontrou a afirmação da existência de verdades eternas e imutáveis, superiores ao mundo sensível e à mente humana. Essa descoberta permitiu-lhe superar o materialismo e compreender que a verdade não poderia ser reduzida aos sentidos ou às opiniões mutáveis, mas deveria residir em uma realidade transcendente (Confissões VII, 10).

Todavia, embora o neoplatonismo tenha conduzido Agostinho a uma concepção elevada da verdade, ele reconheceu seus limites. Faltava-lhe, segundo o próprio Agostinho, o caminho que conduzisse não apenas ao conhecimento da verdade, mas à sua posse plena e salvífica. Esse caminho seria encontrado em Cristo, Verdade encarnada, que não apenas ilumina a inteligência, mas transforma o coração. Assim, a conversão intelectual de Santo Agostinho preparou o terreno para sua conversão espiritual, na qual a verdade deixou de ser apenas objeto de contemplação para tornar-se fundamento de uma vida nova.

3 - A Verdade como Interioridade: “*noli foras ire, in te ipsum redi*”

A noção de interioridade ocupa um lugar central na compreensão agostiniana da verdade. Em oposição às correntes filosóficas que buscavam a verdade primordialmente no mundo exterior ou na observação sensível, Santo Agostinho propõe um movimento de retorno ao interior do homem. Essa orientação é expressa de modo emblemático na célebre afirmação: “*Noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas*” (De Vera Religione, 39,72). Tal formulação não indica um subjetivismo relativista, mas um itinerário espiritual e intelectual que conduz da interioridade humana à transcendência divina.

Para Agostinho, a dispersão no exterior impede o encontro com a verdade. O homem, ao se deixar absorver pelas realidades mutáveis do mundo sensível, perde-se em opiniões instáveis e não alcança o conhecimento verdadeiro. A interioridade surge, então, como método filosófico e caminho existencial. Voltar-se para dentro não significa fechar-se em si mesmo, mas recolher-se para encontrar, no mais íntimo da alma, os vestígios da presença de Deus, fonte de toda verdade.

Esse retorno ao interior revela a estrutura da alma humana, composta de memória, inteligência e vontade. Na memória, Agostinho reconhece um vasto repositório não apenas de imagens sensíveis, mas também de noções imutáveis, como as verdades matemáticas e os princípios lógicos, que não podem ser explicados apenas pela experiência sensível (Confissões X, 12). Tais verdades indicam a presença de uma luz superior que ultrapassa o próprio intelecto humano.

A inteligência, por sua vez, é a faculdade pela qual o homem apreende a verdade, mas não a produz por si mesmo. Agostinho insiste que o intelecto humano é mutável e falível, enquanto a verdade é eterna e imutável. Essa desproporção conduz à conclusão de que a verdade não pode ter sua origem na mente



humana, mas deve proceder de uma fonte superior, que ilumina o intelecto desde dentro. Assim, a interioridade não é o ponto final da busca, mas o lugar onde se manifesta a dependência radical da criatura em relação ao Criador.

Contudo, Agostinho adverte que a interioridade, isolada de Deus, torna-se insuficiente e até perigosa. O homem pode encontrar em si mesmo apenas a própria mutabilidade e fragilidade se não ultrapassar o nível do “eu” fechado. Por isso, o movimento interior é inseparável da transcendência: ao entrar em si mesmo, o homem descobre algo que o transcende. Como afirma Agostinho, Deus é “mais íntimo a mim do que eu mesmo” (*interior intimo meo*) e, ao mesmo tempo, “mais elevado do que o mais alto em mim” (*superior summo meo*) (Confissões III, 6).

Desse modo, a interioridade agostiniana estabelece uma síntese original entre imanência e transcendência. A verdade não é buscada fora, como se estivesse dispersa nas coisas sensíveis, nem é reduzida a uma construção subjetiva da consciência. Ela habita o interior do homem porque procede de Deus, que ilumina a mente humana sem se confundir com ela. Essa concepção permite a Agostinho superar tanto o empirismo quanto o relativismo, afirmando a possibilidade de um conhecimento verdadeiro, fundado na presença ativa de Deus na alma.

4 - A Teoria da Iluminação Divina

A doutrina da iluminação divina constitui um dos pilares centrais da epistemologia agostiniana e oferece a chave para compreender como o ser humano pode alcançar a verdade. Partindo da constatação da mutabilidade do intelecto humano e da imutabilidade da verdade, Santo Agostinho afirma que o conhecimento verdadeiro não pode ter sua origem última na mente criada. Se a verdade é eterna, necessária e universal, ela só pode proceder de Deus, que é a Verdade suprema e imutável.

Agostinho desenvolve essa tese sobretudo em obras como *De Magistro* e *De Trinitate*. No diálogo *De Magistro*, ele sustenta que nenhum homem ensina verdadeiramente a outro; o mestre exterior apenas indica, enquanto o verdadeiro ensino ocorre no interior da alma, quando Deus ilumina o intelecto para que este reconheça a verdade (*De Magistro*, 11). Assim, o conhecimento não é mera transmissão de informações, mas um ato interior no qual a mente é elevada pela luz divina.

A iluminação divina não deve ser confundida com uma revelação extraordinária ou com uma inspiração mística reservada a poucos. Para Agostinho, trata-se de uma condição ordinária do conhecimento humano. Sempre que o intelecto apreende uma verdade necessária — como os princípios lógicos ou as verdades matemáticas — ele o faz porque participa, de algum modo, da luz eterna de Deus. Essa participação não anula a atividade racional, mas a fundamenta e a torna possível.



Nesse sentido, a iluminação divina preserva simultaneamente a transcendência de Deus e a autonomia relativa da razão humana. Agostinho rejeita tanto a ideia de que o homem seja a fonte última da verdade quanto a noção de que a razão seja passiva ou inútil. O intelecto humano julga, discerne e compreende, mas só pode fazê-lo porque é previamente iluminado por Deus, assim como os olhos só veem quando banhados pela luz do sol (De Trinitate XII, 15).

A relação entre iluminação e verdade eterna também permite a Agostinho explicar a universalidade do conhecimento verdadeiro. Se diferentes indivíduos, em tempos e lugares diversos, reconhecem as mesmas verdades imutáveis, isso não pode ser explicado por disposições subjetivas ou convenções sociais. Tal universalidade aponta para uma fonte comum, que transcende as mentes individuais. Essa fonte é o próprio Deus, no qual todas as verdades encontram sua unidade e fundamento.

Por fim, a doutrina da iluminação divina possui implicações profundamente teológicas e existenciais. Conhecer a verdade não é apenas um ato intelectual, mas um movimento de aproximação de Deus. A luz que ilumina o intelecto é a mesma que chama o homem à conversão e à vida nova. Desse modo, em Santo Agostinho, a epistemologia está inseparavelmente ligada à espiritualidade: conhecer a verdade é, em última instância, participar da vida divina, ainda que de modo imperfeito nesta existência.

5 - Verdade, Fé e Razão: O Princípio do *Credo ut Intelligam*

A relação entre fé e razão ocupa um lugar central na compreensão agostiniana da verdade. Longe de opor essas duas dimensões, Santo Agostinho as concebe como realidades complementares, ordenadas ao mesmo fim: o conhecimento da verdade que conduz à vida plena. A célebre expressão *credo ut intelligam* sintetiza essa dinâmica, indicando que a fé não suprime a razão, mas a precede e a orienta em seu caminho em direção à verdade.

Para Agostinho, a fé surge como resposta necessária à condição finita do intelecto humano. Diante das verdades últimas — sobretudo aquelas que dizem respeito a Deus — a razão encontra limites que não pode ultrapassar sozinha. A fé, nesse sentido, não é um refúgio irracional, mas um ato livre e racional de confiança na autoridade divina. Como afirma Agostinho, “não se deve buscar compreender para crer, mas crer para compreender” (Sermones, 43,7), pois a fé abre o horizonte no qual a razão pode operar de modo mais pleno.

Entretanto, Agostinho rejeita qualquer forma de fideísmo que despreze o papel da razão. A fé autêntica desperta o desejo de compreender aquilo que se crê. Esse movimento é expresso na fórmula complementar *intelligo ut credam*, pela qual o crente, iluminado pela razão, aprofunda sua adesão à verdade revelada. Assim, fé e razão estabelecem entre si uma relação dinâmica, na qual a fé impulsiona a razão e a razão fortalece a fé.



Essa articulação permite a Agostinho enfrentar tanto o racionalismo quanto o ceticismo. Contra o racionalismo, ele afirma que a razão humana, isolada, não é capaz de alcançar a verdade plena sobre Deus e sobre o sentido último da existência. Contra o ceticismo, sustenta que a fé oferece um fundamento seguro para o conhecimento, afastando a dúvida radical que paralisa a busca da verdade. A fé cristã, longe de obscurecer a razão, liberta-a da incerteza e do erro.

No centro dessa relação entre fé e razão está a verdade revelada. Para Agostinho, a revelação não contradiz a razão, mas a ultrapassa. As verdades da fé pertencem a uma ordem superior, que não anula a racionalidade, mas a convida a reconhecer seus próprios limites. Desse modo, a verdade revelada torna-se critério e luz para o exercício da razão, preservando-a tanto do orgulho intelectual quanto do desespero epistemológico.

Por fim, o princípio do *credo ut intelligam* possui uma profunda dimensão existencial. Crer não é apenas aceitar proposições verdadeiras, mas comprometer toda a vida com a verdade que se conhece. A fé envolve a vontade e o amor, orientando o homem para Deus, que é a Verdade suprema. Assim, em Santo Agostinho, a busca da verdade é inseparável de um caminho de conversão, no qual fé e razão cooperam para conduzir o homem à sabedoria e à beatitude.

6 - Cristo como Verdade Subsistente

A reflexão de Santo Agostinho sobre a verdade encontra sua plena realização na cristologia. Para o bispo de Hipona, a verdade não é apenas um princípio abstrato ou uma realidade inteligível acessível à razão iluminada; ela é uma Pessoa. Em Cristo, o Verbo eterno de Deus, a verdade assume forma histórica e se torna acessível ao homem em sua condição concreta. Essa afirmação confere à epistemologia agostiniana uma dimensão profundamente teológica e salvífica.

Inspirando-se no prólogo do Evangelho de João, Agostinho identifica Cristo com o Verbo por meio do qual todas as coisas foram feitas e no qual subsistem todas as verdades. O Verbo é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9), e é nessa luz que o intelecto humano participa do conhecimento verdadeiro. Assim, toda verdade conhecida, seja no âmbito natural ou sobrenatural, tem sua origem última em Cristo, mesmo quando não é explicitamente reconhecida como tal (*De Trinitate* I, 3).

A encarnação do Verbo ocupa um lugar decisivo nessa concepção. Para Agostinho, o homem, enfraquecido pelo pecado, não poderia elevar-se por si mesmo à contemplação da verdade divina. Era necessário que a Verdade viesse ao encontro do homem, assumindo sua condição. Em Cristo, a verdade eterna se reveste de humildade, tornando-se visível, audível e acessível. Como afirma Agostinho, Cristo é ao mesmo tempo o caminho pelo qual se chega à verdade e a própria verdade à qual se chega (Confissões VII, 18).

Essa mediação de Cristo não se limita ao âmbito do conhecimento intelectual. Conhecer a verdade, para Agostinho, é inseparável de ser transformado por ela. Cristo não apenas ensina a verdade, mas comunica a graça que cura o intelecto e ordena a vontade. Por isso, o conhecimento verdadeiro exige uma disposição moral e espiritual adequada: somente o coração purificado pelo amor pode acolher plenamente a verdade revelada em Cristo.

Além disso, a identificação de Cristo como Verdade subsistente permite a Agostinho integrar de modo harmonioso filosofia e teologia. As verdades alcançadas pela razão encontram sua plenitude na verdade revelada em Cristo, sem que isso implique sua negação ou desprezo. Pelo contrário, a fé cristológica confirma e eleva as intuições mais profundas da filosofia, mostrando que toda busca sincera pela verdade já participa, ainda que de modo implícito, do Verbo eterno.

Por fim, a centralidade de Cristo confere à verdade uma dimensão escatológica. O conhecimento pleno da verdade só será alcançado na visão beatífica, quando o homem contemplará Deus face a face. Enquanto isso, a verdade se manifesta de modo parcial e mediado, mas sempre orientada para sua plenitude em Cristo. Assim, para Santo Agostinho, a verdade não é apenas o objeto da busca humana, mas o destino último da existência, no qual todo desejo encontra repouso.

7 - Verdade, Amor e Beatitude

Na reflexão de Santo Agostinho, a verdade não pode ser dissociada do amor. Diferentemente de concepções puramente intelectuais do conhecimento, Agostinho afirma que o acesso à verdade exige uma ordenação da vontade. O homem não conhece verdadeiramente aquilo que não ama, pois o amor orienta o olhar da alma e determina o modo como a verdade é acolhida. Nesse sentido, a verdade não se impõe de forma neutra, mas se oferece àquele que está disposto a acolhê-la com retidão de coração.

A centralidade do amor (*caritas*) na busca da verdade decorre da própria natureza de Deus, que é simultaneamente Verdade e Amor. Conhecer a verdade significa, portanto, entrar em comunhão com Deus. Agostinho insiste que o intelecto obscurecido pelo amor desordenado — especialmente pelo apego às realidades transitórias — torna-se incapaz de perceber a verdade em sua clareza. Somente o amor ordenado, orientado para Deus, purifica o coração e torna possível o conhecimento verdadeiro (*De Trinitate* VIII, 10).

Essa relação entre verdade e amor manifesta-se de modo especial na ética agostiniana. A verdade não é apenas algo que se contempla, mas algo que se vive. O agir humano encontra sua medida na verdade conhecida e amada. Por isso, Agostinho afirma que o erro moral está frequentemente ligado a um erro no amor: amar o que não merece ser amado como fim último ou amar de modo desordenado aquilo que é apenas meio. A verdade, ao ordenar o amor, conduz o homem à liberdade interior.



A beatitude, fim último da existência humana, consiste precisamente na posse plena da verdade amada. Para Agostinho, felicidade não é o acúmulo de bens ou a satisfação dos desejos sensíveis, mas o repouso da alma em Deus, Verdade suprema. Esse repouso, contudo, não é passividade, mas plena realização do desejo humano de conhecer e amar. Como ele afirma, o coração humano permanece inquieto enquanto não repousa em Deus (Confissões I,1).

A dimensão escatológica da verdade completa essa perspectiva. Nesta vida, o conhecimento da verdade é sempre parcial e marcado pela condição peregrina do homem. Contudo, a esperança cristã aponta para a visão beatífica, na qual a verdade será conhecida sem mediações e o amor encontrará sua plenitude. Essa expectativa confere sentido à busca presente e sustenta o esforço moral e espiritual do cristão.

Assim, em Santo Agostinho, verdade, amor e beatitude formam uma unidade inseparável. A verdade ilumina o intelecto, o amor move a vontade e a beatitude realiza plenamente o ser humano. Separar essas dimensões seria mutilar a própria compreensão agostiniana da existência humana, que se orienta integralmente para Deus como fim último e bem supremo.

8. Conclusões

A reflexão sobre a verdade em Santo Agostinho revela uma síntese original e profundamente atual entre filosofia e teologia. Partindo de sua experiência pessoal de busca e inquietação, Agostinho desenvolve uma concepção de verdade que supera tanto o ceticismo quanto o racionalismo, afirmando a possibilidade de um conhecimento verdadeiro fundado em Deus.

A interioridade surge como caminho privilegiado para o encontro com a verdade, não como fechamento subjetivo, mas como espaço de encontro com a luz divina que ilumina o intelecto humano. A teoria da iluminação divina, por sua vez, oferece um fundamento sólido para a objetividade do conhecimento, preservando simultaneamente a transcendência de Deus e a dignidade da razão humana.

A relação entre fé e razão, expressa no princípio do *credo ut intelligam*, demonstra que a fé não se opõe à racionalidade, mas a orienta e a eleva. Essa dinâmica encontra sua plena realização em Cristo, Verbo encarnado e Verdade subsistente, no qual toda verdade encontra sua origem e seu cumprimento.

Por fim, a articulação entre verdade, amor e beatitude confere à reflexão agostiniana uma dimensão existencial e salvífica. Conhecer a verdade não é apenas um exercício intelectual, mas um caminho de conversão que envolve toda a vida humana. Assim, Santo Agostinho permanece como um interlocutor privilegiado para o pensamento contemporâneo, oferecendo uma visão da verdade que é, ao mesmo tempo, luminosa, exigente e profundamente humana.

Afinal, parafraseando Santo Agostinho “*Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade.*” (Confissões, X, 24)

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

GILSON, Étienne. *A filosofia de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

HIPONA, Santo Agostinho de. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *A Trindade (De Trinitate)*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *A verdadeira religião (De vera religione)*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *O Mestre (De Magistro)*. Trad. Moacyr Novaes. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Contra os Acadêmicos*. Trad. J. Oliveira Santos. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI). *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

TRAPE, Agostino. *Santo Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. São Paulo: Paulus, 1999.

O Mestre Interior e a Verdade: Uma Resenha Teológica de *De Magistro* de Santo Agostinho

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

*“Não é pelas palavras que aprendemos, mas pela verdade que ilumina a mente.”
(Santo Agostinho)*

Resumo

O presente artigo propõe uma resenha teológica e filosófica da obra *De Magistro* (O Mestre), de Santo Agostinho, examinando sua contribuição para a compreensão cristã do conhecimento, da linguagem e do ensino. Partindo do diálogo entre Agostinho e seu filho Adeodato, a obra investiga os limites da linguagem humana e questiona a capacidade das palavras de transmitirem a verdade. Nesse contexto, o bispo de Hipona desenvolve a noção do Magister interior, afirmando que todo verdadeiro conhecimento procede de Cristo, o Verbo eterno, que ilumina interiormente a inteligência humana. O artigo analisa a relação entre signo e significado, a teoria agostiniana da iluminação, a dimensão cristológica do ato de ensinar e as implicações antropológicas e pedagógicas dessa concepção. Além disso, evidencia-se a atualidade do pensamento agostiniano diante dos desafios contemporâneos da educação, da comunicação do saber e da transmissão da fé. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem dissertativa, fundamentada em fontes patrísticas e doutrinárias, com diálogo entre filosofia e teologia. Conclui-se que *De Magistro* permanece como uma obra central para a tradição cristã, ao reafirmar que a verdade não é produto do discurso exterior, mas fruto do encontro interior da razão humana com a Verdade divina.

Abstract

This article presents a theological and philosophical review of *De Magistro* (The Teacher) by Saint Augustine, examining its contribution to the Christian understanding of knowledge, language, and teaching. Through the dialogue between Augustine and his son Adeodatus, the work investigates the limits of human language and questions the capacity of words to convey truth. In this context, Augustine develops the concept of the inner Teacher, affirming that all true knowledge proceeds from Christ, the eternal Word, who inwardly illuminates the human intellect. The article analyzes the relationship between signs and meaning, Augustine's theory of illumination, the Christological dimension of teaching, and the anthropological and pedagogical implications of this perspective. Furthermore, it highlights the contemporary relevance of Augustine's thought in light of current challenges in education,



communication of knowledge, and transmission of faith. Methodologically, the study adopts a dissertative approach grounded in patristic and doctrinal sources, fostering a dialogue between philosophy and theology. It concludes that *De Magistro* remains a foundational work within the Christian tradition, reaffirming that truth is not produced by external discourse, but arises from the interior encounter between human reason and divine Truth.

1 – Introdução

Santo Agostinho de Hipona ocupa um lugar central na tradição filosófica e teológica do cristianismo ocidental. Sua obra, marcada por profunda interioridade, diálogo entre fé e razão e constante busca pela verdade, permanece como referência indispensável para a reflexão contemporânea acerca do conhecimento humano, da linguagem e do ensino. Entre seus escritos, *De Magistro* destaca-se como um texto singular, tanto pelo formato dialogal quanto pela densidade de suas implicações epistemológicas, pedagógicas e cristológicas. Redigida por volta do ano 389, a obra apresenta um diálogo entre Agostinho e seu filho Adeodato, no qual se examina a natureza do ato de ensinar e o verdadeiro papel da palavra na comunicação da verdade.

O contexto em que *De Magistro* é elaborado revela um Agostinho já convertido ao cristianismo, profundamente influenciado pelo pensamento platônico e neoplatônico, mas igualmente comprometido com a doutrina cristã e com a centralidade do Verbo divino. Nesse sentido, a obra ultrapassa uma mera reflexão linguística ou pedagógica, inserindo-se no coração da teologia do conhecimento desenvolvida pelo autor. Agostinho questiona a eficácia das palavras como instrumentos de ensino e sustenta que nenhum mestre humano é capaz de transmitir a verdade em sentido pleno, pois esta só pode ser apreendida quando iluminada interiormente por Deus.

A problemática da linguagem ocupa, assim, lugar privilegiado na obra. Para Agostinho, as palavras são signos que remetem às realidades, mas não possuem, em si mesmas, a capacidade de gerar conhecimento verdadeiro. Elas funcionam como estímulos exteriores que conduzem o interlocutor a voltar-se para dentro de si, onde a verdade habita. Tal concepção encontra eco na célebre afirmação agostiniana segundo a qual não aprendemos pelas palavras, mas pela verdade que fala interiormente ao espírito humano (*De Magistro*, XI). Essa verdade interior não é uma construção subjetiva, mas a presença iluminadora do Logos eterno, Cristo, reconhecido como o único e verdadeiro Mestre.

A noção do *Magister interior* constitui, portanto, o eixo central de *De Magistro* e confere à obra uma inequívoca dimensão cristológica. Ao afirmar que Cristo ensina interiormente todo ser humano, Agostinho estabelece uma profunda relação entre conhecimento, verdade e salvação. O ato de conhecer deixa de ser apenas um processo intelectual e passa a envolver a totalidade da pessoa humana, convocada



a um encontro interior com a Verdade que transcende o discurso humano. Nesse horizonte, fé e razão não se opõem, mas se complementam, uma vez que a razão é elevada e aperfeiçoada pela iluminação divina.

A relevância de *De Magistro* ultrapassa o contexto histórico de sua composição e se projeta sobre questões atuais relativas à educação, à comunicação do saber e à transmissão da fé. Em uma sociedade marcada pela abundância de informações e pela valorização excessiva do discurso exterior, a reflexão agostiniana oferece uma crítica profunda ao verbalismo e à superficialidade do conhecimento. Ao reafirmar a primazia da interioridade e do silêncio como lugares privilegiados da verdade, Agostinho propõe um modelo de ensino que respeita a dignidade da consciência humana e reconhece o papel insubstituível de Deus no processo de aprendizagem.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo realizar uma resenha teológica e filosófica de *De Magistro*, analisando seus principais conceitos e evidenciando sua importância para a tradição cristã. Por meio de uma abordagem dissertativa, fundamentada em fontes patrísticas e doutrinárias, busca-se examinar o contexto da obra, a problemática da linguagem, a teoria da iluminação, a centralidade do Mestre interior, bem como suas implicações pedagógicas e sua atualidade teológica. Assim, pretende-se demonstrar que *De Magistro* permanece como um texto fundamental para a compreensão cristã do conhecimento, ao afirmar que toda verdadeira aprendizagem é, em última instância, um encontro interior com a Verdade divina.

2 – Contexto Histórico, Filosófico e Teológico de *De Magistro*

A obra *De Magistro* foi redigida por Santo Agostinho por volta do ano 389, período imediatamente posterior à sua conversão ao cristianismo e anterior à sua ordenação episcopal. Trata-se de uma fase decisiva de sua trajetória intelectual, marcada pela superação do maniqueísmo e do ceticismo acadêmico, bem como pela assimilação crítica do pensamento platônico e neoplatônico à luz da fé cristã. Nesse contexto, Agostinho empenha-se em repensar os fundamentos do conhecimento humano, buscando harmonizar a razão filosófica com a revelação cristã, o que se manifesta de modo singular na reflexão sobre o ensino e a linguagem presente em *De Magistro*.

O caráter dialogal da obra, conduzida entre Agostinho e seu filho Adeodato, não possui apenas uma função literária, mas expressa uma intencionalidade pedagógica e filosófica. O diálogo remete à tradição platônica, especialmente aos escritos de Platão, nos quais o conhecimento é apresentado como fruto da interioridade e da reminiscência. Contudo, Agostinho cristianiza essa herança filosófica ao substituir a teoria da anamnesis pela doutrina da iluminação divina, afirmando que a verdade não é recordada de vidas passadas, mas reconhecida interiormente pela ação do Verbo eterno. Assim, o diálogo



não visa simplesmente transmitir conteúdos, mas conduzir o interlocutor ao reconhecimento da verdade que já se encontra presente no interior da alma.

Do ponto de vista histórico, De Magistro insere-se em um momento em que a retórica e a educação clássica ocupavam lugar central na formação intelectual do mundo romano tardio. Agostinho, ele próprio professor de retórica antes da conversão, conhecia profundamente o poder e os limites da linguagem. Essa experiência pessoal confere à obra um caráter crítico em relação à confiança excessiva nas palavras como instrumentos de ensino. Para o autor, a eloquência pode persuadir, emocionar e estimular, mas não é capaz, por si só, de gerar conhecimento verdadeiro. Como afirma Agostinho, *“quando se fala, são os sinais que ressoam exteriormente; porém, é a verdade interior que ensina”* (AGOSTINHO, De Magistro, XI).

No plano filosófico, a obra revela uma clara influência do platonismo, sobretudo na valorização da interioridade como lugar do acesso à verdade. Todavia, Agostinho distancia-se do dualismo platônico ao afirmar a bondade da criação e a unidade da pessoa humana. A verdade não é alcançada por um abandono do mundo sensível, mas por uma elevação do espírito iluminado por Deus. Nesse sentido, a linguagem sensível não é rejeitada, mas relativizada: ela aponta para a verdade sem jamais substituí-la. Tal perspectiva fundamenta a crítica agostiniana ao verbalismo e ao intelectualismo superficial, antecipando reflexões que terão amplo desenvolvimento em sua teoria do conhecimento.

Do ponto de vista teológico, De Magistro encontra seu núcleo na cristologia do Verbo encarnado. A afirmação de que Cristo é o verdadeiro Mestre interior confere à obra uma dimensão explicitamente cristã, que ultrapassa os limites da filosofia antiga. Inspirado na Escritura — especialmente na afirmação evangélica de que *“um só é o vosso Mestre, o Cristo”* (Mt 23,8) — Agostinho sustenta que todo aprendizado autêntico é, em última instância, obra de Deus no interior da alma humana. O mestre exterior, seja ele filósofo, professor ou pregador, desempenha apenas um papel mediador, conduzindo o discípulo à escuta daquele que ensina interiormente.

Por fim, o contexto teológico de De Magistro revela uma profunda preocupação pastoral e catequética. Agostinho não escreve apenas para filósofos, mas para cristãos que buscam compreender como se dá o encontro entre a mente humana e a verdade divina. A obra reflete, assim, o esforço do autor em fundamentar uma pedagogia cristã que respeite a liberdade da consciência, valorize a interioridade e reconheça a ação da graça. Ao situar o ensino no horizonte da iluminação divina, Agostinho lança as bases de uma antropologia teológica que influenciará decisivamente a tradição medieval e permanecerá atual diante dos desafios educacionais e espirituais do mundo contemporâneo.



3 - A Problemática da Linguagem e dos Sinais em De Magistro

A reflexão sobre a linguagem ocupa lugar central na obra De Magistro, constituindo o ponto de partida da investigação agostiniana acerca do ensino e do conhecimento. Santo Agostinho inicia o diálogo interrogando a função das palavras e questionando se, de fato, aprendemos algo por meio delas. Para o autor, a linguagem não possui um valor absoluto, mas instrumental, uma vez que as palavras são signos (signa) que remetem a realidades que lhes são exteriores. Tal concepção revela uma compreensão crítica da linguagem, que, embora necessária à comunicação humana, é incapaz de produzir, por si mesma, o conhecimento da verdade.

Agostinho define o signo como aquilo que, além de impressionar os sentidos, faz vir à mente algo diferente de si mesmo. Nesse sentido, as palavras não são a realidade, mas apontam para ela. O problema surge quando se confunde o signo com a coisa significada, atribuindo à palavra um poder que ela não possui. Em De Magistro, Agostinho afirma que, ao ouvir uma palavra desconhecida, o ouvinte não aprende o seu significado pelo som emitido, mas somente quando reconhece interiormente a realidade à qual o signo se refere. Assim, *“as palavras nos advertem para que procuremos as coisas; elas não as mostram para que as conheçamos”* (AGOSTINHO, De Magistro, VIII).

Essa análise conduz Agostinho a uma crítica profunda ao verbalismo, isto é, à crença de que o ensino consiste na simples transmissão de palavras ou conceitos. Segundo o autor, quando alguém ensina, não comunica diretamente a verdade, mas oferece sinais que provocam o discípulo a voltar-se para dentro de si. A aprendizagem ocorre somente quando o espírito reconhece interiormente a verdade do que foi dito. Desse modo, o ensino exterior possui um caráter indicativo e provocativo, mas não constitutivo do conhecimento. Tal perspectiva subverte os modelos pedagógicos centrados exclusivamente na autoridade do mestre e na repetição discursiva.

A problemática da linguagem também se articula com a questão da verdade. Para Agostinho, a verdade não reside nas palavras, pois estas são mutáveis, convencionais e dependentes do contexto cultural. A verdade, ao contrário, é imutável e universal, não podendo ser contida em signos sensíveis. Essa distinção leva o autor a afirmar que, quando compreendemos algo verdadeiro a partir de uma explicação verbal, não o fazemos porque acreditamos na palavra em si, mas porque reconhecemos interiormente a verdade que ela aponta. Como observa Agostinho, *“não é aquele que fala que ensina, mas aquele que é consultado interiormente”* (AGOSTINHO, De Magistro, XI).

Do ponto de vista filosófico, essa concepção dialoga criticamente com a tradição platônica. Assim como Platão, Agostinho reconhece que a linguagem possui limites e que o conhecimento verdadeiro exige um movimento interior da alma. Contudo, enquanto Platão recorre à teoria da reminiscência, Agostinho fundamenta o conhecimento na presença ativa da Verdade divina no interior do ser humano.



A interioridade não é um simples espaço psicológico, mas o lugar onde Deus se comunica com a inteligência criada. Desse modo, a linguagem deixa de ser o meio último do conhecimento e passa a ser compreendida como um instrumento subordinado à iluminação divina.

Por fim, a análise agostiniana da linguagem em *De Magistro* possui implicações teológicas e pastorais de grande alcance. Ao relativizar o poder das palavras, Agostinho não desvaloriza a pregação ou o ensino, mas os reinsere em uma perspectiva de humildade e serviço à verdade. O mestre humano não é o possuidor da verdade, mas um mediador que conduz o discípulo ao encontro interior com Deus. Tal concepção confere à linguagem uma função ética e espiritual, exigindo do educador e do pregador a consciência de que seu discurso deve apontar além de si mesmo, conduzindo o ouvinte à escuta do Mestre interior, onde a verdade se revela plenamente.

4 - O Mestre Interior: Cristo como Verdadeiro Mestre

O conceito do *Magister interior* constitui o núcleo teológico de *De Magistro* e representa uma das formulações mais originais do pensamento agostiniano acerca do conhecimento e do ensino. Ao longo do diálogo com Adeodato, Santo Agostinho conduz progressivamente o leitor à conclusão de que nenhum mestre humano é capaz de comunicar a verdade em sentido pleno. As palavras, enquanto sinais exteriores, apenas indicam e estimulam; o verdadeiro ato de ensinar ocorre no interior da alma, quando esta reconhece a verdade iluminada por Deus. Essa concepção culmina na afirmação de que Cristo, o Verbo eterno, é o único e verdadeiro Mestre de todo ser humano.

A fundamentação dessa tese é eminentemente cristológica. Agostinho inspira-se diretamente na Sagrada Escritura, especialmente na afirmação evangélica: *“Não vos deixeis chamar de mestres, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo”* (Mt 23,8). Tal passagem não é compreendida apenas em sentido moral ou disciplinar, mas ontológico e epistemológico. Cristo é Mestre porque é a Verdade em si mesma (*Veritas*), e somente Ele possui a capacidade de iluminar interiormente a inteligência humana. Dessa forma, o conhecimento verdadeiro não é resultado de uma construção meramente racional, mas da participação da mente criada na luz do Verbo divino.

A interioridade assume, nesse contexto, um significado profundamente teológico. Quando Agostinho afirma que a verdade fala interiormente ao ser humano, não se refere a um subjetivismo psicológico ou a uma autonomia absoluta da consciência. Pelo contrário, a interioridade é o lugar do encontro com Deus, que é mais íntimo ao ser humano do que ele próprio. Como o próprio Agostinho expressará em outra obra: *“Tu eras mais interior do que o mais íntimo meu e mais elevado do que o mais alto de mim”* (AGOSTINHO, *Confissões*, III, 6, 11). Assim, o Mestre interior não é uma instância imanente autônoma, mas a presença viva de Cristo que instrui a alma na verdade.



Essa doutrina possui estreita relação com a teoria agostiniana da iluminação. Para Agostinho, o conhecimento das verdades imutáveis — especialmente das verdades morais, lógicas e espirituais — só é possível porque a mente humana é iluminada pela luz divina. Em *De Magistro*, essa iluminação é explicitamente atribuída a Cristo, identificado com o Logos eterno do prólogo do Evangelho de João: “*O Verbo era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo*” (Jo 1,9). O ato de conhecer, portanto, não é apenas um processo intelectual, mas um evento teológico, no qual Deus age no interior do ser humano.

A distinção entre o mestre exterior e o Mestre interior adquire, assim, grande relevância pedagógica e espiritual. O mestre humano ensina exteriormente por meio de palavras e exemplos, mas sua função é limitada e subordinada. Ele não produz a verdade no discípulo, mas coopera para que este se volte para dentro de si e reconheça a verdade que ali se manifesta. Agostinho afirma de modo categórico: “*Quanto às coisas que compreendemos, não consultamos quem fala exteriormente, mas a verdade que preside interiormente à mente*” (AGOSTINHO, *De Magistro*, XI). Essa afirmação redefine o papel do educador, conferindo-lhe uma missão de mediação humilde e não de dominação intelectual.

Por fim, a noção do Mestre interior confere a *De Magistro* uma profunda unidade entre epistemologia, cristologia e espiritualidade. Conhecer a verdade é, ao mesmo tempo, um ato de inteligência e um movimento de conversão interior. A aprendizagem autêntica conduz o ser humano não apenas ao saber, mas à sabedoria, entendida como conformidade com a Verdade divina. Nesse sentido, o ensinamento agostiniano ultrapassa os limites da filosofia e da pedagogia, inserindo-se no horizonte da salvação cristã. O Cristo que ensina interiormente é o mesmo que chama o ser humano à comunhão consigo, fazendo do conhecimento um caminho de encontro com Deus.

5 – Conhecimento, Verdade e a Teoria da Iluminação

A reflexão sobre o conhecimento e a verdade em *De Magistro* está intrinsecamente ligada à teoria agostiniana da iluminação, que constitui um dos pilares de sua epistemologia. Para Santo Agostinho, o conhecimento verdadeiro não pode ser reduzido à experiência sensível nem à simples atividade discursiva da razão. Embora os sentidos e a linguagem desempenhem um papel inicial no processo cognitivo, eles são insuficientes para garantir a apreensão da verdade, especialmente no que se refere às realidades universais e imutáveis. A certeza do conhecimento exige um fundamento que transcenda a mutabilidade do mundo sensível e da mente humana.

A teoria da iluminação surge, assim, como resposta à questão acerca da possibilidade do conhecimento verdadeiro. Agostinho sustenta que a mente humana conhece a verdade porque é iluminada por Deus, que é a própria Verdade. Essa iluminação não deve ser compreendida como uma



revelação extraordinária ou externa, mas como uma presença constante e interior da luz divina que torna possível o ato de conhecer. Em *De Magistro*, essa concepção manifesta-se na afirmação de que aprendemos quando a verdade se manifesta interiormente à nossa inteligência, independentemente das palavras que nos são dirigidas exteriormente. Como afirma o autor, “*ninguém aprende se não for advertido pela verdade que ensina interiormente*” (AGOSTINHO, *De Magistro*, XI).

A verdade, para Agostinho, possui caráter objetivo e imutável. Ela não é criada pela mente humana, mas reconhecida por ela. Essa posição afasta tanto o relativismo quanto o subjetivismo epistemológico, pois a verdade não depende da opinião individual nem das convenções linguísticas. Ao mesmo tempo, distingue-se de um racionalismo autossuficiente, uma vez que a razão humana não é fonte última da verdade. O conhecimento verdadeiro é sempre participação na luz do Verbo, o Logos eterno, que ilumina a mente criada. Tal concepção encontra sólido fundamento bíblico, sobretudo na afirmação joanina de que Cristo é “*o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6).

A relação entre fé e razão assume, nesse horizonte, um caráter harmonioso e complementar. A razão é chamada a buscar a verdade, mas só atinge sua plenitude quando se abre à iluminação divina. A fé, por sua vez, não suprime a razão, mas a orienta e a eleva. Em *De Magistro*, essa dinâmica é visível na medida em que o diálogo racional conduz progressivamente à afirmação de uma verdade que ultrapassa os limites do discurso filosófico e se fundamenta na ação interior de Deus. Tal perspectiva antecipa o princípio agostiniano segundo o qual é necessário “*crer para compreender*” (*crede ut intelligas*), sem excluir o movimento inverso de compreensão que aprofunda a fé.

A teoria da iluminação também possui importantes implicações antropológicas. Ao afirmar que a verdade habita no interior do ser humano, Agostinho reconhece a dignidade da inteligência humana como capaz de acolher a luz divina. Contudo, essa interioridade não é autônoma nem autosuficiente; ela é, antes, um espaço de dependência radical em relação a Deus. O ser humano conhece verdadeiramente não porque é a medida da verdade, mas porque é iluminado por Aquele que é a própria Verdade. Dessa forma, o conhecimento torna-se um ato de humildade intelectual, no qual a mente reconhece seus limites e se abre à transcendência.

Por fim, a articulação entre conhecimento, verdade e iluminação confere a *De Magistro* uma relevância duradoura no debate epistemológico. Em um contexto contemporâneo marcado pelo relativismo cognitivo e pela fragmentação do saber, a proposta agostiniana oferece uma alternativa sólida, fundada na objetividade da verdade e na interioridade iluminada. Ao afirmar que o conhecimento verdadeiro é fruto do encontro entre a razão humana e a luz divina, Agostinho propõe uma epistemologia que integra racionalidade, espiritualidade e teologia. Assim, *De Magistro* não apenas esclarece a natureza



do ensino, mas também oferece uma compreensão profunda do ato de conhecer como participação na Verdade que ilumina todo ser humano.

6 – Dimensão Pedagógica e Antropológica de De Magistro

A reflexão agostiniana presente em De Magistro possui profundas implicações pedagógicas, fundamentadas em uma sólida visão antropológica cristã. Ao afirmar que o verdadeiro ensino ocorre no interior da alma, Agostinho redefine o papel do educador e do processo educativo como um todo. O ensino deixa de ser compreendido como mera transmissão de conteúdos e passa a ser concebido como um acompanhamento do educando em sua busca pela verdade. Tal concepção desloca o centro da atividade pedagógica do mestre para o discípulo, valorizando a interioridade e a liberdade da consciência humana.

No plano antropológico, Agostinho parte da convicção de que o ser humano é dotado de razão e capaz de reconhecer a verdade, desde que iluminado por Deus. Essa capacidade não elimina a fragilidade da condição humana, marcada pelo erro e pela limitação, mas revela sua abertura constitutiva à transcendência. Em De Magistro, o ser humano é apresentado como um sujeito em processo de formação, cuja inteligência necessita ser despertada e orientada, não dominada. O ato de aprender, portanto, envolve uma resposta livre à verdade que se manifesta interiormente, respeitando a dignidade da pessoa humana.

A figura do educador, nesse contexto, assume um caráter essencialmente mediador. O mestre humano não é aquele que possui a verdade em si mesmo, mas aquele que aponta para ela por meio de sinais, perguntas e provocações intelectuais. Agostinho insiste que o educador deve reconhecer os limites de sua função, evitando substituir o Mestre interior. Como ele próprio afirma, *“aquele que ensina exteriormente admoesta; aquele que ensina interiormente instrui”* (AGOSTINHO, De Magistro, XI). Tal distinção exige do educador humildade intelectual e consciência de que o verdadeiro aprendizado ocorre no interior do educando.

Essa concepção pedagógica tem consequências diretas para a prática educativa e catequética. Em vez de uma pedagogia autoritária ou meramente informativa, Agostinho propõe um modelo dialógico, no qual o educando é convidado a refletir, questionar e reconhecer interiormente a verdade. O diálogo com Adeodato, ao longo de De Magistro, exemplifica esse método, pois Agostinho não impõe respostas prontas, mas conduz o interlocutor a descobri-las por si mesmo. Tal abordagem valoriza o processo formativo e reconhece o tempo interior necessário à assimilação do conhecimento.

Do ponto de vista ético e espiritual, a pedagogia agostiniana está orientada para a formação integral da pessoa. Conhecer a verdade não é um fim em si mesmo, mas um caminho para a sabedoria e para a vida virtuosa. Em De Magistro, o conhecimento verdadeiro está sempre associado à verdade que



liberta, conforme a palavra do próprio Cristo: “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (Jo 8,32). Assim, a educação não se limita ao desenvolvimento intelectual, mas visa à conformação da pessoa à verdade e ao bem.

Por fim, a dimensão pedagógica e antropológica de De Magistro revela sua notável atualidade. Em um contexto educacional frequentemente marcado pela instrumentalização do saber e pela centralidade excessiva do discurso técnico, a proposta agostiniana recorda que ensinar é, antes de tudo, servir à verdade e à dignidade do educando. Ao reconhecer o papel decisivo da interioridade e da iluminação divina, Agostinho oferece uma visão de educação que integra razão, liberdade e transcendência, constituindo uma contribuição duradoura para a reflexão pedagógica cristã e humanista.

7 – Atualidade Teológica de De Magistro

A obra De Magistro mantém notável atualidade teológica, especialmente diante dos desafios contemporâneos relacionados ao conhecimento, à educação e à transmissão da fé. Em um contexto cultural marcado pela multiplicação de discursos, pela velocidade da informação e pela superficialidade do saber, a reflexão agostiniana sobre os limites da linguagem e a centralidade do Mestre interior oferece uma crítica profunda ao domínio do exterior sobre o interior. Ao afirmar que a verdade não se impõe pelo acúmulo de palavras, mas se reconhece no silêncio interior iluminado por Deus, Agostinho propõe um paradigma que desafia as práticas educativas e catequéticas atuais.

No campo da teologia, De Magistro contribui para uma compreensão mais profunda da revelação como evento interior, sem jamais desvinculá-la da mediação histórica e eclesial. A Palavra de Deus, anunciada exteriormente pela Escritura e pela pregação, exige uma acolhida interior que só é possível pela ação do Espírito Santo. Essa perspectiva encontra consonância com a tradição cristã posterior, que reconhece a inseparabilidade entre Palavra proclamada e Palavra acolhida no coração do fiel. Assim, a atualidade teológica de De Magistro manifesta-se na reafirmação de que a fé não é mero assentimento intelectual, mas resposta interior à Verdade que se revela.

A noção do Cristo como Mestre interior também assume especial relevância no diálogo entre fé e cultura. Em uma sociedade plural e marcada por múltiplas propostas de sentido, a afirmação agostiniana da objetividade da verdade cristã evita tanto o relativismo quanto o proselitismo. A verdade não se impõe por força externa, mas se oferece à liberdade da consciência, iluminando-a interiormente. Tal concepção respeita a dignidade da pessoa humana e reconhece que o encontro com a verdade é sempre um processo pessoal, ainda que mediado pela comunidade eclesial.

No âmbito pastoral, De Magistro oferece importantes critérios para a evangelização. A centralidade do Mestre interior recorda que a eficácia da ação evangelizadora não depende apenas da



eloquência do pregador ou da sofisticação dos métodos, mas da abertura interior do ouvinte à graça de Deus. Essa visão convida a Igreja a redescobrir o valor do silêncio, da escuta e da interioridade como dimensões essenciais da vida cristã. A catequese, nesse horizonte, deixa de ser mera instrução doutrinária e torna-se um caminho de iniciação à escuta da Verdade que fala no coração.

Do ponto de vista espiritual, a atualidade de *De Magistro* manifesta-se na valorização da interioridade como lugar privilegiado do encontro com Deus. Em um mundo frequentemente disperso e fragmentado, Agostinho recorda que o ser humano só encontra a verdade quando retorna a si mesmo e reconhece a presença de Deus em seu interior. Essa dimensão espiritual não se opõe à racionalidade, mas a fundamenta e a orienta. Conhecer a verdade é, ao mesmo tempo, um ato de inteligência e um exercício espiritual, no qual a pessoa se deixa conduzir pela luz divina.

Por fim, a permanência de *De Magistro* no debate teológico contemporâneo evidencia a fecundidade do pensamento agostiniano. Ao integrar epistemologia, cristologia, pedagogia e espiritualidade, Agostinho oferece uma visão unitária do conhecimento humano, centrada na Verdade que é Cristo. Essa síntese continua a iluminar as reflexões atuais sobre o ensino, a fé e a busca do sentido último da existência. Assim, *De Magistro* permanece como uma obra de referência indispensável, capaz de dialogar com os desafios do presente sem perder sua profundidade teológica e sua fidelidade à tradição cristã.

8 – Conclusão

A obra *De Magistro*, de Santo Agostinho, revela-se como um texto de extraordinária densidade filosófica e teológica, cuja atualidade atravessa os séculos e permanece relevante diante dos desafios contemporâneos do conhecimento, da educação e da transmissão da fé. Ao investigar a natureza do ensino e os limites da linguagem, Agostinho conduz o leitor a uma compreensão mais profunda do ato de conhecer, deslocando o foco do discurso exterior para a interioridade iluminada pela Verdade divina. Assim, a resenha desenvolvida neste artigo procurou evidenciar que *De Magistro* não se limita a uma reflexão pedagógica, mas se insere no núcleo da epistemologia e da cristologia agostinianas.

A análise do contexto histórico, filosófico e teológico da obra permitiu compreender que *De Magistro* nasce de uma etapa decisiva da vida intelectual de Agostinho, marcada pela superação do ceticismo e pela integração entre a herança platônica e a fé cristã. A problemática da linguagem e dos sinais mostrou-se fundamental para a crítica agostiniana ao verbalismo, ao demonstrar que as palavras, enquanto signos, apenas indicam a verdade, sem jamais produzi-la. Tal constatação conduz à afirmação central de que o verdadeiro ensino ocorre quando a mente reconhece interiormente a verdade que lhe é apresentada.

Nesse horizonte, a noção do Magister interior revelou-se como o eixo unificador da obra. Ao identificar Cristo como o único e verdadeiro Mestre, Agostinho confere ao conhecimento uma dimensão explicitamente cristológica e soteriológica. Conhecer a verdade é participar da luz do Verbo eterno, que ilumina interiormente a inteligência humana. A teoria da iluminação, por sua vez, fundamenta a possibilidade do conhecimento objetivo e afasta tanto o relativismo quanto o racionalismo autossuficiente, ao afirmar que a verdade é reconhecida, e não criada, pela razão humana.

As implicações pedagógicas e antropológicas de De Magistro evidenciam uma concepção de educação profundamente respeitosa da dignidade da pessoa humana. O educador é apresentado como mediador humilde, cuja missão é conduzir o discípulo ao encontro com a verdade interior, e não impor-lhe conteúdos de forma autoritária. Tal perspectiva possui especial relevância para a catequese e para a educação cristã, ao reafirmar que a formação intelectual deve estar integrada à formação moral e espiritual da pessoa.

Por fim, a atualidade teológica de De Magistro manifesta-se na capacidade da obra de dialogar com os desafios do mundo contemporâneo, marcado pela dispersão, pela superficialidade do saber e pela abundância de discursos. Ao reafirmar a centralidade da interioridade, do silêncio e da escuta da Verdade que fala no coração, Agostinho oferece um modelo de conhecimento que integra razão, fé e espiritualidade. Conclui-se, assim, que De Magistro permanece como uma obra fundamental da tradição cristã, capaz de iluminar a compreensão do ensino, do conhecimento e da verdade, ao recordar que todo verdadeiro aprendizado é, em última instância, um encontro interior com Cristo, o Mestre eterno.

Finaliza-se com a frase de Santo Agostinho que diz: “*Inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti.*” (*Confissões*, I, 1, 1) Afinal, o conhecimento verdadeiro culmina não apenas no saber, mas no repouso da alma na Verdade que é Deus.

11 – Referências Bibliográficas

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2007.

HIPONA, Santo Agostinho de. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *A Trindade (De Trinitate)*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *A verdadeira religião (De vera religione)*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.



_____. *O Mestre (De Magistro)*. Trad. Moacyr Novaes. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Contra os Acadêmicos*. Trad. J. Oliveira Santos. São Paulo: Paulus, 2008.

MARROU, Henri-Irénée. *Santo Agostinho e o fim da cultura antiga*. São Paulo: Paulus, 1998.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI). *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

TRAPÈ, Agostino. *Santo Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. São Paulo: Paulus, 1999.

São Francisco de Assis e o Jubileu dos 800 Anos: Um Chamado à Renovação Espiritual

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

*“Altíssimo, onipotente e bom Senhor, a vós pertencem o louvor, a glória, a honra e toda bênção.”
(Francisco de Assis – Cântico do Sol)*

Resumo

O presente artigo reflete sobre o significado espiritual e histórico do jubileu que celebra os oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis, figura central da espiritualidade cristã e um dos santos mais influentes da história da Igreja Católica. A partir de uma abordagem dissertativa, o texto examina os principais aspectos da vida, da conversão e da espiritualidade de São Francisco, destacando a centralidade do Evangelho em sua experiência de fé.

O artigo aborda o contexto histórico em que Francisco viveu, bem como o processo de transformação interior que o conduziu a abandonar os valores mundanos para abraçar uma vida marcada pela pobreza, pela simplicidade e pela confiança absoluta em Deus. A análise procura evidenciar como sua experiência espiritual deu origem a um carisma que se difundiu amplamente na Igreja e continua a influenciar a vida cristã até os dias atuais. Também são examinados elementos fundamentais da espiritualidade franciscana, como o amor à criação, a fraternidade universal, o testemunho de paz e o compromisso com a reconciliação. Esses aspectos revelam uma visão profundamente integrada da relação entre Deus, a humanidade e o mundo criado, oferecendo importantes reflexões para os desafios contemporâneos. O jubileu franciscano é apresentado como um tempo privilegiado de memória espiritual, peregrinação e renovação da fé. A celebração dos oitocentos anos da Páscoa de São Francisco convida os fiéis a redescobrirem a atualidade de sua mensagem e a refletirem sobre o chamado permanente à conversão do coração.

Por fim, o artigo destaca que o legado espiritual de São Francisco continua a inspirar caminhos de simplicidade, fraternidade e esperança. Seu testemunho permanece como um convite a viver o Evangelho de maneira autêntica, oferecendo uma resposta significativa às inquietações do mundo contemporâneo.

Abstract

This article reflects on the spiritual and historical significance of the jubilee commemorating the eight hundred years of the passing of Francis of Assisi, a central figure in Christian spirituality and one of the most influential saints in the history of the Catholic Church. Through a reflective and analytical approach,



the text examines the main aspects of Francis' life, conversion, and spirituality, highlighting the central role of the Gospel in his experience of faith.

The article explores the historical context in which Francis lived and the process of inner transformation that led him to abandon worldly ambitions in order to embrace a life marked by poverty, simplicity, and absolute trust in God. It also emphasizes how his spiritual experience gave rise to a religious charism that spread widely within the Church and continues to influence Christian life today. Key elements of Franciscan spirituality are also examined, including love for creation, universal fraternity, the witness of peace, and the commitment to reconciliation. These aspects reveal an integrated vision of the relationship between God, humanity, and the created world, offering important reflections for contemporary challenges. The Franciscan jubilee is presented as a privileged time of spiritual remembrance, pilgrimage, and renewal of faith. The celebration of the eight hundred years since the passing of Saint Francis invites believers to rediscover the relevance of his message and to reflect on the enduring call to conversion of heart.

Finally, the article highlights that the spiritual legacy of Saint Francis continues to inspire paths of simplicity, fraternity, and hope. His witness remains a powerful invitation to live the Gospel authentically, offering meaningful insights for the concerns of the contemporary world.

1 – Introdução

A celebração dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis representa um momento singular de reflexão espiritual e histórica para a Igreja Católica e para todos aqueles que encontram inspiração na espiritualidade franciscana. Mais do que recordar um personagem do passado, esse jubileu convida a redescobrir a força viva de um testemunho que continua a iluminar o caminho da fé cristã. A memória de Francisco permanece como uma luz que atravessa os séculos, apontando para a simplicidade do Evangelho.

A figura de São Francisco ocupa um lugar único na história da espiritualidade cristã. Sua vida, marcada por uma profunda conversão interior e por uma fidelidade radical aos ensinamentos de Cristo, transformou-se em referência universal de humildade, paz e amor à criação. Ao celebrar os oitocentos anos de sua passagem para a eternidade, a Igreja contempla não apenas a biografia de um santo, mas o florescimento de um carisma espiritual que marcou profundamente a vida cristã ao longo dos séculos.

O jubileu franciscano oferece uma oportunidade privilegiada para revisitar a trajetória desse homem que nasceu em Assis e que, movido por uma intensa experiência de encontro com Deus, escolheu viver o Evangelho de forma simples e radical. Sua decisão de abandonar as ambições mundanas e abraçar a pobreza voluntária tornou-se um sinal profético em uma sociedade fortemente marcada pela busca de prestígio e riqueza.

Ao longo de sua vida, Francisco revelou uma forma singular de compreender a relação entre Deus, o ser humano e toda a criação. Seu olhar contemplativo permitiu-lhe reconhecer na natureza um reflexo da bondade divina e, nas pessoas, irmãos e irmãs chamados a viver em fraternidade. Essa visão espiritual deu origem a uma mensagem que ultrapassou as fronteiras do tempo e continua a inspirar homens e mulheres em diferentes culturas e contextos históricos.

Recordar o jubileu dos oitocentos anos de sua Páscoa significa também redescobrir a atualidade de sua mensagem. Em um mundo frequentemente marcado pelo individualismo, pela competição e por profundas crises sociais e ambientais, a espiritualidade franciscana oferece um convite a retomar valores fundamentais como a simplicidade, a solidariedade e o respeito pela criação.

O testemunho de Francisco recorda que a verdadeira transformação do mundo começa pela conversão do coração humano. Sua vida demonstra que a fidelidade ao Evangelho não se limita a discursos ou reflexões teóricas, mas se manifesta em atitudes concretas de amor, serviço e reconciliação. Dessa forma, sua experiência espiritual continua a desafiar cada geração a viver a fé de maneira autêntica.

Este artigo propõe-se a refletir sobre o significado espiritual do jubileu franciscano, contemplando diferentes aspectos da vida e da mensagem de São Francisco. Ao percorrer os principais elementos de sua espiritualidade, busca-se compreender como seu testemunho permanece atual e capaz de oferecer caminhos de renovação para a vida cristã contemporânea.

Assim, ao revisitar a história e o legado de Francisco de Assis, este texto pretende convidar o leitor a uma reflexão mais profunda sobre o chamado à santidade, à fraternidade e à simplicidade evangélica. A memória de Francisco não pertence apenas ao passado, mas continua a inspirar o presente e a abrir horizontes de esperança para o futuro da humanidade.

2 – O Significado Histórico e Espiritual dos 800 anos da Páscoa de São Francisco

A celebração dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis constitui um marco espiritual de grande relevância para a história da Igreja Católica e para todos aqueles que se inspiram na espiritualidade franciscana. Não se trata apenas de recordar uma data histórica, mas de reviver uma experiência espiritual que continua a ecoar através dos séculos. O jubileu convida os fiéis a contemplarem novamente a vida daquele que, com simplicidade e radicalidade evangélica, transformou profundamente a maneira de viver o Evangelho no coração da cristandade.

A morte de São Francisco, ocorrida em 1226, foi compreendida desde os primeiros tempos de sua memória como uma verdadeira “Páscoa”, isto é, uma passagem para a plenitude da vida em Deus. Assim como na tradição cristã a morte não representa o fim, mas a entrada na eternidade, a Páscoa de Francisco foi celebrada por seus irmãos como o coroamento de uma vida inteiramente entregue ao seguimento de



Cristo. O jubileu dos oitocentos anos, portanto, não é apenas um memorial histórico, mas um convite à contemplação da esperança cristã que transcende o tempo.

Recordar este oitavo centenário significa também revisitar o contexto histórico no qual Francisco viveu. Nascido em uma época marcada por transformações sociais, econômicas e religiosas profundas, ele soube discernir no meio das tensões de seu tempo o chamado de Deus para uma vida de radical fidelidade ao Evangelho. A sua resposta, marcada pela pobreza voluntária e pela fraternidade universal, tornou-se um sinal profético para a Igreja medieval e continua sendo para o mundo contemporâneo.

O jubileu franciscano oferece ainda uma oportunidade privilegiada para redescobrir o valor da memória espiritual na vida da Igreja. Ao celebrar os grandes testemunhos de santidade, a tradição cristã não busca apenas preservar o passado, mas iluminar o presente. A vida de Francisco, contemplada à distância de oito séculos, revela-se surpreendentemente atual, especialmente em um mundo que anseia por simplicidade, reconciliação e sentido espiritual.

Além disso, o jubileu convida os fiéis a uma renovação interior. A espiritualidade franciscana sempre insistiu que a verdadeira reforma da Igreja começa pela conversão do coração. Francisco não procurou reformar estruturas ou sistemas por meio de estratégias humanas, mas por meio da vivência radical do Evangelho. Seu testemunho recorda que a santidade nasce de uma resposta pessoal e humilde ao chamado de Deus.

Celebrar os oitocentos anos de sua Páscoa significa também reconhecer a fecundidade espiritual de seu legado. Ao longo dos séculos, inúmeras comunidades religiosas, movimentos espirituais e iniciativas de caridade foram inspirados por sua vida e por seu exemplo. A família franciscana, nas suas diversas expressões, tornou-se um testemunho vivo de que o carisma nascido em Assis continua a gerar frutos na Igreja e no mundo.

Outro aspecto significativo deste jubileu é o seu caráter universal. A figura de São Francisco ultrapassa as fronteiras da Igreja e do cristianismo, sendo reconhecida até mesmo por pessoas de outras tradições religiosas e culturais como símbolo de paz, fraternidade e amor à criação. Tal universalidade revela a profundidade humana e espiritual de seu testemunho, que continua a tocar os corações em diferentes contextos históricos.

Por fim, o jubileu dos oitocentos anos da Páscoa de São Francisco convida a Igreja e os fiéis a retomarem o caminho do Evangelho com renovado entusiasmo. Ao contemplar a vida daquele humilde homem de Assis, que se fez pequeno para que Cristo fosse grande em sua vida, os cristãos são chamados a redescobrir a alegria de viver a fé com simplicidade, confiança e amor. Assim, a memória de São Francisco torna-se não apenas uma recordação do passado, mas uma luz que orienta o caminho espiritual do presente e do futuro.

3 - São Francisco de Assis: Vida, Conversão e Nascimento de um Carisma

A história de Francisco de Assis começa na pequena cidade de Assis, na região da Umbria, na Itália medieval. Nascido por volta de 1182, filho de um próspero comerciante de tecidos, Francisco recebeu inicialmente o nome de Giovanni, mas passou a ser chamado de Francesco por seu pai, admirador da cultura francesa. Sua juventude foi marcada pelo ambiente festivo típico das cidades italianas em crescimento econômico, onde os sonhos de honra, riqueza e reconhecimento social eram valorizados.

Durante sua juventude, Francisco viveu como muitos jovens de sua época: apreciava festas, música e a companhia dos amigos. Sonhava tornar-se cavaleiro e conquistar glória nas batalhas que marcavam o cenário político das cidades italianas. Contudo, mesmo nesse período aparentemente distante da vida espiritual, já se percebia em seu coração uma sensibilidade incomum diante do sofrimento dos pobres e marginalizados.

Um momento decisivo ocorreu quando Francisco participou de conflitos militares entre cidades rivais e acabou sendo capturado, passando um período de prisão. Essa experiência marcou profundamente sua vida interior. O jovem que sonhava com prestígio começou a experimentar um processo de questionamento interior, no qual as antigas ambições passaram a perder o brilho diante de um chamado mais profundo que lentamente surgia em sua consciência.

O processo de conversão de Francisco não foi instantâneo, mas gradual. Diversos episódios marcaram esse caminho interior. Entre eles, destaca-se seu encontro com um leproso, figura que na sociedade medieval representava exclusão e repulsa. Ao vencer o impulso inicial de afastamento e abraçar aquele homem doente, Francisco experimentou uma transformação interior que ele próprio mais tarde descreveria como a passagem do amargo para a doçura.

Outro episódio fundamental ocorreu na pequena igreja de San Damiano. Ali, diante do crucifixo, Francisco ouviu em seu coração o chamado para “reparar a Igreja”. Inicialmente, ele compreendeu essa missão de forma literal e passou a dedicar-se à restauração material de igrejas abandonadas. Com o tempo, porém, perceberia que o chamado de Deus era muito mais amplo e profundo.

Essa transformação interior levou Francisco a romper gradualmente com os valores que haviam orientado sua juventude. Em um gesto simbólico que marcou sua decisão radical de seguir o Evangelho, ele renunciou publicamente à herança paterna e passou a viver em pobreza voluntária. Esse gesto não representava desprezo pela família, mas a escolha consciente de confiar inteiramente na providência divina.

À medida que sua nova forma de vida se tornava conhecida, outros homens começaram a aproximar-se de Francisco, desejosos de compartilhar daquele mesmo ideal evangélico. Assim nasceu uma



fraternidade marcada pela simplicidade, pela pobreza e pela pregação da paz. Esse grupo inicial daria origem à ordem que mais tarde seria reconhecida pela Igreja como a Ordem dos Frades Menores.

O carisma que surgiu dessa experiência não era fruto de um projeto humano cuidadosamente planejado, mas da força contagiante de um testemunho de vida profundamente enraizado no Evangelho. Francisco não pretendia fundar uma instituição, mas viver como discípulo de Cristo de maneira radical. No entanto, justamente por essa autenticidade, seu exemplo gerou um movimento espiritual que se espalhou rapidamente pela Europa e marcou de forma duradoura a história da espiritualidade cristã.

4 - A Espiritualidade Franciscana: Pobreza, Simplicidade e Confiança em Deus

A espiritualidade vivida por Francisco de Assis nasceu de um desejo profundo de seguir o Evangelho de forma literal e radical. Para ele, o cristianismo não deveria ser apenas uma doutrina ensinada ou uma tradição transmitida, mas uma vida concretamente moldada pelos ensinamentos de Cristo. Sua experiência espiritual partia da convicção de que o Evangelho é um caminho de transformação interior que conduz o ser humano a uma vida de humildade, amor e total confiança em Deus.

Entre os pilares dessa espiritualidade, destaca-se de maneira singular a pobreza evangélica. Para Francisco, a pobreza não era simplesmente a ausência de bens materiais, mas uma escolha livre de desapego e confiança na providência divina. Ele via na pobreza um caminho de liberdade espiritual, capaz de libertar o coração das amarras do egoísmo, do orgulho e da busca desenfreada por segurança material.

Essa opção pela pobreza também possuía um profundo significado cristológico. Francisco contemplava em Jesus Cristo o modelo perfeito de humildade e simplicidade. O Filho de Deus, que nasceu em um estábulo e viveu entre os pobres, tornou-se para ele o exemplo supremo de como Deus se revela na pequenez. Assim, ao abraçar a pobreza, Francisco acreditava estar se aproximando mais intensamente da vida e do espírito de Cristo.

Outro aspecto essencial da espiritualidade franciscana é a simplicidade. Francisco procurava viver sem complicações, cultivando um coração transparente diante de Deus e dos irmãos. Essa simplicidade se manifestava em gestos cotidianos, na forma de falar, de rezar e de relacionar-se com as pessoas. Para ele, a verdadeira sabedoria não consistia na acumulação de conhecimentos, mas na capacidade de viver o amor de Deus de maneira sincera e concreta.

A confiança absoluta em Deus também ocupava lugar central em sua vida espiritual. Francisco ensinava seus irmãos a viverem sem excessivas preocupações com o futuro, confiando plenamente na providência divina. Inspirado pelas palavras do Evangelho sobre os lírios do campo e as aves do céu, ele acreditava que Deus cuida de seus filhos e jamais abandona aqueles que depositam nele sua confiança.

Essa confiança não significava passividade, mas uma atitude interior de abandono nas mãos de Deus. Francisco compreendia que a verdadeira segurança do ser humano não está na riqueza, no poder ou nas estruturas humanas, mas na fidelidade do amor divino. Por isso, sua espiritualidade convida constantemente à entrega confiante e à serenidade diante das incertezas da vida.

A pobreza, a simplicidade e a confiança em Deus formam, portanto, um conjunto harmonioso que caracteriza a espiritualidade franciscana. Esses elementos não são apenas ideais abstratos, mas caminhos concretos de conversão interior. Eles convidam cada pessoa a rever suas prioridades e a redescobrir o essencial da vida cristã: o amor a Deus e ao próximo.

O jubileu que recorda os oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis torna-se, assim, uma ocasião privilegiada para redescobrir essa espiritualidade tão profundamente evangélica. Em um mundo frequentemente marcado pelo materialismo, pela pressa e pela busca incessante de poder, a simplicidade franciscana continua a oferecer um caminho de paz interior, alegria espiritual e verdadeira liberdade do coração.

5 – O Amor à Criação: São Francisco e a Fraternidade Universal

Um dos aspectos mais conhecidos e admirados da espiritualidade de Francisco de Assis é o seu profundo amor pela criação. Para ele, o mundo natural não era apenas um conjunto de elementos materiais destinados ao uso humano, mas uma grande manifestação da bondade e da beleza de Deus. A natureza era percebida como um reflexo da presença divina, capaz de conduzir o coração humano à contemplação e à gratidão.

Essa visão espiritual levou Francisco a desenvolver uma relação singular com todas as criaturas. Ele costumava chamar o sol, a lua, o vento, a água e até mesmo a morte de irmãos e irmãs, expressando assim uma profunda consciência de fraternidade universal. Essa atitude não era fruto de romantismo ou de mera sensibilidade poética, mas de uma convicção espiritual enraizada na fé cristã: toda a criação provém do mesmo Criador e, portanto, participa de uma mesma família.

Entre as expressões mais belas dessa espiritualidade encontra-se o célebre Cântico do Sol, composto por Francisco nos últimos anos de sua vida. Nesse hino de louvor, ele convida todas as criaturas a bendizerem a Deus, reconhecendo no universo uma harmonia que conduz ao reconhecimento da grandeza divina. O cântico revela uma espiritualidade marcada pela gratidão, pela admiração e pela alegria diante da obra do Criador.

A fraternidade universal ensinada por Francisco também possui um profundo significado ético. Ao reconhecer todas as criaturas como irmãs, o ser humano é chamado a desenvolver uma atitude de respeito e cuidado diante da natureza. Essa perspectiva, embora nascida no contexto medieval, revela-se

surpreendentemente atual diante das preocupações contemporâneas com a preservação ambiental e o equilíbrio ecológico.

Entretanto, a fraternidade proposta por Francisco não se limita à relação com a natureza. Ela se estende, de modo ainda mais profundo, às relações humanas. Para ele, todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs, independentemente de sua origem social, cultural ou religiosa. Essa visão universal da fraternidade tornou-se um elemento central da espiritualidade franciscana e inspirou inúmeras iniciativas de diálogo e reconciliação ao longo da história.

Francisco compreendia que a verdadeira fraternidade nasce da humildade. Somente aquele que reconhece sua própria pequenez diante de Deus é capaz de olhar o outro com respeito e amor. Assim, sua espiritualidade convida cada pessoa a abandonar atitudes de domínio e competição, substituindo-as por relações marcadas pela solidariedade, pela compaixão e pela paz.

Esse modo de olhar o mundo também revela uma profunda dimensão contemplativa. Francisco não apenas admirava a natureza, mas via nela um caminho para encontrar Deus. Cada criatura se tornava, para ele, um sinal da presença divina e um convite à oração. Dessa forma, a contemplação da criação transformava-se em louvor e ação de graças.

Ao celebrar o jubileu dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis, a Igreja recorda que sua mensagem continua profundamente atual. Em uma época marcada por conflitos, desigualdades e crises ambientais, a espiritualidade da fraternidade universal proposta por Francisco permanece como um convite a redescobrir o valor da harmonia entre Deus, a humanidade e toda a criação.

6 – O Testemunho de Paz e Reconciliação no Caminho Franciscano

Entre as marcas mais profundas da vida de Francisco de Assis encontra-se o seu testemunho de paz. Em uma época marcada por guerras, rivalidades entre cidades e profundas tensões sociais, Francisco tornou-se um mensageiro de reconciliação. Sua vida revelou que a paz verdadeira não nasce apenas de acordos humanos ou de estratégias políticas, mas de um coração reconciliado com Deus e aberto ao amor fraterno.

Desde os primeiros passos de sua conversão, Francisco compreendeu que seguir o Evangelho significava tornar-se instrumento de paz. Sua pregação simples, dirigida tanto aos pobres quanto aos poderosos, insistia na necessidade de abandonar a violência, o orgulho e o espírito de rivalidade. Para ele, a paz era fruto da humildade e da capacidade de reconhecer no outro um irmão amado por Deus.

A saudação que Francisco costumava dirigir às pessoas tornou-se emblemática de sua missão espiritual: *“O Senhor te dê a paz”*. Essa expressão não era apenas uma fórmula de cortesia, mas um



verdadeiro programa de vida. Ao pronunciar essas palavras, Francisco desejava transmitir aos outros a paz interior que ele próprio buscava cultivar em sua relação com Deus.

A paz franciscana também estava profundamente ligada à reconciliação entre as pessoas. Francisco acreditava que os conflitos humanos muitas vezes nascem do orgulho, da ambição e da incapacidade de perdoar. Por isso, sua espiritualidade insistia na necessidade de cultivar a mansidão, a paciência e a misericórdia nas relações humanas. A reconciliação, para ele, era um caminho indispensável para a construção de uma sociedade mais fraterna.

Um episódio frequentemente lembrado na tradição franciscana ilustra bem esse espírito de diálogo e reconciliação. Durante o período das Cruzadas, Francisco decidiu atravessar as fronteiras do conflito e encontrou-se com Al-Kamil, governante muçulmano do Egito. Esse encontro, ocorrido em meio a um contexto de guerra religiosa, tornou-se um símbolo de coragem espiritual e de abertura ao diálogo entre culturas e religiões diferentes.

A atitude de Francisco naquele momento revelou uma profunda confiança na força da paz. Em vez de responder à violência com violência, ele escolheu aproximar-se do outro com respeito e espírito fraterno. Seu gesto demonstrou que o diálogo sincero pode abrir caminhos inesperados de compreensão e convivência.

Essa dimensão pacificadora tornou-se um elemento permanente da espiritualidade franciscana. Ao longo dos séculos, muitos seguidores de Francisco dedicaram-se à promoção da paz, à mediação de conflitos e ao serviço aos mais vulneráveis. O carisma franciscano continua a inspirar iniciativas que buscam construir pontes entre pessoas e comunidades.

Celebrar o jubileu dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis é também recordar essa vocação à paz que marcou profundamente sua vida. Em um mundo ainda marcado por divisões, violências e desconfianças, o testemunho de Francisco permanece como um convite permanente para que cada pessoa se torne, em seu cotidiano, um verdadeiro instrumento de reconciliação e fraternidade.

7 – O Jubileu Franciscano: Memória, Peregrinação e Renovação da Fé

A celebração jubilar que recorda os oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis constitui um momento singular na vida espiritual da Igreja Católica. O jubileu, na tradição cristã, não é apenas uma comemoração histórica, mas uma ocasião especial de graça, conversão e renovação interior. Ao recordar a vida e o testemunho de um santo tão significativo, a Igreja convida os fiéis a redescobrirem a força transformadora do Evangelho em suas próprias vidas.

O sentido profundo do jubileu está ligado à memória espiritual. Na tradição cristã, recordar não significa apenas voltar ao passado, mas tornar presente aquilo que continua a iluminar o presente. Ao



contemplar a vida de Francisco, os fiéis são convidados a redescobrir a beleza de uma existência inteiramente entregue a Deus e ao serviço dos irmãos. Assim, a memória torna-se fonte de inspiração e estímulo para o caminho espiritual.

Entre os elementos característicos das celebrações jubilares está a prática da peregrinação. Desde os primeiros séculos do cristianismo, peregrinar representa uma expressão concreta da busca de Deus. No contexto do jubileu franciscano, muitos fiéis dirigem-se à cidade de Assis, onde Francisco nasceu, viveu e concluiu sua jornada terrena. Esse movimento de peregrinos manifesta o desejo de aproximar-se espiritualmente da fonte de um carisma que marcou profundamente a história da Igreja.

A peregrinação, contudo, possui também um significado simbólico mais profundo. Ela recorda que toda a vida cristã é um caminho. O ser humano é um peregrino que caminha em direção a Deus, atravessando alegrias e dificuldades, certezas e dúvidas. Ao recordar a trajetória espiritual de Francisco, os fiéis são convidados a refletir sobre o próprio caminho de fé e sobre o chamado à conversão contínua.

Outro elemento central do jubileu é a renovação da fé. A celebração de datas significativas na vida dos santos oferece à Igreja a oportunidade de reavivar o entusiasmo espiritual e de fortalecer o compromisso com o Evangelho. A vida de Francisco recorda que a fé não é apenas uma realidade interior, mas uma força que transforma atitudes, relações e escolhas concretas.

O jubileu também possui uma dimensão comunitária. A memória de São Francisco não pertence apenas à história individual de um homem santo, mas à experiência viva de uma grande família espiritual espalhada pelo mundo. As diversas expressões da espiritualidade franciscana — religiosas, leigos e movimentos inspirados em seu exemplo — encontram nesse jubileu uma ocasião de comunhão e renovação de seu compromisso com o carisma recebido.

Além disso, a celebração jubilar convida os cristãos a olharem para o futuro com esperança. A memória de um santo não se limita à contemplação do passado, mas aponta para a continuidade de sua missão no presente. O testemunho de Francisco continua a inspirar novas gerações a viverem o Evangelho com alegria, simplicidade e espírito fraterno.

Assim, o jubileu dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis torna-se um tempo privilegiado de graça espiritual. Ele recorda que a santidade não pertence apenas ao passado, mas permanece um chamado atual para todos os cristãos. Ao celebrar essa memória, a Igreja reafirma que o caminho de Francisco continua aberto a todos aqueles que desejam seguir Cristo com coração humilde e disponível.



8 - A Atualidade da Mensagem de São Francisco para o Mundo Contemporâneo

Passados oito séculos desde a Páscoa de Francisco de Assis, sua mensagem continua surpreendentemente atual. Em um mundo marcado por profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas, muitos dos desafios enfrentados pela humanidade parecem encontrar eco nas intuições espirituais daquele humilde homem de Assis. Sua vida e suas escolhas revelam valores que permanecem profundamente necessários para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Um dos aspectos mais relevantes de sua mensagem está na crítica silenciosa ao materialismo. A sociedade contemporânea frequentemente valoriza o acúmulo de bens, o consumo constante e a busca incessante por poder e prestígio. Francisco, ao escolher livremente a pobreza e a simplicidade, recorda que a verdadeira riqueza do ser humano não está nas posses, mas na capacidade de amar, partilhar e viver em comunhão com Deus e com os irmãos.

Sua espiritualidade também oferece uma resposta significativa à crescente crise ambiental que preocupa o mundo moderno. Ao reconhecer todas as criaturas como irmãs, Francisco desenvolveu uma visão profundamente respeitosa da natureza. Essa perspectiva convida a humanidade a superar atitudes de exploração desmedida e a redescobrir uma relação de cuidado e responsabilidade diante da criação.

Outro aspecto notavelmente atual de sua mensagem é o apelo à fraternidade universal. Em uma época marcada por divisões políticas, conflitos culturais e tensões religiosas, a visão de Francisco recorda que todos os seres humanos compartilham uma mesma dignidade fundamental. Seu testemunho convida à superação de preconceitos e à construção de pontes de diálogo entre diferentes povos e tradições.

A simplicidade proposta por Francisco também possui grande relevância para o homem contemporâneo. Em meio ao ritmo acelerado da vida moderna, muitas pessoas experimentam cansaço, ansiedade e perda de sentido. A espiritualidade franciscana recorda que a verdadeira felicidade não depende da complexidade da vida, mas da capacidade de reconhecer e valorizar as pequenas bênçãos do cotidiano.

Além disso, o exemplo de Francisco inspira uma espiritualidade marcada pela alegria. Mesmo enfrentando dificuldades, enfermidades e incompreensões, ele cultivava uma profunda alegria interior que nascia de sua confiança em Deus. Essa alegria espiritual não dependia das circunstâncias externas, mas da certeza de ser amado e chamado por Deus para uma missão de amor.

A atualidade de sua mensagem também se manifesta no testemunho de paz e reconciliação. Em um mundo frequentemente marcado por conflitos e polarizações, a atitude pacificadora de Francisco continua a oferecer um modelo inspirador. Sua vida recorda que a paz começa no interior do coração humano e se manifesta nas atitudes concretas de respeito, perdão e diálogo.

Dessa forma, ao celebrar o jubileu dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis, a Igreja e a sociedade são convidadas a redescobrir a força transformadora de sua mensagem. Longe de pertencer



apenas ao passado, o testemunho de Francisco continua a iluminar o presente e a inspirar caminhos de esperança, simplicidade e fraternidade para o futuro da humanidade.

9 - O Legado Espiritual de São Francisco e o Chamado à Conversão do Coração

O legado espiritual de Francisco de Assis atravessou os séculos como uma das expressões mais luminosas da vivência do Evangelho na história da Igreja Católica. Sua vida simples, marcada por profunda fé e radical fidelidade a Cristo, continua a inspirar gerações de cristãos que buscam viver uma espiritualidade autêntica. Ao recordar os oitocentos anos de sua Páscoa, a Igreja contempla não apenas a memória de um santo, mas um caminho espiritual que permanece vivo e fecundo.

O verdadeiro legado de Francisco não se encontra apenas nas instituições que nasceram de seu carisma, mas sobretudo na força de seu testemunho pessoal. Ele demonstrou que a santidade não depende de grandes realizações humanas, mas de um coração totalmente disponível à vontade de Deus. Sua vida recorda que cada pessoa, em qualquer estado de vida, pode trilhar um caminho de santidade mediante a fidelidade ao Evangelho.

Entre os elementos centrais desse legado encontra-se o chamado permanente à conversão do coração. Francisco compreendia que a transformação do mundo começa pela transformação interior do ser humano. Por isso, sua espiritualidade insistia na necessidade de um retorno constante a Deus, marcado pela humildade, pela oração e pelo desejo sincero de viver segundo os ensinamentos de Cristo.

Essa conversão interior não se limita a uma experiência momentânea, mas constitui um processo contínuo ao longo da vida. Francisco ensinava seus irmãos a recomeçarem sempre, reconhecendo suas limitações e confiando na misericórdia divina. Essa atitude espiritual revela uma profunda confiança no amor de Deus, que nunca se cansa de acolher aqueles que desejam reorientar suas vidas para o bem.

O legado franciscano também se manifesta na alegria espiritual que caracterizou a vida de Francisco. Mesmo em meio às dificuldades, ele mantinha uma atitude de gratidão e louvor a Deus. Essa alegria não era superficial, mas nascia da profunda certeza de que Deus está presente em todas as circunstâncias da vida, conduzindo a história humana com sabedoria e amor.

Além disso, a herança espiritual de Francisco continua viva nas inúmeras comunidades e pessoas que procuram viver inspiradas por seu exemplo. Religiosos, religiosas e leigos que seguem a espiritualidade franciscana espalham pelo mundo uma mensagem de paz, simplicidade e fraternidade. Dessa forma, o carisma nascido em Assis permanece atuante na missão evangelizadora da Igreja.

A celebração do jubileu dos oitocentos anos de sua Páscoa oferece, portanto, uma ocasião privilegiada para redescobrir esse legado espiritual. Ao contemplar a vida de Francisco, os cristãos são

convidados a renovar seu compromisso com o Evangelho e a buscar uma fé vivida de maneira concreta, marcada pelo amor a Deus, ao próximo e a toda a criação.

Assim, a memória de Francisco de Assis permanece como um convite permanente à conversão do coração. Seu exemplo recorda que a santidade não pertence apenas ao passado, mas continua sendo um chamado atual dirigido a todos. Ao seguir os passos daquele humilde homem de Assis, os cristãos podem redescobrir a alegria de viver o Evangelho com simplicidade, confiança e profunda esperança.

10 – Conclusão

A celebração dos oitocentos anos da Páscoa de Francisco de Assis constitui um convite profundo à contemplação de uma vida inteiramente moldada pelo Evangelho. Ao longo deste artigo, procurou-se percorrer alguns dos principais aspectos de sua trajetória espiritual, destacando como sua experiência de fé permanece viva e significativa mesmo após tantos séculos.

Francisco não foi apenas um personagem importante da história medieval, mas um verdadeiro sinal profético que continua a interpelar o coração humano. Sua escolha pela pobreza, sua confiança absoluta em Deus e sua dedicação à fraternidade universal revelam uma forma de viver que permanece profundamente atual em qualquer época da história.

A força de seu testemunho reside precisamente na simplicidade de sua vida. Francisco não construiu sua santidade por meio de grandes projetos humanos, mas por meio de gestos concretos de amor, humildade e serviço. Essa simplicidade evangélica revela que a santidade não está reservada a poucos, mas é um chamado dirigido a todos aqueles que desejam viver em fidelidade a Deus.

Ao recordar sua vida, percebe-se que a espiritualidade franciscana oferece respostas profundas para muitos desafios contemporâneos. Em um mundo marcado por tensões sociais, crises ambientais e crescente individualismo, a mensagem de fraternidade, paz e respeito pela criação torna-se cada vez mais necessária.

O jubileu franciscano também recorda que a memória dos santos possui uma dimensão transformadora. Ao contemplar a vida de Francisco, os cristãos são convidados a redescobrir a beleza do Evangelho vivido com autenticidade. Sua experiência espiritual continua a despertar nos corações o desejo de uma vida mais simples, mais fraterna e mais profundamente enraizada em Deus.

Além disso, a herança espiritual de Francisco permanece viva na missão da Igreja e na vida de inúmeras pessoas que se inspiram em seu exemplo. Seu carisma continua a gerar frutos de paz, solidariedade e esperança em diferentes partes do mundo, mostrando que o Evangelho conserva sempre sua força renovadora.

Celebrar os oitocentos anos de sua Páscoa não significa apenas olhar para o passado com admiração, mas renovar o compromisso de viver os valores que ele testemunhou. A vida de Francisco recorda que cada geração é chamada a redescobrir o Evangelho e a traduzi-lo em gestos concretos de amor e fraternidade.

Assim, o legado de Francisco de Assis permanece como uma luz que continua a iluminar o caminho da humanidade. Seu exemplo convida todos os homens e mulheres a redescobrirem a alegria de viver em comunhão com Deus, com os irmãos e com toda a criação, construindo um mundo mais fraterno, mais justo e mais aberto à esperança.

Afinal, já dizia São Francisco de Assis “*Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz.*”

11 – Referências Bibliográficas

ASSIS, Francisco. *Escritos de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERGOGLIO, Jorge Mario (Papa Francisco). Carta Encíclica Laudato Si'. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 10/03/2026.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOAVENTURA SÃO. *Legenda Maior: Vida de São Francisco de Assis*. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2021.

DESBONNETS, Théophile. *Dalla intuizione alla istituzione. I francescani*. Biblioteca Franciscana, 1970.

FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LECLERC, Éloi. *Sabedoria dum Pobre*. Petrópolis: Vozes, 1968.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Cristo Vive em Mim: A História e a Teologia do Apóstolo Paulo à Luz da Tradição Católica

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luizaerodesign@gmail.com.br

Resumo

O presente artigo realiza uma análise histórica, teológica e pastoral da vida e da missão do Apóstolo Paulo sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Partindo do contexto histórico, religioso e cultural do século I, o estudo examina a formação de Saulo de Tarso, sua educação farisaica, sua inserção no ambiente helenístico e sua condição de cidadão romano, elementos que contribuíram significativamente para sua futura atividade missionária.

O trabalho dedica especial atenção ao acontecimento da conversão no caminho de Damasco, compreendido pela tradição católica como um autêntico encontro com Jesus Cristo Ressuscitado, que transformou radicalmente a existência do Apóstolo e fundamentou toda a sua missão evangelizadora.

O artigo analisa ainda as viagens missionárias de Paulo e sua decisiva contribuição para a expansão do cristianismo primitivo, evidenciando seu papel na universalização do Evangelho e na formação das primeiras comunidades cristãs.

São igualmente abordados os principais aspectos da teologia paulina, particularmente a centralidade de Cristo, a primazia da graça, a justificação pela fé, a ação do Espírito Santo e a esperança escatológica. O estudo examina também a atuação de Paulo na Igreja nascente, sua relação com os demais Apóstolos, sua contribuição para a unidade eclesial e sua compreensão da Igreja como Corpo de Cristo.

Por fim, são apresentados o martírio de São Paulo e seu legado permanente para a Igreja, ressaltando sua extraordinária atualidade teológica e pastoral para o cristianismo contemporâneo. Conclui-se que a figura do Apóstolo Paulo permanece como referência indispensável para a compreensão da fé cristã, da missão evangelizadora e da espiritualidade católica, constituindo modelo permanente de discípulo missionário configurado a Cristo.

Palavras Chave

São Paulo; Teologia Paulina; Evangelização; Igreja Primitiva; Missão Cristã.



Abstract

This article presents a historical, theological, and pastoral analysis of the life and mission of the Apostle Paul from the perspective of the Roman Catholic Church. Beginning with the historical, religious, and cultural context of the first century, the study examines the formation of Saul of Tarsus, his Pharisaic education, his insertion into the Hellenistic environment, and his status as a Roman citizen, elements that significantly contributed to his future missionary activity. Special attention is given to the event of Paul's conversion on the road to Damascus, understood by Catholic tradition as an authentic encounter with the Risen Jesus Christ, which radically transformed the Apostle's life and became the foundation of his entire evangelizing mission.

The article further analyzes Paul's missionary journeys and his decisive contribution to the expansion of early Christianity, highlighting his role in the universalization of the Gospel and in the establishment of the first Christian communities. The principal aspects of Pauline theology are also examined, particularly the centrality of Christ, the primacy of grace, justification by faith, the action of the Holy Spirit, and eschatological hope. The study also addresses Paul's role within the early Church, his relationship with the other Apostles, his contribution to ecclesial unity, and his understanding of the Church as the Body of Christ.

Finally, the martyrdom of Saint Paul and his enduring legacy for the Church are presented, emphasizing his remarkable theological and pastoral relevance for contemporary Christianity. The study concludes that the figure of the Apostle Paul remains an indispensable reference for understanding Christian faith, evangelizing mission, and Catholic spirituality, constituting a permanent model of a missionary disciple conformed to Christ.

Keywords

Saint Paul; Pauline Theology; Evangelization; Early Church; Christian Mission.

1 – Introdução

Entre as grandes personalidades que marcaram a história do cristianismo, poucas exerceram influência tão profunda e duradoura quanto o Apóstolo Paulo. Conhecido inicialmente como Saulo de Tarso, perseguidor dos primeiros cristãos, Paulo tornou-se, após seu encontro transformador com Jesus Cristo no caminho de Damasco, o mais ardoroso missionário do Evangelho e uma das figuras centrais da Igreja nascente. Sua vida, seu testemunho, suas viagens missionárias e seus escritos não apenas contribuíram decisivamente para a expansão do cristianismo no século I, mas continuam a iluminar a reflexão teológica, a espiritualidade e a ação pastoral da Igreja Católica até os dias atuais.

A importância de São Paulo para a tradição cristã ultrapassa os limites de uma simples análise histórica. Para a Igreja Católica, Paulo não é apenas um personagem relevante do passado, mas um autêntico testemunho da ação transformadora da graça divina na história humana. Sua trajetória pessoal manifesta de maneira singular o poder do encontro com Cristo Ressuscitado, capaz de converter um perseguidor em apóstolo, um opositor da fé em seu mais dedicado anunciador. Nesse sentido, a vida de Paulo constitui um paradigma permanente de conversão, discipulado e missão para todos os cristãos.

Historicamente, Paulo viveu em um dos períodos mais decisivos da história religiosa da humanidade. Inserido no complexo contexto político, cultural e religioso do século I, marcado pelo domínio do Império Romano, pela diversidade cultural do mundo helenístico e pelas tensões internas do judaísmo do Segundo Templo, o Apóstolo desenvolveu sua missão em meio a desafios significativos. Cidadão romano, judeu da diáspora e profundamente formado na tradição farisaica, Paulo possuía características singulares que o capacitaram a atuar como ponte entre o mundo judaico e o universo gentílico, tornando-se instrumento privilegiado da universalização da mensagem cristã.

A tradição da Igreja reconhece no acontecimento de Damasco um dos momentos mais importantes da história da salvação após a ressurreição de Cristo. O encontro de Paulo com o Senhor Ressuscitado não representou apenas uma mudança moral ou psicológica, mas uma autêntica experiência de revelação e vocação apostólica. Como afirma o Papa Bento XVI, a conversão paulina deve ser compreendida essencialmente como um encontro pessoal com Cristo, capaz de transformar radicalmente a existência humana e orientá-la integralmente para o serviço do Evangelho. A partir desse encontro, toda a vida de Paulo passou a ser determinada pela centralidade absoluta de Cristo, fundamento de sua teologia e de sua missão.

Do ponto de vista teológico, São Paulo ocupa um lugar singular na reflexão cristã. Suas cartas constituem os documentos mais antigos do Novo Testamento e oferecem um testemunho privilegiado da fé das primeiras comunidades cristãs. Temas como a justificação pela graça, a centralidade da cruz, a ressurreição de Cristo, a ação do Espírito Santo, a natureza da Igreja como Corpo de Cristo, a esperança escatológica e a universalidade da salvação encontram em Paulo uma elaboração teológica de extraordinária profundidade. Ao longo dos séculos, o Magistério da Igreja, os Padres da Igreja e os grandes teólogos cristãos encontraram nas epístolas paulinas uma fonte inesgotável para a compreensão do mistério cristão.

Entretanto, a figura de São Paulo não pode ser reduzida apenas à sua produção literária ou à sua contribuição doutrinal. Antes de ser teólogo, Paulo foi missionário; antes de ser escritor, foi testemunha. Sua existência caracterizou-se por uma entrega radical ao anúncio do Evangelho, frequentemente acompanhada de sofrimentos, perseguições, prisões e incompreensões. O próprio Apóstolo testemunha ter enfrentado inúmeras tribulações por causa de Cristo, revelando que a missão cristã está intimamente



associada ao mistério da cruz. Nessa perspectiva, sua vida constitui um exemplo eloquente de fidelidade, perseverança e amor incondicional ao Senhor.

Sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana, São Paulo permanece uma referência indispensável para a compreensão da identidade e da missão da Igreja. O Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, reafirma a centralidade da Sagrada Escritura na vida eclesial, reconhecendo nas cartas paulinas um testemunho inspirado pelo Espírito Santo e normativo para a fé cristã. Da mesma forma, os pontificados recentes, particularmente os de São João Paulo II, Bento XVI e Francisco, têm ressaltado constantemente a atualidade da espiritualidade paulina, especialmente no contexto da nova evangelização e da formação de discípulos missionários.

Diante disso, o presente artigo propõe uma análise histórica, teológica e espiritual da vida e da missão do Apóstolo Paulo à luz da tradição e do Magistério da Igreja Católica. Busca-se compreender o contexto histórico de sua atuação, sua formação religiosa e cultural, a experiência de conversão, as viagens missionárias, os principais elementos de sua teologia e a relevância de seu legado para a Igreja contemporânea. Pretende-se, ainda, evidenciar que a figura de São Paulo continua profundamente atual, oferecendo à Igreja de nosso tempo um modelo de discípulo missionário apaixonado por Cristo e totalmente dedicado ao anúncio do Evangelho.

Assim, estudar a história do Apóstolo Paulo não significa apenas revisitar acontecimentos do passado, mas reencontrar uma testemunha privilegiada do Ressuscitado, cuja vida continua a inspirar gerações de cristãos. Em uma época marcada por profundas transformações culturais, crises de sentido e desafios à fé, a experiência paulina permanece um convite permanente à conversão, ao compromisso missionário e à confiança absoluta na graça de Deus, que continua a agir na história e a chamar homens e mulheres para o seguimento de Jesus Cristo.

2 – O Contexto Histórico, Religioso e Cultural do Século I

A compreensão da vida, da missão e da teologia do Apóstolo Paulo exige, necessariamente, o conhecimento do contexto histórico, religioso e cultural no qual ele viveu e desenvolveu sua atividade missionária. O século I da era cristã foi um período de profundas transformações políticas, sociais e religiosas, caracterizado pelo domínio do Império Romano, pela difusão da cultura helenística e pela intensa diversidade religiosa presente no mundo mediterrâneo. Foi nesse ambiente complexo e dinâmico que surgiu o cristianismo e que Paulo de Tarso desempenhou sua missão apostólica, tornando-se um dos principais responsáveis pela expansão da fé cristã para além das fronteiras do judaísmo.

Politicamente, o século I era marcado pela hegemonia do Império Romano. Sob o governo dos imperadores da dinastia júlio-claudiana, especialmente Augusto, Tibério, Cláudio e Nero, Roma havia

consolidado um vasto domínio territorial que se estendia da Europa Ocidental ao Oriente Médio e ao Norte da África. Esse amplo território encontrava-se relativamente unificado graças à chamada *Pax Romana*, período de estabilidade política e militar que favoreceu o desenvolvimento econômico, a circulação de pessoas e o intercâmbio cultural entre diferentes povos.

A *Pax Romana* exerceu papel decisivo na expansão inicial do cristianismo. As estradas romanas, consideradas uma das maiores realizações da engenharia antiga, permitiram deslocamentos relativamente seguros entre as diversas regiões do império. Paulo utilizou amplamente essa infraestrutura durante suas viagens missionárias, percorrendo milhares de quilômetros por terra e mar para anunciar o Evangelho. Além disso, o sistema jurídico romano, especialmente a cidadania romana possuída por Paulo, conferia determinados direitos legais que, em várias ocasiões, contribuíram para a proteção do Apóstolo diante das perseguições e hostilidades encontradas ao longo de sua missão.

Entretanto, apesar da estabilidade política proporcionada por Roma, o ambiente social do império era profundamente desigual. A sociedade romana estava estruturada em rígidas divisões sociais, nas quais uma pequena elite aristocrática concentrava riqueza e poder, enquanto grande parte da população vivia em condições de pobreza ou dependência. A escravidão era amplamente difundida e constituía elemento fundamental da economia imperial. Nesse contexto, a mensagem cristã da dignidade universal de todos os seres humanos, fundamentada na filiação divina e na fraternidade em Cristo, representava uma proposta profundamente inovadora e, em muitos aspectos, contracultural.

Do ponto de vista cultural, o mundo mediterrâneo do século I era fortemente influenciado pelo helenismo. Desde as conquistas de Alexandre Magno, no século IV a.C., a cultura grega havia se difundido amplamente pelo Oriente Próximo, estabelecendo uma unidade cultural que perdurou mesmo sob o domínio romano. A língua grega, particularmente o grego *koiné*, tornou-se o principal instrumento de comunicação internacional, sendo utilizada no comércio, na administração e na produção intelectual.

Essa realidade cultural exerceu profunda influência sobre a formação e a missão de Paulo. Nascido em Tarso, importante centro cultural da Cilícia, o futuro Apóstolo cresceu em um ambiente fortemente marcado pela cultura helenística. Embora profundamente fiel à tradição judaica, Paulo demonstrava amplo conhecimento do pensamento, da linguagem e dos costumes do mundo greco-romano. Essa dupla pertença cultural permitiu-lhe estabelecer pontes entre diferentes universos religiosos e culturais, favorecendo a inculturação da mensagem cristã entre os povos gentílicos.

O ambiente religioso do século I caracterizava-se por grande pluralidade. Além das religiões tradicionais greco-romanas, marcadas pelo culto aos deuses do panteão clássico, proliferavam diversas correntes filosóficas e movimentos religiosos orientais. O estoicismo, o epicurismo e o platonismo exerciam considerável influência intelectual, oferecendo respostas às questões fundamentais da existência humana.



Simultaneamente, cultos de mistério provenientes do Oriente, como os cultos de Ísis, Mitra e Cibele, atraíam numerosos adeptos, especialmente nas grandes cidades do império.

Nesse cenário plural, o judaísmo ocupava posição singular. Após o exílio babilônico e durante o período do Segundo Templo, o povo judeu desenvolveu uma identidade religiosa fortemente centrada na fé monoteísta, na observância da Lei mosaica e na esperança messiânica. A dispersão dos judeus por diversas regiões do império, fenômeno conhecido como diáspora, favoreceu a criação de numerosas comunidades judaicas fora da Palestina. Essas comunidades, organizadas em torno das sinagogas, desempenharam papel decisivo na propagação inicial do cristianismo.

Paulo nasceu precisamente nesse contexto da diáspora judaica. Judeu da tribo de Benjamim, circuncidado conforme a Lei e educado segundo a mais rigorosa tradição farisaica, ele foi profundamente moldado pelas Escrituras e pela espiritualidade de Israel. Conforme testemunha em suas próprias cartas, recebeu formação em Jerusalém sob a orientação de Gamaliel, um dos mais respeitados mestres do judaísmo farisaico da época. Essa sólida formação rabínica exerceu influência determinante em sua posterior interpretação cristológica das Escrituras.

O judaísmo do século I, entretanto, não constituía uma realidade homogênea. Diversos grupos coexistiam, frequentemente em tensão entre si. Os fariseus, grupo ao qual Paulo originalmente pertencia, destacavam-se pelo rigor na observância da Lei e pela valorização das tradições orais. Os saduceus, vinculados à aristocracia sacerdotal, concentravam seu poder no Templo de Jerusalém e possuíam maior proximidade com as autoridades romanas. Os essênios cultivavam uma espiritualidade ascética e comunitária, enquanto os zelotas defendiam a resistência armada contra a dominação estrangeira.

A expectativa messiânica também ocupava lugar central na espiritualidade judaica do período. Muitos judeus aguardavam a intervenção definitiva de Deus na história, frequentemente associada à vinda de um Messias libertador que restauraria Israel e instauraria o Reino de Deus. Foi precisamente nesse contexto de esperança escatológica que Jesus de Nazaré desenvolveu sua missão e que a comunidade cristã primitiva começou a anunciar sua ressurreição como cumprimento das promessas divinas.

A Igreja nascente surgiu, portanto, em um ambiente marcado simultaneamente pela diversidade cultural, pela pluralidade religiosa e pelas tensões sociais e políticas. O anúncio cristão de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado encontrou acolhida, mas também resistência, tanto entre judeus quanto entre gentios. O próprio Paulo experimentaria intensamente essas tensões ao longo de sua atividade missionária, enfrentando perseguições, prisões e incompreensões.

Sob a perspectiva teológica da Igreja Católica, a complexidade histórica do século I manifesta a providência divina atuando na preparação da plenitude dos tempos. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, Deus conduz a história humana segundo seu desígnio salvífico, utilizando circunstâncias políticas,



culturais e religiosas para favorecer a difusão do Evangelho. O contexto histórico no qual Paulo viveu não foi mero cenário accidental, mas parte integrante do plano divino que preparou o caminho para a universalização da mensagem cristã.

Dessa forma, o estudo do contexto histórico, religioso e cultural do século I permite compreender mais profundamente não apenas a figura do Apóstolo Paulo, mas também a extraordinária expansão do cristianismo primitivo. Inserido em um mundo plural e desafiador, Paulo tornou-se instrumento privilegiado da graça divina, levando a Boa-Nova de Jesus Cristo aos mais diversos povos e culturas, lançando os fundamentos da missão universal da Igreja que perdura até os nossos dias.

3 - A Vida de Saulo de Tarso: Formação e Primeiros Anos

A compreensão da figura do Apóstolo Paulo exige um olhar atento sobre seus primeiros anos de vida, sua formação religiosa e cultural, bem como sobre os elementos históricos que moldaram sua personalidade e prepararam sua futura missão apostólica. Antes de tornar-se o grande missionário dos gentios e uma das principais colunas da Igreja nascente, Paulo foi Saulo de Tarso, um judeu profundamente comprometido com as tradições de seus antepassados e zeloso defensor da fé de Israel. Sua trajetória inicial revela uma combinação singular de influências judaicas, helenísticas e romanas, que seriam decisivas para o desenvolvimento posterior de sua missão evangelizadora.

As principais informações acerca da vida de Paulo antes de sua conversão encontram-se nos Atos dos Apóstolos e em algumas referências autobiográficas presentes em suas próprias cartas. Embora esses dados sejam relativamente escassos, eles permitem reconstruir os aspectos fundamentais de sua formação e identidade. Segundo o relato bíblico, Saulo nasceu em Tarso, importante cidade da região da Cilícia, situada no sudeste da atual Turquia (At 22,3). Tarso era reconhecida como um dos mais importantes centros intelectuais do mundo helenístico, rivalizando, em determinados períodos, com cidades como Atenas e Alexandria.

O fato de ter nascido em Tarso conferiu a Saulo uma experiência cultural particularmente rica. Crescendo em um ambiente cosmopolita, marcado pela intensa circulação de ideias filosóficas, tradições religiosas e intercâmbios comerciais, ele teve contato desde cedo com a cultura greco-romana. Essa realidade exerceu significativa influência sobre sua capacidade posterior de dialogar com diferentes povos e culturas durante suas viagens missionárias. O domínio da língua grega, a familiaridade com elementos da retórica helenística e o conhecimento de determinados aspectos do pensamento filosófico tornaram-se instrumentos valiosos para sua atividade evangelizadora.

Contudo, apesar de sua inserção no ambiente helenístico, Saulo foi profundamente formado na tradição religiosa judaica. Ele próprio afirma ser hebreu, filho de hebreus, pertencente à tribo de Benjamim



(Fl 3,5). Sua família parece ter preservado com rigor a identidade religiosa judaica, transmitindo-lhe desde a infância a observância da Lei mosaica, o estudo das Escrituras e a prática das tradições ancestrais. Essa fidelidade ao judaísmo constituiu um elemento central de sua identidade pessoal e espiritual durante toda a sua vida.

Um aspecto particularmente significativo da biografia de Paulo é sua condição de cidadão romano. Os Atos dos Apóstolos registram que Saulo possuía cidadania romana por nascimento (At 22,28), privilégio relativamente raro entre os judeus da diáspora. Essa condição jurídica lhe assegurava diversos direitos e garantias legais, que seriam fundamentais em momentos decisivos de sua missão apostólica. Em diversas ocasiões, Paulo utilizou sua cidadania para defender-se judicialmente, evitar punições ilegais e garantir a continuidade de seu trabalho missionário. Mais do que um privilégio pessoal, a cidadania romana revelou-se instrumento providencial a serviço da expansão do Evangelho.

A sólida formação religiosa de Saulo atingiu seu ponto culminante em Jerusalém. Segundo seu próprio testemunho, ele foi educado "aos pés de Gamaliel" (At 22,3), um dos mais renomados mestres do judaísmo farisaico do século I. Gamaliel era membro influente do Sinédrio e gozava de grande prestígio entre os judeus de sua época. Sob sua orientação, Saulo recebeu rigorosa formação nas Escrituras, na interpretação da Lei e nas tradições dos pais.

Essa educação farisaica exerceu profunda influência sobre a teologia posterior de Paulo. O farisaísmo caracterizava-se pelo intenso zelo pela Lei mosaica, pela crença na ressurreição dos mortos, pela expectativa messiânica e pela valorização da tradição oral. Paulo absorveu profundamente esses elementos, tornando-se um dos mais fervorosos representantes do judaísmo de sua geração. Em sua carta aos Filipenses, ele afirma ter sido "quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja" (Fl 3,5-6), testemunhando assim o intenso comprometimento que possuía com sua tradição religiosa.

O zelo religioso de Saulo constitui um dos traços mais marcantes de sua personalidade antes da conversão. Convencido de estar defendendo a pureza da fé de Israel, ele viu no movimento cristão nascente uma ameaça às tradições recebidas. A proclamação de Jesus como Messias e Filho de Deus, especialmente após sua crucifixão, parecia incompatível com a compreensão judaica tradicional do Messias esperado. Por essa razão, Saulo dedicou-se intensamente à perseguição dos primeiros cristãos.

Os Atos dos Apóstolos apresentam Saulo como testemunha da morte de Estêvão, considerado o primeiro mártir cristão (At 7,58). Embora o texto não o apresente diretamente como executor, ele aparece consentindo e aprovando a condenação de Estêvão. Esse episódio parece ter exercido profunda influência sobre sua trajetória posterior. O testemunho corajoso dos primeiros cristãos, particularmente diante do sofrimento e da morte, provavelmente deixou marcas profundas em sua consciência, preparando interiormente o caminho para o futuro encontro com Cristo Ressuscitado.

A perseguição promovida por Saulo contra a Igreja nascente não deve ser interpretada apenas como expressão de intolerância religiosa. No contexto do judaísmo do século I, sua atitude era compreendida como manifestação de fidelidade à Aliança e defesa da verdadeira fé. Como muitos judeus de sua época, Saulo acreditava sinceramente estar prestando serviço a Deus ao combater aqueles que considerava desviados da tradição de Israel. Essa convicção torna ainda mais extraordinária a transformação que posteriormente ocorreria em sua vida.

Do ponto de vista espiritual, a experiência de Saulo antes de Damasco revela a sinceridade de uma busca religiosa intensa, embora ainda incompleta. A tradição católica sempre reconheceu que a graça de Deus já atuava misteriosamente em sua vida antes de sua conversão explícita. O zelo pela Lei, o amor às Escrituras e o desejo sincero de servir a Deus constituíram elementos que seriam posteriormente purificados, iluminados e elevados pelo encontro com Cristo.

A formação intelectual e espiritual recebida por Saulo preparou-o de maneira singular para sua futura missão apostólica. Sua familiaridade com as Escrituras permitiu-lhe reinterpretar toda a história da salvação à luz do mistério pascal de Cristo. Seu conhecimento do mundo helenístico favoreceu o diálogo com os gentios. Sua cidadania romana abriu-lhe caminhos missionários antes inacessíveis. Tudo isso revela, sob a perspectiva da fé, a ação providencial de Deus conduzindo a história e preparando seu escolhido para a missão que lhe seria confiada.

À luz da teologia católica, os primeiros anos da vida de Saulo de Tarso manifestam que Deus age na história humana respeitando a liberdade e utilizando as experiências concretas de cada pessoa para a realização de seu plano salvífico. Nada na vida de Paulo foi inútil ou acidental. Sua formação religiosa, sua cultura, seus conflitos interiores e até mesmo seus erros seriam transformados pela graça e colocados a serviço do Evangelho.

Dessa forma, a análise da formação e dos primeiros anos de Saulo permite compreender que a vocação apostólica não surge isoladamente, mas insere-se em uma história concreta, marcada por influências culturais, experiências pessoais e pela ação silenciosa da providência divina. Aquele que inicialmente perseguiu a Igreja tornar-se-ia, pela graça de Deus, um de seus maiores missionários e teólogos, demonstrando que a misericórdia divina é capaz de transformar profundamente a existência humana e colocá-la inteiramente a serviço do Reino de Deus.

4 - A Conversão no Caminho de Damasco: Encontro com Cristo Ressuscitado

Entre os acontecimentos mais decisivos da história do cristianismo primitivo, destaca-se, sem dúvida, a experiência vivida por Saulo de Tarso no caminho de Damasco. O encontro com Jesus Cristo Ressuscitado constituiu um verdadeiro ponto de inflexão em sua existência, transformando radicalmente



sua compreensão de Deus, das Escrituras, da Lei e da própria missão. A tradição cristã sempre reconheceu nesse episódio não apenas a conversão pessoal de um indivíduo, mas um evento de profundo significado eclesial e teológico, cujas consequências ultrapassaram os limites da experiência individual para influenciar decisivamente toda a história da Igreja.

Os relatos desse acontecimento encontram-se principalmente nos Atos dos Apóstolos (At 9,1-19; 22,3-21; 26,9-18), além das referências autobiográficas presentes nas cartas paulinas (Gl 1,11-17; Fl 3,7-11; 1Cor 15,8-10). Embora apresentem nuances distintas, todos os testemunhos convergem em um ponto essencial: Saulo experimentou um encontro real e transformador com Jesus Cristo Ressuscitado. A Igreja Católica interpreta esse acontecimento não como uma simples experiência psicológica, visão subjetiva ou crise existencial, mas como uma autêntica revelação do Senhor glorificado, que chamou Paulo ao apostolado e o constituiu testemunha privilegiada do Evangelho.

Antes de partir para Damasco, Saulo permanecia profundamente comprometido com a perseguição aos cristãos. Movido por sincero zelo religioso, acreditava estar defendendo a integridade da fé de Israel contra um movimento que considerava perigoso e herético. Conforme narram os Atos dos Apóstolos, munido de cartas de autorização do sumo sacerdote, Saulo dirigia-se a Damasco com a intenção de prender os seguidores de Jesus e conduzi-los a Jerusalém para julgamento (At 9,1-2).

Foi precisamente nesse contexto de hostilidade à Igreja que ocorreu o acontecimento decisivo. Segundo o relato bíblico, próximo a Damasco, uma intensa luz vinda do céu envolveu Saulo, que caiu por terra e ouviu uma voz dizendo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4). Diante da pergunta: "Quem és tu, Senhor?", recebeu a resposta: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (At 9,5). Essas palavras constituem o núcleo teológico do acontecimento e revelam uma das verdades fundamentais da eclesiologia cristã: a profunda união entre Cristo e sua Igreja. Ao perseguir os cristãos, Saulo perseguia o próprio Cristo.

A experiência de Damasco não deve ser compreendida simplesmente como uma mudança moral ou ideológica. Na perspectiva da tradição católica, trata-se, antes de tudo, de uma autêntica experiência de revelação. O próprio Paulo afirma na Carta aos Gálatas que Deus "se dignou revelar seu Filho em mim, para que eu o anunciasse entre os pagãos" (Gl 1,16). Essa linguagem evidencia que Paulo compreendia sua experiência não apenas como conversão pessoal, mas como chamado profético e apostólico, semelhante às vocações dos grandes profetas do Antigo Testamento.

Do ponto de vista teológico, a experiência de Damasco constitui uma verdadeira cristofania pascal. Paulo encontrou-se com Cristo glorificado, ressuscitado dentre os mortos e exaltado à direita do Pai. Essa experiência tornou-se fundamento de toda a sua teologia posterior. A centralidade absoluta de Cristo em suas cartas, sua compreensão da justificação pela fé, sua visão da Igreja como Corpo de Cristo e sua espiritualidade profundamente cristocêntrica encontram sua origem nesse encontro transformador.

A tradição patrística refletiu amplamente sobre o significado espiritual da conversão de Paulo. Santo Agostinho via em Damasco uma extraordinária manifestação da graça divina, capaz de transformar o coração humano mais endurecido. Segundo o Bispo de Hipona, a conversão de Paulo demonstra que ninguém está fora do alcance da misericórdia de Deus. Aquele que perseguia violentamente a Igreja tornou-se, pela ação da graça, um de seus mais ardorosos defensores.

São João Crisóstomo, por sua vez, destacava a iniciativa divina presente na conversão paulina. Não foi Saulo quem procurou Cristo; foi Cristo quem tomou a iniciativa de encontrá-lo. Essa perspectiva permanece central na teologia católica da graça: toda conversão autêntica nasce da iniciativa amorosa de Deus, que precede e sustenta a resposta humana. A experiência de Paulo ilustra de maneira exemplar o ensinamento posteriormente desenvolvido pela Igreja acerca da primazia da graça no processo da salvação.

Um aspecto particularmente significativo do relato de Damasco é a cegueira temporária de Saulo. Após o encontro com Cristo, ele permaneceu cego durante três dias (At 9,9). A tradição espiritual cristã interpretou frequentemente essa cegueira como símbolo da passagem das trevas para a luz, da antiga compreensão da fé para a plena revelação em Cristo. Os três dias de escuridão recordam simbolicamente o mistério pascal e representam um verdadeiro processo de morte e renascimento espiritual.

A intervenção de Ananias ocupa igualmente lugar central na narrativa. Enviado pelo próprio Senhor, Ananias impõe as mãos sobre Saulo, devolvendo-lhe a visão e administrando-lhe o batismo (At 9,17-18). Esse detalhe possui profundo significado eclesiológico. Embora chamado diretamente por Cristo, Paulo é acolhido e integrado à comunidade cristã por meio da mediação da Igreja. A experiência pessoal do Ressuscitado não dispensa a dimensão eclesial da fé; ao contrário, conduz necessariamente à comunhão com a Igreja.

Após o batismo, Paulo inicia um período de profunda transformação interior. Sua compreensão das Escrituras, da Lei e das promessas feitas a Israel é inteiramente reformulada à luz do acontecimento de Cristo. A partir desse momento, toda a sua existência passa a ser orientada pelo anúncio do Evangelho. Em sua Carta aos Filipenses, Paulo expressa essa radical mudança ao afirmar: "Considero tudo como perda diante da excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fl 3,8).

Sob a ótica da Igreja Católica, a conversão de Paulo permanece paradigma permanente de toda autêntica experiência cristã. O Papa Bento XVI ensinava que a conversão paulina não consistiu na passagem de uma religião para outra, mas no encontro pessoal com Cristo Ressuscitado, que conferiu novo significado a toda a sua existência anterior. Trata-se de uma transformação interior profunda, pela qual Cristo se torna o centro absoluto da vida.

Além de sua dimensão pessoal, a conversão de Paulo possui importante significado missionário. Desde o primeiro momento, Cristo revela a Saulo sua vocação específica: ser instrumento escolhido para

levar o nome de Jesus aos gentios, reis e filhos de Israel (At 9,15). A experiência do encontro conduz imediatamente à missão. Não existe verdadeira experiência de Cristo sem compromisso evangelizador.

A conversão no caminho de Damasco continua a exercer profunda influência sobre a espiritualidade cristã contemporânea. Em um mundo frequentemente marcado pela indiferença religiosa, pelo secularismo e pela busca de sentido, a experiência paulina recorda que o encontro pessoal com Cristo permanece possível e transformador. A vida de Paulo testemunha que nenhuma situação humana está definitivamente fechada à ação da graça divina.

Dessa forma, a experiência de Damasco constitui não apenas um episódio biográfico na vida do Apóstolo, mas um dos acontecimentos fundantes da história cristã. Nela se manifesta de maneira singular a força transformadora da graça, a centralidade de Cristo Ressuscitado e a vocação missionária da Igreja. A conversão de Paulo permanece, assim, um convite permanente à abertura ao encontro com Cristo, capaz de renovar profundamente a vida humana e colocá-la inteiramente a serviço do Reino de Deus.

5 – As Viagens Missionárias e a Expansão do Cristianismo

Após a experiência transformadora no caminho de Damasco, a vida do Apóstolo Paulo passou a ser inteiramente orientada pelo anúncio do Evangelho. Aquele que outrora perseguira a Igreja tornou-se seu mais ardoroso missionário, dedicando todas as suas energias à proclamação de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. As viagens missionárias de Paulo constituem um dos capítulos mais importantes da história do cristianismo primitivo, pois foram decisivas para a expansão da fé cristã para além das fronteiras da Palestina e para a consolidação do caráter universal da Igreja.

A tradição cristã reconhece em Paulo o grande Apóstolo dos Gentios, título que expressa sua missão específica de anunciar o Evangelho aos povos não judeus. Essa vocação encontra fundamento no próprio chamado recebido de Cristo Ressuscitado, que o constituiu “instrumento escolhido para levar o meu nome aos pagãos, aos reis e aos filhos de Israel” (At 9,15). A universalidade da missão paulina representou um momento decisivo na história da salvação, pois manifestou concretamente que a redenção oferecida por Cristo destinava-se a toda a humanidade, independentemente de origem étnica, condição social ou tradição cultural.

Os Atos dos Apóstolos descrevem tradicionalmente três grandes viagens missionárias realizadas por Paulo, além de sua viagem final a Roma na condição de prisioneiro. Embora essa divisão possua caráter didático, ela permite compreender o extraordinário dinamismo missionário do Apóstolo e a amplitude geográfica de sua atuação evangelizadora.

A primeira viagem missionária, narrada em Atos 13 e 14, teve início por volta dos anos 46-49 d.C. A comunidade cristã de Antioquia da Síria, sob inspiração do Espírito Santo, enviou Paulo e Barnabé para



a obra missionária. Este fato possui profundo significado eclesiológico, pois evidencia que a missão nasce no interior da comunidade e é sustentada por ela. A Igreja, desde suas origens, compreende-se como essencialmente missionária, enviada ao mundo para anunciar a salvação em Cristo.

Durante essa primeira viagem, Paulo percorreu diversas regiões da ilha de Chipre e da Ásia Menor, evangelizando cidades como Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. Em cada localidade, sua metodologia missionária seguia, geralmente, um mesmo padrão: inicialmente dirigia-se às sinagogas judaicas, anunciando que Jesus era o Messias prometido nas Escrituras; diante da resistência de parte dos judeus, voltava-se progressivamente aos gentios. Esse método revela tanto sua fidelidade às promessas feitas a Israel quanto sua convicção acerca da universalidade do Evangelho.

A experiência missionária de Paulo foi marcada desde o início por intensas dificuldades. Perseguições, expulsões, rejeições e ameaças tornaram-se elementos constantes de sua atividade apostólica. Em Listra, por exemplo, Paulo chegou a ser apedrejado e dado como morto (At 14,19). No entanto, essas adversidades não diminuíram seu ardor missionário; ao contrário, fortaleceram sua convicção de que o anúncio do Evangelho implica necessariamente participação no mistério da cruz de Cristo.

A segunda viagem missionária, realizada aproximadamente entre os anos 49 e 52 d.C., representou um momento particularmente significativo para a expansão do cristianismo. Acompanhado inicialmente por Silas e, posteriormente, por Timóteo e Lucas, Paulo percorreu novamente diversas comunidades da Ásia Menor. Durante essa viagem ocorreu um episódio decisivo narrado nos Atos dos Apóstolos: a visão do macedônio, na qual Paulo recebeu o chamado para evangelizar a Europa (At 16,9-10).

Atravessando o mar Egeu, Paulo chegou à Macedônia, fundando importantes comunidades cristãs em cidades como Filipos, Tessalônica e Bereia. Posteriormente, dirigiu-se a Atenas, centro intelectual do mundo grego. O discurso pronunciado no Areópago (At 17,22-34) constitui um dos momentos mais significativos do diálogo entre fé cristã e cultura helenística. Demonstrando extraordinária sensibilidade pastoral, Paulo procurou anunciar Cristo utilizando elementos da própria tradição filosófica grega, oferecendo um modelo permanente de inculturação do Evangelho.

Ainda durante essa segunda viagem, Paulo permaneceu por longo período em Corinto, importante centro comercial e cultural do Império Romano. A comunidade coríntia, marcada por intensa diversidade social e numerosos desafios pastorais, tornar-se-ia posteriormente destinatária de algumas de suas mais importantes cartas. O trabalho missionário em Corinto evidencia a preocupação permanente de Paulo não apenas em fundar comunidades, mas também em acompanhá-las espiritualmente e fortalecer sua maturidade na fé.

A terceira viagem missionária, desenvolvida entre os anos 53 e 58 d.C., concentrou-se sobretudo no fortalecimento das comunidades já estabelecidas. Nesse período, Éfeso tornou-se o principal centro de sua

atividade missionária. Durante aproximadamente três anos, Paulo desenvolveu intenso trabalho evangelizador naquela cidade, transformando-a em importante polo irradiador do cristianismo para toda a região da Ásia Menor.

As viagens missionárias de Paulo não consistiram simplesmente em deslocamentos geográficos. Elas representaram um profundo processo de implantação da vida eclesial. O Apóstolo não apenas anunciava o Evangelho, mas organizava comunidades, instituía presbíteros, promovia a formação dos fiéis e estabelecia vínculos permanentes de comunhão entre as diversas Igrejas locais. Sua preocupação pastoral é amplamente testemunhada em suas cartas, nas quais orienta, corrige, exorta e consola as comunidades sob seus cuidados.

Do ponto de vista teológico, a atividade missionária de Paulo encontra seu fundamento na própria natureza universal da salvação realizada por Cristo. Para o Apóstolo, a morte e a ressurreição de Jesus inauguraram uma nova etapa na história da salvação, na qual todos os povos são chamados a participar da mesma promessa divina. Essa convicção aparece claramente expressa na Carta aos Gálatas: "Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3,28).

A expansão do cristianismo promovida por Paulo também provocou importantes debates no interior da Igreja nascente. A questão acerca da necessidade da observância integral da Lei mosaica pelos convertidos gentios tornou-se objeto de intensas discussões, culminando no chamado Concílio de Jerusalém (At 15). O reconhecimento da legitimidade da missão entre os gentios sem a imposição completa das prescrições judaicas representou um marco fundamental na consolidação da universalidade da Igreja.

Sob a ótica da tradição católica, o dinamismo missionário de Paulo permanece paradigma permanente para a ação evangelizadora da Igreja. O Concílio Vaticano II, especialmente no Decreto *Ad Gentes*, reconhece no Apóstolo um modelo privilegiado de missionário, inteiramente configurado a Cristo e plenamente dedicado ao anúncio do Evangelho. Da mesma forma, os pontífices contemporâneos têm frequentemente apresentado Paulo como inspiração para a nova evangelização e para o testemunho cristão no mundo atual.

A vida missionária de Paulo evidencia ainda a profunda relação entre contemplação e ação evangelizadora. Seu intenso trabalho apostólico era continuamente sustentado pela oração, pela vida sacramental e pela experiência pessoal de comunhão com Cristo. A missão, para Paulo, não constituía simples atividade humana, mas participação na própria missão de Cristo ressuscitado.

Dessa forma, as viagens missionárias do Apóstolo Paulo representam muito mais do que episódios históricos isolados. Elas constituem expressão concreta do impulso missionário da Igreja nascente e testemunham a força transformadora do Evangelho capaz de ultrapassar fronteiras culturais, étnicas e religiosas. A expansão do cristianismo promovida por Paulo lançou os fundamentos da missão universal da



Igreja e continua a inspirar, até os nossos dias, todos aqueles que se dedicam ao anúncio de Jesus Cristo ao mundo.

6 – A Teologia Paulina: Cristo, Graça, Fé e Salvação

A contribuição teológica do Apóstolo Paulo ocupa um lugar central na tradição doutrinal da Igreja Católica. Suas cartas, redigidas no contexto concreto da vida das primeiras comunidades cristãs, constituem não apenas os escritos mais antigos do Novo Testamento, mas também uma das mais profundas reflexões acerca do mistério de Jesus Cristo e da obra da salvação. A chamada teologia paulina não se apresenta como um sistema teórico elaborado de maneira abstrata; ao contrário, nasce da experiência pessoal do encontro com Cristo Ressuscitado e da necessidade pastoral de iluminar, corrigir e fortalecer a fé das comunidades cristãs. No centro dessa reflexão encontram-se quatro grandes temas inseparavelmente unidos: Cristo, a graça, a fé e a salvação.

O fundamento de toda a teologia de Paulo é a pessoa de Jesus Cristo. Após sua experiência no caminho de Damasco, Cristo tornou-se o centro absoluto de sua existência, de sua pregação e de sua reflexão teológica. O próprio Apóstolo testemunha essa realidade ao afirmar: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20). Toda a compreensão paulina da história da salvação, da Igreja e da vida cristã parte dessa convicção fundamental: em Jesus Cristo, Deus realizou plenamente seu plano salvífico para a humanidade.

A cristologia paulina apresenta Jesus simultaneamente como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, plenamente inserido na história humana e, ao mesmo tempo, participante da glória divina. Para Paulo, Cristo é o novo Adão, aquele que inaugura uma nova humanidade reconciliada com Deus. Em sua Carta aos Romanos, o Apóstolo estabelece um profundo paralelismo entre Adão e Cristo, mostrando que, assim como o pecado entrou no mundo por meio de um homem, também por meio de um homem veio a redenção (Rm 5,12-21). Essa perspectiva teológica revela a dimensão universal da missão de Cristo, cuja obra redentora abrange toda a humanidade.

O mistério pascal ocupa posição central na cristologia paulina. A morte e a ressurreição de Jesus constituem o acontecimento decisivo da história da salvação. Para Paulo, a cruz não representa derrota ou fracasso, mas manifestação suprema do amor de Deus. Na Primeira Carta aos Coríntios, ele afirma: "Nós pregamos Cristo crucificado" (1Cor 1,23), ressaltando que a cruz, escândalo para uns e loucura para outros, constitui, na realidade, a sabedoria e o poder de Deus. Toda a esperança cristã fundamenta-se nesse acontecimento central, por meio do qual Deus reconciliou consigo o mundo.

Intimamente vinculada à centralidade de Cristo está a doutrina da graça. A experiência pessoal da conversão levou Paulo a reconhecer que a iniciativa da salvação pertence inteiramente a Deus. A graça,

para o Apóstolo, é o dom gratuito e imerecido pelo qual Deus comunica sua própria vida ao ser humano. Não se trata de simples benevolência divina, mas da ação eficaz de Deus que transforma profundamente a pessoa humana e a torna participante de sua vida divina.

A teologia da graça ocupa lugar particularmente destacado nas Cartas aos Romanos e aos Gálatas. Combatendo a ideia de que a salvação poderia ser alcançada exclusivamente pela observância da Lei mosaica, Paulo insiste na absoluta gratuidade da iniciativa divina. "Todos pecaram e estão privados da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça" (Rm 3,23-24). A salvação não é conquista humana, mas dom oferecido gratuitamente por Deus em Cristo.

Entretanto, a gratuidade da graça não elimina a responsabilidade humana. A tradição católica, em plena sintonia com o pensamento paulino, ensina que a graça divina não destrói a liberdade, mas a cura, aperfeiçoa e eleva. O ser humano é chamado a acolher livremente a ação salvífica de Deus e a cooperar com ela ao longo de toda a vida cristã. Essa cooperação, contudo, permanece sempre dependente da iniciativa primeira da graça.

Outro elemento fundamental da teologia paulina é a fé. Para Paulo, a fé não consiste apenas em adesão intelectual a determinadas verdades religiosas, mas em uma resposta existencial de confiança e entrega à pessoa de Jesus Cristo. Crer significa acolher o Evangelho, reconhecer em Cristo o Senhor e conformar toda a existência ao seu mistério pascal. A fé estabelece uma nova relação entre Deus e o ser humano, fundada não na observância exterior da Lei, mas na comunhão pessoal com Cristo.

A célebre afirmação paulina de que o ser humano é "justificado pela fé" (Rm 3,28) ocupa posição central na reflexão teológica cristã. A Igreja Católica interpreta essa doutrina à luz do conjunto da revelação bíblica, ensinando que a justificação é obra da graça divina acolhida pela fé viva, que necessariamente se manifesta nas obras de amor. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, a fé sem obras é morta, e a verdadeira fé opera pela caridade, produzindo frutos concretos de santidade e serviço.

A salvação, na perspectiva paulina, apresenta dimensões simultaneamente presentes e futuras. Por um lado, os cristãos já participam da vida nova inaugurada por Cristo; por outro, aguardam a plena realização da redenção na consumação escatológica. Essa tensão entre o "já" e o "ainda não" caracteriza profundamente a espiritualidade paulina. O batismo, por exemplo, insere o fiel no mistério da morte e ressurreição de Cristo, inaugurando uma nova existência marcada pela ação do Espírito Santo (Rm 6,3-11).

O Espírito Santo ocupa papel essencial na teologia da salvação em Paulo. É o Espírito quem torna presente a vida de Cristo no coração dos fiéis, conduzindo-os progressivamente à santidade. Na Carta aos Romanos, Paulo afirma que aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são verdadeiramente filhos de Deus (Rm 8,14). A vida cristã, portanto, não consiste na mera observância de normas exteriores, mas na transformação interior realizada pelo Espírito.

A dimensão eclesial da salvação também é profundamente enfatizada por Paulo. A Igreja é compreendida como Corpo de Cristo, comunidade dos redimidos unida pela ação do Espírito. Ninguém se salva isoladamente; a salvação possui sempre uma dimensão comunitária. A comunhão eclesial, os sacramentos e a vida fraterna constituem expressões concretas da participação no mistério salvífico realizado por Cristo.

Sob a ótica da Igreja Católica, a teologia paulina continua a exercer influência decisiva sobre a reflexão doutrinal e espiritual. Documentos conciliares, particularmente a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição *Dei Verbum*, retomam amplamente temas desenvolvidos por Paulo, reafirmando sua atualidade para a vida da Igreja contemporânea. Os pontificados recentes igualmente destacam a importância da espiritualidade paulina para a nova evangelização e para a formação dos fiéis.

Do ponto de vista espiritual, a teologia de Paulo permanece extraordinariamente atual. Em um mundo frequentemente marcado pelo individualismo, pela autossuficiência e pela perda do sentido transcendente, o Apóstolo recorda que a salvação é dom gratuito de Deus, acolhido na fé e vivido na comunhão com Cristo e com os irmãos. Sua experiência testemunha que o encontro pessoal com Jesus transforma radicalmente a existência humana e a orienta para a plenitude da vida em Deus.

Assim, a teologia paulina de Cristo, da graça, da fé e da salvação constitui uma das mais ricas heranças espirituais e doutrinárias do cristianismo. Nela, a Igreja continua a encontrar luz para compreender o mistério da redenção e inspiração para viver com fidelidade sua missão evangelizadora no mundo contemporâneo.

7 – São Paulo e a Igreja Nascente

A figura do Apóstolo Paulo ocupa um lugar singular na história da Igreja nascente. Embora não tenha pertencido ao grupo dos Doze escolhidos durante a vida pública de Jesus, sua contribuição para a consolidação, expansão e organização das primeiras comunidades cristãs foi decisiva para o desenvolvimento do cristianismo. Sob a ótica da Igreja Católica, Paulo deve ser compreendido não apenas como missionário e teólogo, mas também como autêntico construtor da comunhão eclesial, profundamente comprometido com a unidade da Igreja e com a fidelidade ao Evangelho recebido dos Apóstolos.

Após sua conversão no caminho de Damasco, Paulo iniciou um longo processo de integração à comunidade cristã. O encontro com Cristo Ressuscitado não o conduziu a uma experiência individualista da fé, mas à inserção concreta na vida da Igreja. Os Atos dos Apóstolos narram que, após o batismo recebido pelas mãos de Ananias, Saulo foi acolhido pelos discípulos e começou imediatamente a anunciar Jesus nas sinagogas (At 9,19-22). Contudo, sua integração não ocorreu sem dificuldades. Muitos cristãos,



conhecendo seu passado como perseguidor da Igreja, desconfiavam de sua conversão e temiam suas intenções.

Nesse contexto, destaca-se a figura de Barnabé, que desempenhou papel fundamental na acolhida e no reconhecimento da autenticidade da vocação paulina. Foi Barnabé quem apresentou Paulo aos Apóstolos em Jerusalém, favorecendo sua inserção na comunidade eclesial (At 9,27). Esse episódio evidencia uma dimensão essencial da eclesiologia católica: toda vocação cristã, ainda que nasça de um chamado pessoal de Cristo, necessita ser discernida, acolhida e confirmada pela comunidade eclesial.

A relação de Paulo com os demais Apóstolos, particularmente com Pedro, Tiago e João, constitui aspecto de grande importância para a compreensão da Igreja nascente. Em suas cartas, especialmente na Carta aos Gálatas, Paulo faz questão de afirmar que seu apostolado provém diretamente de Cristo e não de autoridade meramente humana (Gl 1,1). Todavia, ele também reconhece a importância da comunhão com aqueles que eram considerados "colunas" da Igreja (Gl 2,9). Essa dupla realidade — autonomia apostólica e comunhão eclesial — revela um dos traços mais característicos da vida da Igreja primitiva.

A convivência entre cristãos provenientes do judaísmo e convertidos oriundos do paganismo rapidamente gerou importantes desafios pastorais e doutrinários. A questão central dizia respeito à obrigatoriedade ou não da observância integral da Lei mosaica pelos convertidos gentios. Alguns cristãos de origem judaica defendiam que a circuncisão e as prescrições legais continuavam sendo necessárias para a salvação. Paulo, por sua vez, sustentava que a fé em Cristo era suficiente para a plena inserção na comunidade cristã.

Essa controvérsia culminou no chamado Concílio de Jerusalém, narrado em Atos 15 e mencionado por Paulo em Gálatas 2. O encontro representou um momento decisivo para a história da Igreja. Sob a orientação do Espírito Santo, os Apóstolos e os presbíteros reconheceram oficialmente a legitimidade da missão entre os gentios sem a imposição integral da Lei judaica. Essa decisão permitiu a expansão universal do cristianismo e consolidou a compreensão da Igreja como comunidade aberta a todos os povos.

Do ponto de vista eclesiológico, o Concílio de Jerusalém constitui importante precedente da prática sinodal da Igreja, caracterizada pelo discernimento comunitário, pela escuta mútua e pela busca da unidade sob a ação do Espírito Santo. A tradição católica reconhece nesse acontecimento uma manifestação concreta da assistência divina prometida por Cristo à sua Igreja.

Ao longo de suas viagens missionárias, Paulo dedicou-se intensamente à fundação e organização das comunidades cristãs. Cidades como Filipos, Tessalônica, Corinto, Éfeso e muitas outras tornaram-se importantes centros da vida eclesial nascente. O Apóstolo não se limitava ao anúncio inicial do Evangelho; preocupava-se profundamente com a formação doutrinal, espiritual e moral dos novos convertidos.

Suas cartas testemunham claramente essa preocupação pastoral. Nelas, Paulo orienta as comunidades acerca da vida litúrgica, da celebração dos sacramentos, do exercício dos carismas, da moral cristã e das relações fraternas. O Apóstolo demonstra grande sensibilidade diante das dificuldades concretas enfrentadas pelos fiéis, procurando sempre conduzi-los a uma vivência mais profunda da comunhão com Cristo e com os irmãos.

Um dos conceitos mais originais e influentes da eclesiologia paulina é a imagem da Igreja como Corpo de Cristo. Especialmente nas Cartas aos Coríntios, aos Romanos e aos Efésios, Paulo apresenta a comunidade cristã como organismo vivo, no qual Cristo é a cabeça e os fiéis são membros interdependentes (1Cor 12,12-27). Essa imagem ressalta simultaneamente a unidade e a diversidade presentes na Igreja.

Para Paulo, todos os membros da Igreja possuem igual dignidade fundamental, pois foram incorporados a Cristo pelo batismo e vivificados pelo mesmo Espírito. Ao mesmo tempo, existem diversos ministérios, carismas e funções, todos orientados para a edificação da comunidade. Essa compreensão continua a exercer profunda influência sobre a eclesiologia católica contemporânea, particularmente após o Concílio Vaticano II.

A unidade da Igreja constitui preocupação constante no pensamento e na ação pastoral de Paulo. As divisões internas observadas em algumas comunidades, especialmente em Corinto, suscitaram fortes exortações do Apóstolo em favor da comunhão e da reconciliação. Para Paulo, a unidade não é simples resultado de esforços humanos, mas dom do Espírito Santo fundamentado na única fé, no único batismo e no único Senhor.

Outra dimensão fundamental da atuação de Paulo junto à Igreja nascente foi seu compromisso com a solidariedade e a caridade fraterna. A coleta organizada em favor da comunidade de Jerusalém revela não apenas preocupação material, mas profunda consciência da comunhão entre as diversas Igrejas locais. A ajuda aos pobres constituía expressão concreta da unidade eclesial e manifestação visível do amor cristão.

Do ponto de vista espiritual, Paulo compreendia a Igreja como povo peregrino, chamado a viver no mundo sem pertencer plenamente a ele. As comunidades cristãs eram continuamente exortadas à santidade, à perseverança e à esperança escatológica. Em meio às perseguições, dificuldades e desafios internos, o Apóstolo procurava fortalecer a confiança dos fiéis na fidelidade de Deus e na promessa da salvação definitiva.

Sob a ótica da Igreja Católica, a atuação de São Paulo na Igreja nascente permanece profundamente atual. Seu testemunho recorda que a Igreja é simultaneamente humana e divina: humana em suas limitações históricas e divina pela presença constante do Espírito Santo. Sua dedicação à comunhão, sua fidelidade ao Evangelho e seu zelo pastoral continuam a inspirar a vida e a missão da Igreja contemporânea.



Dessa forma, São Paulo desempenhou papel decisivo na consolidação da Igreja nascente, contribuindo significativamente para sua organização, expansão missionária e aprofundamento teológico. Seu legado eclesiológico permanece vivo na tradição católica, oferecendo critérios fundamentais para a compreensão da natureza, da missão e da unidade da Igreja em todos os tempos.

8 – O Martírio de São Paulo e seu Legado para a Igreja

A vida do Apóstolo Paulo, inteiramente dedicada ao anúncio do Evangelho, encontrou seu coroamento no testemunho supremo do martírio. Desde sua conversão no caminho de Damasco, Paulo compreendeu que o seguimento de Cristo implicava não apenas a proclamação da Boa-Nova, mas também a participação efetiva no mistério da cruz. Ao longo de seu ministério apostólico, enfrentou perseguições, prisões, açoites, naufrágios, incompreensões e inúmeras adversidades. Contudo, nenhuma dessas provações diminuiu seu ardor missionário. Pelo contrário, o sofrimento assumido por amor a Cristo tornou-se elemento constitutivo de sua espiritualidade e de sua missão. O martírio de São Paulo representa, assim, a consumação de uma existência inteiramente configurada ao Senhor crucificado e ressuscitado.

Os últimos anos da vida do Apóstolo estão intimamente ligados à cidade de Roma, centro político do Império e local de extraordinária importância para a história do cristianismo. Segundo o relato dos Atos dos Apóstolos, após sua prisão em Jerusalém e posterior detenção em Cesareia, Paulo exerceu seu direito de cidadão romano apelando para o julgamento do imperador (At 25,11). Essa decisão conduziu-o à capital do império, onde chegaria após uma longa e difícil viagem marcada, inclusive, por um dramático naufrágio narrado em Atos 27.

Ao chegar a Roma, provavelmente por volta dos anos 60 ou 61 d.C., Paulo permaneceu inicialmente em prisão domiciliar, gozando de relativa liberdade para receber visitantes e continuar anunciando o Evangelho (At 28,30-31). Mesmo privado de plena liberdade, o Apóstolo transformou sua condição de prisioneiro em oportunidade missionária, demonstrando que nenhuma circunstância humana pode impedir a difusão da Palavra de Deus. Esse período romano foi particularmente fecundo do ponto de vista pastoral e teológico, sendo tradicionalmente associado à redação de algumas das chamadas "cartas do cativo", entre elas Filipenses, Efésios, Colossenses e Filemom.

Os Atos dos Apóstolos encerram sua narrativa sem descrever explicitamente o destino final de Paulo. Contudo, a tradição cristã mais antiga, amplamente acolhida pela Igreja Católica, testemunha que o Apóstolo sofreu o martírio em Roma durante a perseguição promovida pelo imperador Nero, provavelmente entre os anos 64 e 67 d.C. Escritores cristãos antigos, como Clemente Romano, Eusébio de Cesareia e Jerônimo, confirmam essa tradição, reconhecendo em Paulo um dos grandes mártires da Igreja primitiva.

Segundo a tradição, por possuir cidadania romana, Paulo não foi submetido à crucificação, punição reservada geralmente aos não cidadãos. Teria sido condenado à decapitação, forma considerada mais digna segundo os costumes jurídicos romanos. O local tradicional de seu martírio situa-se na Via Ostiense, onde posteriormente foi construída a atual Basílica de São Paulo Fora dos Muros, um dos mais importantes centros de peregrinação do cristianismo.

O martírio de Paulo não deve ser compreendido simplesmente como consequência das circunstâncias políticas do Império Romano. Sob a perspectiva teológica da Igreja, trata-se da culminância de toda uma vida vivida em profunda união com Cristo. O próprio Apóstolo, em diversas ocasiões, expressou a consciência de que sua existência estava orientada para essa entrega definitiva. Em sua Segunda Carta a Timóteo, frequentemente considerada seu testamento espiritual, Paulo afirma: "Quanto a mim, estou para ser derramado em libação, e o momento da minha partida está próximo. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé" (2Tm 4,6-7).

Essas palavras revelam uma espiritualidade profundamente marcada pela esperança e pela confiança na fidelidade de Deus. Paulo contempla a proximidade da morte não com temor ou desespero, mas com serenidade e esperança, certo de que o Senhor lhe reservara "a coroa da justiça" (2Tm 4,8). O martírio torna-se, assim, expressão suprema do amor a Cristo e testemunho definitivo da verdade do Evangelho anunciado durante toda a sua vida.

Na tradição cristã, o martírio sempre foi compreendido como forma eminente de participação no mistério pascal de Cristo. São Paulo, que tantas vezes refletiu sobre a necessidade de participar dos sofrimentos do Senhor para participar também de sua glória (Rm 8,17), realizou plenamente em sua própria vida aquilo que ensinara às comunidades. Sua morte não representou derrota, mas consumação de uma existência inteiramente oferecida a Deus.

Contudo, o legado de São Paulo para a Igreja ultrapassa amplamente o testemunho de seu martírio. Sua influência sobre a história do cristianismo é profunda e permanente. Em primeiro lugar, destaca-se sua extraordinária contribuição missionária. As comunidades fundadas por Paulo tornaram-se importantes centros irradiadores da fé cristã, lançando as bases para a expansão posterior do cristianismo em todo o mundo mediterrâneo.

Igualmente significativo é seu legado teológico. As cartas paulinas constituem parte essencial do cânon do Novo Testamento e continuam a alimentar a reflexão doutrinal da Igreja. Temas centrais como a justificação pela graça, a centralidade de Cristo, a ação do Espírito Santo, a natureza da Igreja, a vida sacramental e a esperança escatológica encontram em Paulo uma elaboração teológica de profundidade singular. Ao longo dos séculos, Padres da Igreja, teólogos, concílios e documentos magisteriais recorreram continuamente ao pensamento paulino como fonte privilegiada para a compreensão do mistério cristão.

A espiritualidade de São Paulo também permanece extraordinariamente atual. Sua experiência pessoal do encontro com Cristo, seu amor apaixonado pelo Evangelho e sua total disponibilidade para a missão constituem referência permanente para todos os cristãos. Em uma época frequentemente marcada pelo secularismo, pelo individualismo e pela relativização da fé, Paulo continua a recordar que a vida cristã encontra seu verdadeiro sentido na comunhão com Cristo e no serviço aos irmãos.

O Magistério recente da Igreja tem reiteradamente destacado a atualidade do Apóstolo. São João Paulo II apresentou Paulo como modelo de evangelizador para o terceiro milênio. Bento XVI dedicou especial atenção à figura paulina durante o Ano Paulino, celebrado entre 2008 e 2009, enfatizando particularmente a centralidade de Cristo em sua vida e em sua teologia. O Papa Francisco, por sua vez, frequentemente propõe São Paulo como exemplo de discípulo missionário inteiramente movido pela alegria do Evangelho.

Do ponto de vista eclesial, Paulo deixou à Igreja um precioso testemunho de comunhão, universalidade e zelo apostólico. Sua capacidade de dialogar com diferentes culturas, sua fidelidade à tradição apostólica e seu compromisso com a unidade da Igreja continuam a oferecer importantes orientações para a missão evangelizadora contemporânea.

Sob a ótica da Igreja Católica, São Paulo permanece não apenas como personagem histórico de extraordinária relevância, mas como santo, mestre da fé e intercessor junto de Deus. Sua vida demonstra que a graça divina é capaz de transformar radicalmente a existência humana, convertendo um perseguidor em apóstolo e um inimigo da Igreja em um de seus maiores testemunhos.

Dessa forma, o martírio de São Paulo constitui o coroamento de uma vida inteiramente dedicada a Cristo e ao Evangelho. Seu legado missionário, teológico e espiritual permanece vivo na Igreja, inspirando continuamente novas gerações de cristãos a viverem com fidelidade, coragem e esperança o chamado universal à santidade e à missão.

9 – Atualidade Teológica e Pastoral de São Paulo

A figura do Apóstolo Paulo permanece extraordinariamente atual para a vida da Igreja e para a missão evangelizadora no mundo contemporâneo. Passados quase dois mil anos desde sua atividade missionária, seus escritos continuam a alimentar a reflexão teológica, a espiritualidade cristã e a ação pastoral da Igreja Católica. A permanência de sua relevância não se explica apenas pelo valor histórico de sua atuação, mas sobretudo pela profundidade de sua experiência de fé e pela capacidade de sua mensagem de responder às inquietações fundamentais da existência humana. São Paulo continua a ser, para a Igreja de todos os tempos, mestre da fé, missionário incansável e testemunha privilegiada de Jesus Cristo Ressuscitado.

Uma das razões mais significativas para a atualidade de Paulo reside na centralidade absoluta de Cristo em sua vida e em sua teologia. Em uma sociedade frequentemente marcada pelo secularismo, pela fragmentação das experiências religiosas e pela perda do sentido transcendente, o testemunho paulino recorda que o núcleo da fé cristã não consiste primordialmente em normas, valores ou tradições culturais, mas no encontro pessoal com Jesus Cristo. Toda a existência do Apóstolo foi transformada por esse encontro, tornando-se um exemplo permanente para os cristãos contemporâneos, chamados a redescobrir continuamente a centralidade de Cristo em suas vidas.

O Magistério recente da Igreja tem insistido fortemente nessa dimensão cristocêntrica da espiritualidade paulina. São João Paulo II frequentemente apresentou Paulo como modelo de discípulo totalmente configurado a Cristo. Bento XVI, durante as catequeses dedicadas ao Apóstolo no Ano Paulino (2008-2009), destacou que a verdadeira originalidade de Paulo não está em suas capacidades intelectuais ou missionárias, mas no fato de ter permitido que Cristo se tornasse o centro absoluto de sua existência. Essa perspectiva continua a oferecer um caminho seguro para a renovação espiritual dos fiéis e das comunidades cristãs.

A atualidade pastoral de São Paulo manifesta-se igualmente em sua compreensão da evangelização. O Apóstolo desenvolveu sua missão em um ambiente cultural plural, marcado pela diversidade religiosa, filosófica e social. O contexto contemporâneo, caracterizado pelo pluralismo cultural e religioso, apresenta desafios semelhantes aos enfrentados por Paulo no século I. Sua capacidade de dialogar com diferentes culturas sem comprometer a integridade do Evangelho permanece modelo privilegiado para a ação missionária da Igreja.

O episódio do discurso no Areópago de Atenas (At 17,22-34) constitui exemplo particularmente significativo dessa atitude missionária. Diante de um público formado por filósofos e intelectuais gregos, Paulo procurou anunciar Cristo utilizando elementos da própria cultura helenística. Sem renunciar ao conteúdo essencial da fé, buscou pontos de contato que possibilitassem o diálogo. Essa metodologia missionária inspira profundamente a ação evangelizadora contemporânea, especialmente no contexto da chamada nova evangelização, que exige da Igreja capacidade de diálogo com as diversas expressões culturais do mundo atual.

A teologia paulina da graça também apresenta extraordinária atualidade. Em uma sociedade frequentemente marcada pelo individualismo, pela autossuficiência e pela valorização excessiva do desempenho humano, Paulo recorda que a salvação é, antes de tudo, dom gratuito de Deus. A experiência da graça liberta o ser humano da ilusão da autossuficiência e o conduz ao reconhecimento de sua dependência amorosa de Deus. Essa mensagem conserva profunda relevância pastoral, especialmente



diante das crises existenciais, do sofrimento humano e das diversas formas de fragilidade presentes na sociedade contemporânea.

Outro aspecto particularmente atual da espiritualidade paulina é sua compreensão da esperança cristã. O mundo contemporâneo experimenta frequentemente sentimentos de insegurança, incerteza e perda de sentido. Guerras, desigualdades sociais, crises ambientais e transformações culturais aceleradas geram inquietações profundas na humanidade. Nesse contexto, a esperança proclamada por Paulo permanece fonte de consolo e renovação. Fundamentada na ressurreição de Cristo, essa esperança não se reduz a otimismo superficial, mas constitui certeza profunda da fidelidade de Deus e da vitória definitiva da vida sobre a morte.

A dimensão eclesiológica do pensamento paulino também conserva grande importância para a vida da Igreja atual. A imagem da Igreja como Corpo de Cristo, desenvolvida especialmente nas Cartas aos Coríntios e aos Efésios, oferece fundamentos sólidos para a compreensão da comunhão eclesial. Em tempos marcados por polarizações, tensões internas e desafios à unidade da Igreja, Paulo recorda que todos os batizados participam da mesma dignidade fundamental e são chamados a colocar seus dons e carismas a serviço da edificação da comunidade.

Essa compreensão eclesial encontra particular ressonância no ensinamento do Concílio Vaticano II, que retomou amplamente a teologia paulina ao apresentar a Igreja como Povo de Deus e Corpo de Cristo. A valorização dos diversos ministérios, carismas e vocações presentes na Igreja contemporânea encontra em Paulo uma de suas principais fundamentações bíblicas e teológicas.

Do ponto de vista pastoral, São Paulo oferece ainda importante modelo de acompanhamento espiritual. Suas cartas revelam extraordinária sensibilidade diante das dificuldades concretas vividas pelas comunidades. O Apóstolo não se limita à transmissão de doutrinas, mas procura conhecer, compreender e orientar pastoralmente os fiéis em suas situações específicas. Essa atitude continua a inspirar a ação pastoral da Igreja, chamada a conjugar fidelidade à verdade do Evangelho com proximidade, misericórdia e cuidado pelas pessoas.

A opção preferencial pelos pobres e pelos mais vulneráveis, tão presente na tradição social da Igreja, também encontra importantes fundamentos na prática pastoral paulina. A coleta organizada em favor da comunidade de Jerusalém, bem como suas constantes exortações à caridade fraterna, manifestam profunda consciência da responsabilidade social inerente à vida cristã. Em um mundo marcado por graves desigualdades, a solidariedade vivida por Paulo continua a interpelar a consciência dos cristãos e das comunidades eclesiais.

Além disso, o testemunho pessoal de Paulo permanece fonte inesgotável de inspiração vocacional. Sua disponibilidade para deixar tudo por Cristo, sua coragem diante das perseguições e sua fidelidade



incondicional ao Evangelho constituem referência permanente para sacerdotes, religiosos, missionários e leigos engajados na missão da Igreja. O Apóstolo demonstra que a santidade cristã não consiste na ausência de dificuldades, mas na perseverança confiante sustentada pela graça divina.

Sob a ótica da Igreja Católica, a atualidade de São Paulo manifesta-se ainda na permanente fecundidade de seus escritos para a teologia contemporânea. Questões relacionadas à cristologia, antropologia teológica, eclesiologia, moral, espiritualidade e missão continuam sendo iluminadas pela riqueza de seu pensamento. A reflexão teológica moderna e contemporânea permanece profundamente devedora das intuições desenvolvidas pelo Apóstolo.

Dessa forma, São Paulo permanece extraordinariamente atual para a Igreja e para o mundo contemporâneo. Seu testemunho de fé, sua paixão missionária, sua profundidade teológica e sua espiritualidade centrada em Cristo continuam a oferecer respostas significativas aos desafios de nosso tempo. Mais do que personagem do passado, Paulo permanece companheiro de caminhada para todos aqueles que desejam seguir Jesus Cristo com autenticidade e colocar suas vidas a serviço do Evangelho. Seu legado continua a inspirar a Igreja na realização de sua missão evangelizadora, confirmando a perene atualidade da Palavra de Deus anunciada e vivida pelo Apóstolo dos Gentios.

10 – Conclusões

A trajetória do Apóstolo Paulo constitui uma das mais extraordinárias manifestações da ação da graça divina na história do cristianismo. Ao longo deste estudo, foi possível constatar que a vida, a missão e a teologia paulinas ocupam lugar central na compreensão da identidade e da missão da Igreja Católica. De perseguidor dos cristãos a incansável missionário do Evangelho, Paulo tornou-se testemunha privilegiada do Ressuscitado e instrumento fundamental na expansão da fé cristã entre os povos gentílicos.

A análise do contexto histórico, religioso e cultural do século I evidenciou que a missão paulina desenvolveu-se em um ambiente marcado por grande diversidade cultural, intensa pluralidade religiosa e profundas transformações sociais e políticas. O Império Romano, a cultura helenística e o judaísmo da diáspora constituíram o cenário providencial no qual Deus preparou o caminho para a universalização do Evangelho. Nesse contexto, a formação singular de Paulo — simultaneamente judaica, helenística e romana — revelou-se decisiva para o êxito de sua missão apostólica.

Os primeiros anos de Saulo de Tarso demonstraram que a providência divina atua silenciosamente na história humana, preparando seus escolhidos para a realização de desígnios maiores. Sua sólida formação farisaica, seu profundo conhecimento das Escrituras e seu intenso zelo religioso seriam posteriormente iluminados e transformados pelo encontro com Cristo Ressuscitado. Assim, a experiência de Damasco emerge como o acontecimento decisivo de sua existência, não apenas como uma conversão moral, mas



como uma autêntica revelação do Senhor, que redefiniu completamente sua compreensão da fé, da missão e da própria vida.

O estudo das viagens missionárias permitiu reconhecer em Paulo o grande Apóstolo dos Gentios, responsável por levar a Boa-Nova de Jesus Cristo para além das fronteiras do judaísmo. Sua extraordinária dedicação missionária, marcada por inúmeros sofrimentos, perseguições e dificuldades, testemunha uma fé profundamente enraizada em Cristo. Paulo compreendeu que anunciar o Evangelho significava participar do próprio mistério da cruz, fazendo de toda a sua existência um serviço generoso ao Reino de Deus.

Do ponto de vista teológico, constatou-se que a reflexão paulina permanece como uma das maiores riquezas doutrinárias da tradição cristã. A centralidade de Cristo, a primazia da graça, a justificação pela fé, a ação do Espírito Santo e a esperança escatológica constituem elementos fundamentais de sua teologia. Suas cartas continuam a iluminar a reflexão da Igreja, oferecendo fundamentos sólidos para a compreensão do mistério da salvação e da vida cristã.

A atuação de Paulo na Igreja nascente revelou ainda sua profunda consciência eclesial. Embora chamado diretamente por Cristo, o Apóstolo viveu seu ministério em estreita comunhão com os demais Apóstolos e com as comunidades cristãs. Sua contribuição para a organização das primeiras Igrejas, sua preocupação constante com a unidade e sua visão da Igreja como Corpo de Cristo permanecem referências indispensáveis para a eclesiologia católica contemporânea.

O martírio de São Paulo representou o coroamento de uma existência inteiramente oferecida a Cristo. Sua morte em Roma, longe de significar fracasso, tornou-se testemunho supremo da fidelidade ao Evangelho. O sangue derramado pelo Apóstolo uniu-se ao testemunho de inúmeros mártires que, ao longo dos séculos, edificaram a Igreja sobre o fundamento da fé em Jesus Cristo Ressuscitado.

A reflexão acerca da atualidade teológica e pastoral de São Paulo demonstrou que sua mensagem permanece extraordinariamente relevante para a Igreja contemporânea. Em um mundo marcado pelo secularismo, pelo relativismo e pelas crises de sentido, Paulo continua a proclamar a centralidade de Cristo como resposta definitiva às inquietações humanas. Sua paixão missionária, sua capacidade de diálogo com diferentes culturas e sua confiança absoluta na graça de Deus oferecem importantes inspirações para a nova evangelização.

Sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana, São Paulo permanece não apenas como personagem histórico de excepcional importância, mas como mestre da fé, modelo de santidade e exemplo permanente de discípulo missionário. Sua vida testemunha que o encontro pessoal com Cristo possui força transformadora capaz de renovar integralmente a existência humana e orientá-la para o serviço do Evangelho.

Conclui-se, portanto, que a história do Apóstolo Paulo continua a exercer profunda influência sobre a vida da Igreja e sobre a espiritualidade cristã. Seu legado missionário, teológico e pastoral permanece vivo na tradição católica, inspirando continuamente novas gerações de cristãos a responderem com generosidade ao chamado de Deus. Como o próprio Apóstolo afirmou: "Para mim, viver é Cristo" (Fl 1,21). Essa profissão de fé resume não apenas sua existência, mas também o convite permanente dirigido a toda a Igreja: colocar Cristo no centro da vida e anunciar, com coragem e esperança, o Evangelho a todos os povos.

11 – Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2015.

BENTO XVI, Papa. São Paulo. São Paulo: Planeta, 2009.

BENTO XVI, Papa. Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

BROWN, Raymond E. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FITZMYER, Joseph A. Paulo: Vida, Viagens e Teologia. São Paulo: Loyola, 2010.

SCHNACKENBURG, Rudolf. Teologia do Novo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1980.

DUNN, James D. G. A Teologia do Apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. Paulo: Biografia Crítica. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCISCO, Papa. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Dei Verbum. In: Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2015.

JOÃO PAULO II, Papa. Novo Millennio Ineunte. São Paulo: Paulinas, 2001.

A Beleza Salvará o Mundo? Uma Breve Reflexão de Dostoiévski à Francisco

Will Beauty Save the World? A Brief Reflection from Dostoiévsky to Francisco

Teresa Cristina A S F Vianna

tcrisantos@yahoo.com.br

Resumo

A Terra foi condenada! Vozes, em coro, proclamam esta sentença, cientistas e pessoas em geral, de toda parte do planeta, anunciam este fim. Mas, em meio ao caos reinante, algumas vozes clamam por salvação. Neste contexto de desesperança globalizada, cabe com perfeição a pergunta: a beleza salvará o mundo? Partindo desta proposição de Dostoiévski, a saída do caos, do horror, pela via da beleza, chegamos ao século XXI, com uma figura admirada por muitos, questionada por outros – Papa Francisco! Figura, ser humano, que nos convoca a nos reconhecermos como parte integrante da Natureza e irmãos em humanidade. Convida-nos a refletirmos e buscarmos um caminho de Alegria e Santidade. Como o Cristianismo pode nos auxiliar neste momento tão difícil e delicado? A via da Beleza é a proposta deste estudo. Esta reflexão nunca foi tão oportuna, quanto neste momento de inúmeros flagelos que atingem o ser humano.

Para isto, desenvolveu-se uma revisão em textos referentes a obra de Dostoiévski e em autores da Teologia. Além de apresentar documentos da Igreja sobre o tema, detivemo-nos na obra do Papa Francisco.

Palavras Chave

Beleza, Dostoiévski, Papa Francisco e Cristianismo.

Abstract

The Earth has been condemned! Voices in chorus proclaim this, scientists and people from all over the planet announce the end, but in the middle of the chaos some voices cry out for salvation. In this context of globalized hopelessness, this question fits perfectly: will beauty save the world?



Starting from this proposition of Dostoiévsky, the exit from chaos, from horror through beauty, we arrived at the 21st century, with a figure admired by many, questioned by others - Pope Francis! Man, human being who calls us to recognize ourselves as an integral part of Nature and brothers in humanity. He invites us to reflect and seek a path of Joy and Holiness. How can Christianity help us in this difficult and delicate time? The route of Beauty is the proposal of this study. This reflection has never been more opportune, than at this time of countless scourges that affect the human being. For this, a review was developed in texts referring to the work of Dostoevsky and in authors of Theology. In addition to presenting Church documents on the subject, we focus on the work of Pope Francis.

Keywords

Beauty, Dostoiévsky, Pope Francis and Christianity.

1 – Introdução

Há milênios o ser humano se confronta com questões vitais, duas delas extremamente impactantes: a finitude e o sofrimento. Em pleno século XXI, com a inovação tecnológica e científica na área de saúde, conseguiu-se prolongar a vida, mas não se eliminou a finitude. O homem é um ser finito, esta é uma condição que permanece. Além disto, o sofrimento é outro ponto relevante e, olhando superficialmente, pode-se dizer e, muitos o dizem, que o sofrimento aumentou.

O ser humano padece, mas hoje, também padece a Natureza como um todo. Pode-se dizer que, hoje mais do que nunca, o sofrimento é globalizado. Estas duas questões permeiam toda a história humana. Muitos buscaram respostas e saídas; porém, caminhando ao lado de toda esta produção filosófica, teológica, científica, algo sempre está presente – a busca da Beleza. Pode-se dizer que a busca da Beleza, do Sentido é inata?

Esta é uma reflexão essencial para todos que trabalham nestas áreas. No caos vigente, continua-se a busca pelo Belo, talvez de outra forma, na sociedade do século XXI. Dados mostram que o Brasil é um dos países que realizam mais procedimentos em dermatologia como: cirurgias, aplicação de substâncias, entre outros. Uma busca incessante pela juventude e pela “perfeição”.

Em plena mudança de época, na qual valores que sustentavam a humanidade estão sendo discutidos, revistos, desconstruídos, pensar a Beleza é fundamental. Qual é a essência do Belo? A Filosofia embasa esta questão com diversos autores. A arte fundamenta e trabalha com esta temática. E o Cristianismo, o que tem a dizer?

Em um contexto de desesperança globalizada, este estudo tem como proposta inicial, compreender a concepção de Dostoiévski sobre a “beleza”, introduzir algumas noções do Cristianismo



sobre este tema, detendo-se em três documentos elaborados por Papa Francisco e finalizar com uma reflexão sobre esta proposição – “a beleza salvará o mundo”. Salvará? Para isto, realizou-se uma revisão da literatura nas áreas acima destacadas, além de uma busca em bancos de dados acadêmicos.

1.1 - Uma breve reflexão sobre a Beleza em Dostoiévski

Dostoiévski publica as primeiras páginas do seu romance “O idiota” (1868), no qual apresenta a frase: “a beleza salvará o mundo”; autor russo, brilhante e respeitado, teve sua obra como objeto de estudo por parte de filósofos e teólogos; assim como, foi citado por algumas autoridades eclesiais. É considerado um escritor, que se encontra refletido em sua obra.

Glehn, em seu estudo, aborda o encontro de Dostoiévski com o quadro de Hans Holbein – O corpo de Cristo morto na tumba (1521) – que representa o Cristo como um “homem realmente morto, um Cristo abandonado e sem promessas de ressurreição” e não um ser divino, um Deus Salvador. A autora comenta que Dostoiévski ao contemplar esta obra, viu uma representação do seu ideal e beleza, nesta imagem de Cristo homem, a representação do sofrimento da humanidade.

Segundo diferentes autores, o personagem, príncipe Míchkin, representa “o retrato mais marcante de uma personalidade cristã num romance realista, seu desempenho como uma encarnação das virtudes cristãs, um homem positivamente belo”¹.

O que esta expressão - “um homem positivamente belo”, significa na obra de Dostoiévski? E a expressão “a beleza salvará o mundo”? Para se compreender de forma mais fiel e clara o que isto significa, estudiosos investigaram seus artigos jornalísticos e cadernos de nota. Glehn comenta que essa frase aparece no caderno de notas para “O idiota”, porém com uma ligeira mudança em relação ao que se encontra no projeto final do romance: “O mundo será salvo pela beleza – dois tipos de beleza”. As belezas mencionadas pelo autor seriam a ética (beleza interior) e a estética (beleza física). É importante compreender que, para Dostoiévski, a beleza liga-se a um ideal ético. Em seu romance, “O idiota”, isto não aparece diretamente, porém o príncipe Míchkin é a personificação da beleza moral e das virtudes evangélicas – mansidão, perdão e compaixão.

“Numa carta à sua sobrinha, Sofia, Dostoiévski explica o seu plano para o romance: pretende retratar alguém com um ideal ético da beleza, um homem positivamente belo. Dostoiévski se refere a Cristo como a encarnação do belo²”; pode-se deduzir que ao utilizar este termo, busca um sentido ético na construção do personagem, que representaria o ideal cristão. Para o autor, apenas Cristo pode ser considerado um ser belo e perfeito, mas o Cristo segundo sua imagem ideal era o Cristo homem, sendo o portador do modelo da lei do amor.



Glehn, citando Todorov, comenta que Dostoiévski usava com frequência beleza e Cristo como termos intercambiáveis. Diz-nos ainda que:

“Dostoiévski ao formular a frase “A beleza salvará o mundo”, tinha plena consciência de sua importância no romance, pois Cristo na concepção de Dostoiévski, foi o único ser capaz de colocar em prática o mais importante mandamento: amar o seu próximo como a si mesmo. Por conseguinte, o mundo só teria salvação se a humanidade seguisse o exemplo de Cristo³”.

Marto apresenta uma obra acerca da beleza e reflete à partir de Dostoiévski; citando “Os possessos”, comenta que a verdadeira convicção de Dostoiévski em relação a beleza pode ser lida em “mas só a beleza lhe é indispensável, pois sem beleza já não haveria nada a fazer neste mundo⁴!”. Cristo é a figura suprema do belo. Segundo a tese deste autor, Dostoiévski identifica a beleza que salva o mundo com o amor que partilha a dor.

Lendo e refletindo acerca da beleza, em Dostoiévski, encontra-se Jesus Cristo – homem! A beleza da humanidade! Deus se encarnou e, com isto, mostrou o caminho, belo e possível, de acesso a nossa própria humanidade. Deus se manifesta, se comunica, através de sua própria humanidade. Precisamos da linguagem humana para acessar aquele que é Tudo, o Absoluto. Seu amor é tão incompreensível, para nós, que envia a própria beleza “em carne”, Jesus Cristo, a Beleza Absoluta.

2 – Cristianismo e Papa Francisco: o que nos tem a dizer?

Tarde te amei, ó Beleza sempre antiga e sempre nova, tarde te amei⁵

Nesta seção, buscou-se compreender a visão de beleza para o Cristianismo. Importante assinalar que há uma vasta literatura sobre o tema, ao longo de dois mil anos, autores da grandeza de Santo Agostinho fertilizaram este solo; porém, foi necessário uma delimitação da mesma. Realizou-se uma breve pesquisa a partir do Concílio Vaticano II, concluído em 1965, onde foi possível observar nestes documentos que a Igreja sempre manteve um laço de amizade e ligação com a Arte.

O Cristianismo fundamenta, relaciona e privilegia este caminho – a via da Beleza. Mas o que é beleza? De que beleza se trata? Esta dimensão do belo sempre esteve presente no Cristianismo. No século XXI, com toda a desconstrução de valores fundantes na sociedade, a busca continua. O ser humano tem fome e sede de beleza, mas com os valores tão discutíveis da sociedade pós-moderna, parece que a beleza ficou reduzida à estética, à beleza física, à aparência de juventude e daquilo que a indústria proclama que é o belo.

¹.GLEHN,P.R. O Cristo de Hans Holbein, p.7

²GLEHN,P.R. O Cristo de Hans Holbein, p.9

²GLEHN,P.R. O Cristo de Hans Holbein, p.15



Para o Cristianismo, a beleza estética é importante, mas não suficiente. Jesus Cristo nos ensinou isto, não só com palavras, mas com sua própria vida. O Belo foi desfigurado, violado, e foi no momento mais horrendo, onde foi destroçado por aqueles para quem veio, que a sua Grande e Verdadeira Beleza se manifestou. A cruz é compreendida, por muitos, apenas como horror, dor e sofrimento; porém, a Revelação da grande Beleza se deu neste exato momento, onde o Logos encarnado doou-se por Amor a nós e Obediência ao Pai. Parece-nos loucura que Aquele que é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem tenha se entregado em mãos tão cruéis. Porém, foi na doação total, na compaixão suprema, no perdão absoluto que a Beleza se manifestou plenamente.

A Tradição da Igreja exprime a beleza de Cristo com as palavras “És o mais belo dos filhos dos homens; a graça escorre dos teus lábios⁶”. Marto indica que a Igreja compreende este salmo como:

Expressão poética e profética da relação sponsal de Cristo com a sua Igreja. A graça que se derrama dos seus lábios, significa a beleza íntima da sua palavra de graça, a beleza do seu anúncio de salvação. É a beleza de Deus que nos atrai e nos faz correr ao encontro do Amor que nos chama e salva⁷.

Mas apesar da dificuldade de compreensão, ao mesmo Senhor, aplica-se o texto de Isaías: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar⁸” Como conciliar duas visões que parecem contraditórias?

É o amor com que Cristo nos amou que transforma o “homem das dores diante do qual se tapa o rosto” no “mais belo dos filhos dos homens”: Cristo, o Amor crucificado, entregue até à cruz, revela – porque o é em pessoa – a Beleza que salva o mundo. É a beleza que fere, mas que deste modo, chama o homem ao seu destino último – a salvação (...) Quem crê em Deus, no Deus que precisamente no rosto desfigurado do crucificado se manifestou como amor até o extremo, sabe que se trata da beleza do Amor que excede toda a inteligência e todo conhecimento⁹.

Para se falar da beleza de Cristo, é fundamental abordar estas duas instâncias: Estética e Ética integradas, luz e sombra, aparência e profundidade, falar de Cristo é falar do todo, do absoluto, da integração, da síntese. Assim, beleza na compreensão cristã, em especial a divina, também compreende a cruz.

⁴MARTO, A. O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza, p.159

⁵AGOSTINHO, Santo, Confissões, X,27

⁶Sl 45,3

⁷MARTO, A. O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza, p.163

⁸Is53, 2

⁹MARTO, A. O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza, p.164



Não basta ver Cristo, é preciso ouvi-Lo, conhecê-Lo, encontrá-Lo! O cristão não segue uma lista de condutas ou um livro. O cristão segue uma Pessoa! É um Encontro pessoal com Ele e com seu Amor.

Em mensagem aos artistas, na conclusão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI afirma a antiga aliança entre a Igreja e a arte e a necessidade de continuação da mesma, pois:

“O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração”¹⁰.

O Concílio Vaticano II, em seu espírito, lançou bases para uma fértil ligação entre a Igreja e a cultura, com a proposta de amizade, abertura e diálogo.

A partir deste momento, abordar-se-á a concepção de beleza sustentada por duas autoridades respeitáveis e muito queridas: Papa João Paulo II e Papa Bento XVI. Em seguida, será feita uma breve apresentação de três documentos do Papa Francisco.

2.1 - Papa João Paulo II e sua contribuição

Entre outros temas, João Paulo II abordou, com profundidade, o tema da Beleza. Em sua Carta aos Artistas, expressa a importância da linguagem da beleza, da arte, na experiência cristã, desde suas origens. Aponta o advento da beleza salvífica no mistério da encarnação.

“Fazendo-se homem o Filho de Deus introduziu na história da humanidade toda riqueza evangélica da verdade e do bem e, através dela, pôs a descoberto também uma nova dimensão da beleza, de que está completamente cheia a mensagem evangélica”¹¹.

João Paulo II afirma a dimensão fundamental do encontro com Alguém – o “Vivo”. Enfatiza que os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico, mas são aqueles que fizeram uma experiência, na fé, de encontro com Cristo. Afirma ainda que: “segundo a expressão do Gênesis, todo o homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima¹²”. João Paulo II valoriza, neste texto, a arte como uma dimensão nova e fértil que promove o crescimento espiritual.

“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom¹³” – João Paulo II declara que Deus viu também que era “belo”¹⁴ e que a versão grega dos Setenta exprime claramente este aspecto. Afirmou, ainda, que “o próprio Cristo utilizou amplamente as imagens na sua pregação, em plena coerência, aliás, com a opção que, pela Encarnação, fizera d'Ele mesmo o ícone do Deus invisível¹⁵”.

João Paulo II, Papa e Santo, não deixou de ter alma de artista e valorizar a beleza. Cita a frase “A Beleza que salva”, na Carta aos Artistas, ao comentar a frase de Dostoiévski, dizendo que:

Os homens de hoje e de amanhã têm necessidade deste entusiasmo, para enfrentar e vencer os desafios cruciais que se prefiguram no horizonte. Com tal entusiasmo, a humanidade poderá, depois de cada extravio, levantar-se de novo e retomar o seu caminho. Precisamente neste sentido foi dito, com profunda intuição, que « a beleza salvará o mundo»¹⁶.

2.2 - Papa Bento XVI

O Papa Bento XVI, no evento “Universalidade da Beleza: confronto entre Estética e Ética”, apresenta a urgência de um renovado diálogo entre estética e ética, entre beleza, verdade e bondade. Afirma esta necessidade, em um contexto tão difícil, onde a beleza estética apartou-se da beleza ética, em um mundo que privilegia a aparência, o exterior, abandonando muitas vezes a essência.

“Com efeito, uma busca da beleza que fosse alheia ou separada da busca humana da verdade e da beleza transformar-se-ia, como infelizmente acontece, em mero esteticismo e, sobretudo para os mais jovens, num itinerário que termina no efêmero, na aparência banal e superficial, ou até numa fuga para paraísos artificiais, mas ocultam e escondem o vazio e a inconsistência interior”¹⁷.

Bento XVI aponta um fato muito grave e, infelizmente, atual: a razão despojada da beleza ficaria reduzida à metade; assim como, a beleza sem a razão se reduziria a uma máscara vazia e ilusória.

Em encontro com o Clero da Diocese de Bolzano-Bressanone, explanou sobre a relação entre beleza e razão destacando a ideia e importância de se ter “em vista uma razão muito ampliada, em que coração e razão se encontram, beleza e verdade se tocam”. Enfatizou a importância desta relação para todos mas, especialmente, para os discípulos de Cristo, que são chamados, pelo Senhor, a comunicar a beleza e verdade da própria fé.

Assim, “a beleza das obras de que fala o Evangelho vai mais além, remete para outra beleza, verdade e bondade que somente em Deus têm a sua perfeição e a sua nascente última¹⁸”.

¹⁰Paulo VI, PP, Mensagem do Concílio Vaticano II aos Artistas

¹¹João Paulo II, PP, Carta aos Artistas, n.5

¹²João Paulo II, PP, Carta aos Artistas, n.2

¹³Gn 1,31

¹⁴João Paulo II, PP, Carta aos Artistas, n.3

¹⁵João Paulo II, PP, Carta aos Artistas, n. 12

¹⁶João Paulo II, PP, Carta aos Artistas, n. 16

Para Bento XVI, o testemunho do cristão deve estar revestido de beleza, sendo importante uma comunicação que utilize a linguagem das imagens e dos símbolos. A missão dos cristãos deve revelar a beleza do amor de Deus, para que possa alcançar a todos, nos novos tempos; de forma que ainda que distraídos e envolvidos na superficialidade atual, o ser humano apreenda a mensagem. Nesta reflexão fica clara a posição de Bento XVI em relação a razão e beleza: as duas categorias devem estar unidas, formando um conjunto, sendo esta união, fundamental para a fé.

Em 2009, num Encontro com os Artistas, Bento XVI falou sobre a importância da arte e da beleza para a Igreja e para o anúncio do Evangelho. Citou seus antecessores, Paulo VI e João Paulo II, com reverência, acompanhando a atitude de promover e manter uma relação próxima, saudável e fértil entre o Cristianismo e a arte.

Enfatizou a amizade entre ambos desde sua origem. Já nesta época, apontava para difíceis caminhos que o homem estava a percorrer, com a falta de consciência no uso dos recursos do planeta, entre outros. Diz o Papa:

“O que pode voltar a dar entusiasmo e confiança, o que pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar uma vida digna da sua vocação, a não ser a beleza? Vós bem sabeis, queridos artistas, que a experiência do belo, do belo autêntico, não efêmero nem superficial, não é algo acessório ou secundário na busca do sentido e da felicidade, porque esta experiência não afasta da realidade, mas, ao contrário, leva a um confronto cerrado com a vida quotidiana, para o libertar da obscuridade e o transfigurar, para o tornar luminoso, belo”¹⁹.

Citando Dostoiévsky²⁰, “a humanidade pode viver sem a ciência, pode viver sem pão, mas unicamente sem a beleza já não poderia viver, porque nada mais haveria para fazer no mundo. Qualquer segredo consiste nisto, toda a história consiste nisto”, indica esta expressão como ousada e paradoxal e que convida a uma reflexão.

Bento XVI enfatiza a importância da beleza para a vida humana, que permite ao homem recordar seu destino último, colocando-o no caminho, em marcha, infundindo esperança e coragem para que viva “até ao fim o dom único da existência”. Neste sentido, chama a atenção para uma beleza não superficial, falsa, sedutora, hipócrita; mas, para a autêntica beleza que “abre o coração humano à nostalgia, ao desejo profundo de conhecer, de amar, de ir para o Alto, para o Além de si”.

¹⁷Papa Bento XVI, Mensagem ao presidente do Pontifício Conselho para a Cultura

¹⁸Papa Bento XVI, Encontro com o Clero da Diocese de Bolzano-Bressanone

¹⁹Papa Bento XVI, Discurso do Papa Bento XVI

²⁰Dostoiévski, O Idiota, parte III, Cap.V

Aponta para a beleza manifesta na criação e na natureza, que pode ser representada nas criações artísticas, alargando os horizontes da consciência, e sendo um caminho de acesso ao Transcendente, à Deus.

2.3 - Papa Francisco: ontem, hoje e sempre...

Francisco busca, em todas as oportunidades, promover uma “Cultura do Encontro”, uma construção de pontes entre as pessoas e os povos. Já na escolha do nome, anuncia a que veio, homem ímpar, apresenta suas propostas com clareza, simplicidade e, principalmente, fidelidade Àquele que segue.

Nesta seção, apresentam-se três documentos – *Laudato Si'*, *Evangelii Gaudium* e *Gaudete Et Exsultate*, elaborados por ele, de forma a traçar um relevo dos conceitos essenciais do seu ministério. Num discurso, em 2018, aos membros do Movimento “Diaconia da Beleza”, convida os participantes a desenvolverem seus talentos, de forma a contribuir no processo de conversão ecológica, onde se possa reconhecer a dignidade de cada pessoa, seu valor singular e sua criatividade, permitindo a promoção do bem comum. Conclama a busca da beleza nas obras, à serviço da qualidade de vida, harmonia com o meio ambiente e solidariedade entre todos.

2.3.1 - *Laudato Si'*

Esta Encíclica, concebida para tratar do cuidado da casa comum, é um ponto relevante na obra de Francisco, onde se apresentam pontos fundamentais do seu Magistério, num mundo de caos, onde o homem “esqueceu” que também é criatura, também é Natureza. O planeta e todas as espécies estão sendo atacadas, mas o homem é o principal prejudicado, embora pareça não ter consciência disto. Fala-se que o homem está destruindo o planeta, isto é questionável. Parece, de fato, que o homem está destruindo é sua própria possibilidade de vida, e isto, realmente, é grave.

Francisco destaca a violência presente no coração humano “ferido pelo pecado”. Esta ferida, pode ser observada através do ataque feroz a todos os seres vivos, a água e ao solo. Em sua sabedoria, nos lembra que somos terra. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta, respiramos o seu ar e vivemos da sua água e dos seus alimentos. Assim, nada no mundo nos é indiferente ou está apartado de nós.

Com o risco iminente de uma deterioração global do ambiente, Francisco se dirige a todos, buscando o diálogo sobre a casa comum. Lembra que o progresso humano autêntico possui um caráter moral, com respeito à pessoa humana e o cuidado com o mundo natural. Observa que há uma ligação,



uma organicidade sistêmica, um sistema ordenado de interação entre todos. Francisco anuncia e defende a Ecologia integral, vivida com respeito e alegria.

Defende a aproximação com a natureza numa atitude de “admiração e encanto, falando a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo²¹”. Indica São Francisco como um ícone desta relação, onde fiel à Sagrada Escritura, “propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade²²”.

Com a complexidade do momento presente, Francisco propõe recorrer às diversas riquezas humanas, como: cultura dos povos, arte, poesia, vida interior e espiritualidade. Enfatiza a realidade da interligação de tudo o que existe. Deste modo, a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum! Como mudar o rumo neste caos atual? Diz-nos que “prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista”.²³

Neste belo texto, Francisco nos convoca a uma conversão, onde exista um “cuidado generoso e cheio de ternura”. Gratidão e gratuidade pelo “reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça²⁴”. A consciência da ligação com o planeta e todas as suas criaturas é fundamental, pois estamos todos numa comunhão universal.

Francisco cita o livro do Gênesis, onde a criação da humanidade está incluída nos planos de Deus, e como ele a considerou muito boa. Este livro mostra o Amor com que Deus criou o ser humano e a dignidade que lhe deu, “feito à imagem e semelhança de Deus²⁵”. Estas narrações destacam a existência e importância das relações do ser humano com Deus, com o próximo e com a terra.

Jesus Cristo, em (e com) sua vida, nos convidou e convida a estarmos atentos à Beleza e a Natureza; pois Ele mesmo, esteve em contato permanente com ela “quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-Se a contemplar a beleza semeada por seu Pai e convidava os discípulos a perceberem, nas coisas, uma mensagem divina²⁶”.

²¹LS 11

²²LS 12.

²³LS .215

²⁴LS 220

²⁵Gn 1, 26

²⁶LS 97



2.3.2 - Evangelii Gaudium

Uma sociedade com alto desenvolvimento tecnológico e com relações virtuais, de consciência isolada e parcial. Onde o Encontro? Onde a humanidade? É para este mundo e seres humanos que Francisco fala sobre a Alegria do Evangelho, pois, talvez, isto nunca tenha sido tão necessário. Impossível citar tantos trechos belos e sábios. Francisco indica o risco do isolamento em si, para os seres humanos e, destaca, o perigo para aqueles que se dizem seguidores de Cristo.

“Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado”²⁷.

Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida²⁸, Ele nos comunica que todas as verdades procedem da mesma fonte. No coração do Evangelho, encontramos “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado²⁹”.

Em toda as mensagens de Francisco, observa-se o valor que dá a unidade orgânica e, neste sentido, também as virtudes devem se complementar. Infelizmente, na cultura vigente, não é o que ocorre, pois no centro, ocupando o lugar do essencial, está o imediato, o visível, o superficial e provisório. Assim, o real cede o lugar à aparência. Francisco “grita” a favor dos laços humanos, dos vínculos de amor entre todos. Na globalização da indiferença, do desamor e do pessimismo, Francisco alerta para o desenvolvimento:

“da psicologia do tûmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como o mais precioso elixir do demônio. Chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico”³⁰.

Francisco clama por Alegria, que digamos não ao pessimismo estéril. Alerta para esta grave tentação, pois o pessimismo, a lamúria, a murmuração, a sensação de derrota, apagam o fervor e a ousadia.

A Beleza salvará o mundo? Esta reflexão proposta, encontra-se num contexto, onde pessoas desencantadas, sem entusiasmo, proclamam a destruição da vida no planeta. Um mundo ferido por guerras, violência, pandemias; enfim, pela falta de amor. Vivemos num deserto, mas é importante destacar que é no deserto que podemos achar o Caminho, interior e exterior, para Aquele que realmente importa, para o essencial em nossas vidas. E, neste caminho, rumo ao nosso Criador, encontrar a alegria, combustível vital para esta jornada. Francisco admite que este serviço pode se transformar numa pesada cruz, mas nos lembra, que foi na Cruz que o Senhor se entregou como fonte de água viva.



Aborda um tema fundamental no processo de anúncio do Evangelho, no seguimento de Cristo, a via da beleza – a via pulchritudinis. Diz ao mundo que anunciar, crer e seguir Cristo não é:

“apenas algo verdadeiro e justo, mas, também, é belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspectiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus. Não se trata de fomentar um relativismo estético, que pode obscurecer o vínculo indivisível entre verdade, bondade e beleza, mas de recuperar a estima da beleza para poder chegar ao coração do homem e fazer resplandecer nele a verdade e a bondade do Ressuscitado (...) torna-se necessário que a formação na via pulchritudinis esteja inserida na transmissão da fé”³¹.

Esta linda Exortação à Alegria, nos recorda que somos criaturas / filhos de Deus e que ninguém nos pode tirar esta dignidade. É uma tarefa extremamente árdua: parar de murmurar, de proclamar a destruição; mas, sabendo-nos amados pelo Amor, podemos, a cada dia, tentar recomeçar. Assim, diz-nos Francisco: “não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante³²!”

2.3.3 - Gaudete Et Exsultate

Destaca-se, neste texto, a importância do fato de que Deus salvou um povo. Não há “identidade plena” sem esta pertença, ninguém se salva isoladamente. Somos seres relacionais e Deus entrou, como homem, nesta dinâmica.

Nos diz Francisco que “a santidade é o rosto mais belo da Igreja³³”. Todos somos chamados a ser santos, a viver com amor e testemunhar nosso Deus, que é Amor. Assim, “a palavra feliz ou bem-aventurado torna-se sinónimo de santo, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade³⁴”. Deus se abaixa e solicita nossa cooperação, para sermos seu amor e compaixão no mundo, apesar de nossas feridas, dos nossos pecados. O Evangelho vem nos convidar a uma nova vida, mais saudável, mais feliz, mais bela. Francisco nos chama a viver com alegria e santidade, sendo faróis para todos que nos cercam. Santidade é alegria e parrésia, “ousadia, entusiasmo, falar com liberdade, ardor apostólico”³⁵.

²⁷EG 2

²⁸Jô14, 6

²⁹EG 36

³⁰EG.83

³¹EG 167

Muito importante destacar que “é a contemplação da face de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, incluindo a que está fragmentada pelas canseiras da vida ou marcada pelo pecado³⁶”. Como discernir a voz do Espírito Santo em nós? O discernimento é um dom, que precisamos implorar, pois no mundo em que vivemos é artigo muito raro. Cabe aqui uma questão tripla: quero, posso e devo ser santo(a)? Para isto fomos criados. Lembremos que somos filhos do Deus Amor e Beleza Absoluta.

3 - A Beleza salvará o mundo?

Refletir sobre a Criação, sobre a Beleza de Deus, sobre o Belo feito carne, proposta desafiadora. A beleza salvará o mundo? Mas o que é salvação, neste contexto? Impossível falar de salvação sem abordar um tema polêmico, espinhoso, que contou (e conta) com muita discussão, trauma e banalização em seu percurso – o pecado. Em breve reflexão, apresenta-se o que é este tão “mal – dito” pecado. E a partir desta compreensão, identifica-se o que é salvação para o Cristianismo. Neste intento, utilizou-se a obra de um grande mestre da Antropologia Teológica – Garcia Rubio.

Importante enfatizar que o pecado significa “rejeição da proposta salvífica do Deus Amor³⁷”. No contexto cristão e, mais especificamente, na obra deste autor, o sentido do pecado refere-se à “desumanização do ser humano na medida em que é rejeitada a proposta do Deus da vida e do amor a respeito do que deveria ser a humanização em conformidade com Jesus Cristo³⁸”.

Esta ruptura afeta de forma dramática a nossa vida, pois nos fechamos ao amor de Deus e à sua proposta de salvação; rompendo com as relações fundamentais que nos unem, levando-nos à busca de ocupar um lugar que não nos pertence – o lugar de Deus. Deste modo, “o pecado, seguindo a grande tradição eclesial, é falta de amor³⁹”. Falar em pecado é falar da absolutização do próprio “eu”. O pecado se dá à nível da consciência e da liberdade. O ser humano fecha-se em si mesmo, impedindo a comunicação do núcleo da Revelação que é o Amor. Todos são pecadores, ou seja, todos precisam da salvação, que é Cristo.

³²EG 3

³³GE 9

³⁴GE 64

³⁵GE 129

³⁶GE 151

³⁷RUBIO, G.A. Elementos de Antropologia Teológica, p. 316

³⁸ RUBIO, G.A. Elementos de Antropologia Teológica, p. 278

³⁹ RUBIO, G.A. Elementos de Antropologia Teológica, p. 281



Rubio compara o pecado a uma doença, ela é a mesma, mas os sintomas são diversificados. E a doença é o “fechamento no próprio eu, rejeitando o outro como outro, sempre a mesma doença: a rejeição da proposta salvífica de Deus⁴⁰”.

Jesus, entretanto, nos chama à liberdade, ao Amor. Ensina-nos que somos livres para a vivência deste Amor. Podemos fazer esta escolha radical – o Amor! Apesar de todo o mal já feito, continuamos com sede de Deus, sede de Sentido, sede de Beleza, sede de Amor, sede de Infinito. Adentramos num terreno belo e perigoso: liberdade! Somos livres para amar ou não. Alguns, observando o caos vigente, perguntam por que Deus nos deu liberdade? Só há uma resposta, o amor infinito, eterno e louco de Deus por suas criaturas. Papa Francisco afirma que

“nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto. São capazes de se olhar a si mesmos com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade. Não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações”⁴¹.

O Catecismo da Igreja também aborda o tema da beleza, dizendo-nos: que “Deus se manifesta, pela beleza, desde a Criação. Este caminho de relação, a via da beleza, está presente nas diversas manifestações, como meio para levar as almas até Deus – Beleza em essência⁴²”. Cita Santo Agostinho, que nos diz:

“Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar, interroga a beleza do ar que se dilata e se difunde, interroga a beleza do céu, (...) interroga todas estas realidades. Todas elas te respondem: olha-nos, somos belas. Sua beleza é um hino de louvor (confessio). Essas belezas sujeitas à mudança, quem as fez senão o Belo (Pulcher)”⁴³?

⁴⁰ RUBIO, G.A. *Elementos de Antropologia Teológica*, p. 288

⁴¹LS 205

⁴²CIC 33

⁴³CIC 32

⁴⁴1 Jo 4,8

⁴⁵ MARTO, A. *O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza*, p.172

⁴⁶Antunes, *A Beleza como experiência de Deus*, p.6



Falamos de beleza e de pecado. E a salvação? Esta reflexão aborda uma realidade de verdadeira beleza – a beleza do Amor de Deus – experiência radical, fundante. Deus nos ama gratuitamente. A lógica é a da gratuidade e não a do merecimento. Deus nos ama, nos perdoa, nos liberta! Falar de uma vida cristã é falar de uma vida humana preñhe do amor gratuito de Deus. Assim, salvação é o dom da sua graça, a comunhão com Ele mesmo. Jesus é o “Mediador” da nossa humanidade, nosso Salvador. Jesus Cristo é o Modelo para o homem e a mulher “novos”. Salvação é a comunhão com Deus. Deus é Amor⁴⁴.

“Não há beleza sem amor; e onde há amor, aí há beleza”⁴⁵.

4 – Considerações Finais

Muito se tem escrito sobre a sociedade pós-moderna, suas características, previsões sombrias e catastróficas. Ser humano pós-moderno, tem salvação? Nosso mundo tem salvação? Que a “penúltima” palavra deste breve estudo não seja a do pessimismo, da murmuração, nem a da razão irracional dos dias atuais. Mas que seja uma bela palavra. Apesar de todo o conhecimento científico-tecnológico, apesar de nosso coração “de pedra”, continuamos criaturas de Deus!!! Seres com uma carência essencial! Carência de Beleza! Carência de Deus!!! Jesus Cristo, Verbo encarnado, é o ponto culminante de toda Beleza divina manifesta desde a criação e ao longo de toda a história da Salvação. A Beleza de Deus e, também, a da humanidade, consola e vivifica. Concluindo com uma citação de Antunes, que nos alerta para nossa missão:

“Cristo, Face da Beleza em si, como Redentor de todo o cosmos, redimiou também a beleza criada. Nesse caso, a beleza salvou, salva e salvará o mundo. Os cristãos são testemunhas da Beleza”⁴⁶.

5 – Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **Confissões**. SP: Paulus, 2002.
- ANTUNES, O.F. **A Beleza como experiência de Deus**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. ver. e ampl. 2ª impr. São Paulo: Paulus, 2003
- CASTILLO, J.M. **Deus e nossa felicidade**. SP, Loyola, 2006
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. **O idiota**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.
- GARCIA RUBIO, A. **Elementos de Antropologia Teológica**. Ed. Vozes, 2ª ed. Petrópolis, 2004
- GLEHN, P. R. von. **O Cristo de Hans Holbein** na composição interna da obra O Idiota, de Dostoiévski. Universidade de Brasília. Revista do SELL, v.4, nº 1. ISSN: 1983-3873
- MARTO, A - **O Cristianismo Fonte de uma Cultura de Beleza**. Humanística e Teologia. ISSN 0870-080X. Tomo XXVII, Fasc. 2 (2006), p. 159-173.
- BENTO XVI, PP. **Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura** por ocasião da 13ª sessão pública dedicada ao tema: “Universalidade da Beleza: confronto entre Estética e Ética. Vaticano, 2008.



- BENTO XVI, PP. **Encontro do Papa Bento XVI com o Clero de Bolzano-Bressanone** em 2008.
- BENTO XVI, PP **Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do Encontro com os Artistas na Capela Sistina**, em 21 de novembro de 2009
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual**. Paulinas: SP, 2013
- FRANCISCO, PP.. **Carta Encíclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum**. Paulinas. SP, 2015
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Gaudete Et Exsultate. Sobre a chamada à Santidade no mundo atual**. Paulinas. SP, 2018
- FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos membros do Movimento “Diaconia da Beleza”**. Sala do Consistório, 2018
- JOÃO PAULO II, PP. **Carta aos Artistas**. A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas “epifanias” da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística. 1999.
- JOÃO PAULO II, PP - **XII Jornada Mundial da Juventude**, 1997. *Em Castel Gandolfo, 15 de Agosto de 1996, Solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria ao Céu.*
- JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Reconciliatio Et Paenitentia sobre a Reconciliação e a Penitência na missão da Igreja hoje**. Roma, 02 de dezembro de 1984.
- PAULO VI, PP. **Na conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas**. Em 08 de dezembro de 1965.
- PINHO, S. M. T. **“Que beleza salvará o mundo?”** Leituras Teológicas da pergunta de Dostoiévski. Dissertação Final. Faculdade de Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2013
- TODOROV, T. **A beleza salvará o mundo**. In: TODOROV, Tzvetan. *Viver com o absoluto*. Rio de Janeiro: Difel, 2006, p. 251-326



Ensaaios e Reflexões

Lucas: o Evangelho da Alegria que Liberta

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

*"Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se vos submetem;
alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus." (Lucas 10:20)*

1 - Autor do Evangelho de Lucas

Evangelho Segundo Lucas, em grego: *Tò κατὰ Λουκᾶν εὐαγγέλιον*; *To kata Loukan euangelion* é o terceiro dos quatro evangelhos canônicos. Ele relata a vida e o ministério de Jesus de Nazaré, detalhando a história dos acontecimentos de Seu nascimento até Sua Ascensão.

O evangelho de Lucas não identifica o seu autor. Com base em Lucas, 1:1-4 e Atos dos Apóstolos, 1:1-3, é evidente que o mesmo autor escreveu ambos Lucas e Atos, dirigindo os dois ao excelentíssimo Teófilo,² possivelmente um dignitário romano. A tradição desde os primeiros dias da igreja foi que Lucas, um médico e companheiro próximo ao Apóstolo Paulo, escreveu tanto Lucas e Atos, (Colossenses, 4:14); (2 Timóteo, 4:11). Isto faria de Lucas o único gentio a escrever um dos livros da Escritura, além de que *sua obra só foi possível por causa da inspiração do Espírito Santo do Senhor*.

O seu livro é um Evangelho, uma história santa, uma obra que apresenta a Boa-Nova da salvação centrada na pessoa de Jesus Cristo.

2 - Composição, Data e Propósito do Evangelho de Lucas

Na composição do seu Evangelho, Lucas utilizou grande parte de materiais comuns a Marcos e Mateus, além dos que lhe são próprios e dos contatos com o Evangelho de João. Todos os materiais da tradição estão marcados pelo trabalho do autor, que se reflete na sua ordenação, vocabulário e estilo. A arte e a sensibilidade de Lucas manifestam-se na sobriedade das suas observações, na delicadeza de atitudes, no dramatismo de certas narrações, na atmosfera de misericórdia das cenas com pecadores, mulheres e estrangeiros.

O Evangelho de Lucas foi provavelmente escrito entre 58 e 65 dC. Pode ter sido escrito por volta de 63. Alguns intérpretes argumentam a favor de uma data entre 75 e 85 d.C., afirmando que algumas

² O nome Teófilo vem do grego que quer dizer, *Teo = Deus*, filios amigos, seria na tradução *o amigo de Deus*. Lucas como ele mesmo afirma queria que Teófilo conferisse a veracidade dos fatos, pudesse conhecer de perto Jesus Cristo e sua doutrina. A leitura do texto sugere que Teófilo seria um alto funcionário do Império Romano, que de fato existiu, convertido ao cristianismo. Se ele possuía a habilidade da língua grega, latina, sua leitura e compreensão, não poderia ser um cidadão comum, ou analfabeto. Lucas queria que ele tomasse conhecimento de sua narrativa, com ordem descritiva, narrando os fatos da vida de Jesus. Como era costume da época, certamente Teófilo, teria patrocinado este escrito e depois iria difundi-lo entre seu círculo de relacionamento.



passagens de Lucas pressupõem a destruição de Jerusalém, fato ocorrido em 70 d.C., (Lucas, 19:43; 21:20; 24). Mas essas passagens falam daquilo que era costumeiro quando um exército sitiava uma cidade da época, e não se podem acrescentar novas conclusões além daquilo que foi profetizado por Jesus, quando disse que as políticas em vigência levariam à ruína da nação no devido tempo. Alguns poucos críticos argumentam a favor de uma data no século II, mas parece não haver boas razões para isso. Com as informações que se dispõe a data mais razoável seria no início dos anos 60.

Conforme os outros dois evangelhos sinóticos, Mateus e Marcos, o propósito do evangelho de Lucas é revelar o Senhor Jesus Cristo e tudo o que Ele *"fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao céu..."* (Atos dos Apóstolos, 1:1-2).

O Evangelho de Lucas é único por ser uma narração meticulosa e uma *"exposição em ordem"*, (Lucas, 1.3) compatível com a mente médica de Lucas onde muitas vezes apresenta detalhes que as outras narrativas omitem.

A história de Lucas enfatiza o seu ministério e compaixão aos gentios, samaritanos, mulheres, crianças, cobradores de impostos, pecadores e outros considerados marginalizados em Israel.

3 - Sobre Lucas

Lucas era companheiro e grande amigo do apóstolo Paulo. Único autor gentio ³ incluído entre os escritores do Novo Testamento.

Lucas era um médico, (Colossenses, 4:14), que se converteu ao cristianismo e se tornou colaborador permanente do apóstolo Paulo. Era um homem culto e que dominava o grego clássico.

Com relação à cidade em que nasceu, existe uma polêmica. Alguns teólogos e historiadores defendem que Lucas nasceu em Antióquia da Síria e outros que foi em Filipos.

Homem crente, cheio do Espírito do Senhor, com ampla visão da necessidade da obra, Lucas empregou seus dons ligados à palavra escrita para proclamar o que sabia a respeito de Jesus Cristo. Ele fora evangelista, pastor e chamado de *médico amado*.

Médico Amado foi o tratamento afetivo que lhe dispensa Paulo em (Colossenses, 4:14). Seus pais eram de origem grega e Lucas não fora discípulo de Jesus, em seu ministério, convertendo-se provavelmente, com a pregação de Paulo. Por ter amplo vocabulário e dom da comunicação, ao escrever

³ A palavra *gentio* designa um não israelita e deriva do termo latino *gens* significando *clã* ou um *grupo de famílias*. Os tradutores cristãos da Bíblia usaram esta palavra para designar coletivamente os povos e nações distintos do povo Israelita. A palavra é especialmente importante em relatos sobre a história do cristianismo, para designar os povos Europeus que, gradualmente, se converteram à nova religião, sob a influência do apóstolo Paulo de Tarso e outros. A partir do século XVII, o termo passou a ser normalmente usado para se referir a não judeus.

o terceiro Evangelho e Atos, Lucas ofereceu a maior quantidade de informações históricas do que qualquer outro autor do Novo Testamento.

Lucas, considerado evangelista e pastor foi companheiro nas viagens missionárias do apóstolo Paulo, permanecendo ao seu lado até sua morte, (Colossenses, 4:14); (2 Timóteo, 4:11) e (Filêmon, 24). Lucas ficou em Filipos, na segunda viagem missionária de Paulo, a fim de ajudar a estabilizar naquele local a nova igreja, (Atos dos Apóstolos, 16:40; 17: 1).

4 - Divisão e Conteúdo do Evangelho de Lucas

O evangelho de Lucas é um dos mais belos e fascinantes do mundo, considerado pelos eruditos como o mais refinado do Novo Testamento.

O esquema geral do livro é o mesmo que se encontra em Mateus e em Marcos, contendo uma introdução, a pregação de Jesus na Galileia, a sua viagem para Jerusalém, a Paixão e Ressurreição como cumprimento final da sua missão. A construção literária é elaborada com cuidado e reflete grande sensibilidade, procurando salientar os tempos e lugares da História da Salvação e pondo em evidência a projeção existencial do projeto evangélico.

Prólogo (Lucas, 1:1-4) em que anuncia o tema, o método e o fim da sua obra. Lucas expõe por ordem o que se refere à vida e à mensagem de Jesus de Nazaré, filho de Maria, Filho de Deus.

I. Evangelho da infância, (Lucas, 1; 2) de João Baptista e de Jesus.

II. Prelúdio da missão messiânica de Jesus, (Lucas, 3:1-4).

III. Ministério de Jesus na Galileia, (Lucas, 4:14; 9:50): a sua atitude face às multidões, aos primeiros discípulos e aos adversários, (Lucas, 4:31; 6:11); o seu ensino aos discípulos, (Lucas, 6:12 e 7:50); a associação estreita dos Doze à sua missão, (Lucas, 8:1-9,50).

IV. Subida de Jesus a Jerusalém, (Lucas, 9:51-19,28). O esquema literário de Lucas é, ao mesmo tempo, original, mas artificial, sem continuidade geográfica nem progressão doutrinal. Tal quadro permite ao autor reunir uma série de elementos, em parte convergentes com os de Mateus e Marcos, colocando-os na perspectiva do evento pascal, a consumir-se na cidade de Jerusalém. Jesus dirige-se a Israel, chamando-o à conversão; mas é para os discípulos que os seus ensinamentos se orientam, tendo em conta o tempo em que já não estará presente entre eles.

V. Ministério de Jesus em Jerusalém, (Lucas, 19:29-21, 38): o ensino de Jesus no templo, (Lucas, 20:1-21, 37).

VI. Paixão, morte e ressurreição de Jesus, (Lucas, 22:1-24, 53): a narração da Paixão e as narrações da Páscoa, (Lucas, 22:1-24, 53). Omitindo a tradição das aparições na Galileia e situando todos os eventos pascais em Jerusalém, Lucas põe em evidência o lugar central daquela cidade na História da



Salvação. De lá vai irradiar também a mensagem evangélica, relatada pelo mesmo autor no livro dos Atos.

Uma das ideias-chave de Lucas é distinguir o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Sem esquecer a singularidade única do acontecimento salvífico de Jesus Cristo, põe em relevo as etapas da obra de Deus na História. Mais do que Mateus e Marcos, ao falar de Jesus e dos discípulos, Lucas já pensa na Igreja, cujos membros se sentem interpelados a acolher a mensagem do Salvador e Redentor na alegria e na conversão do coração. É isso que faz deste livro o Evangelho da misericórdia, da alegria, da solidariedade e da oração. No respeito pelo ser humano, a salvação evangélica transforma a vida das pessoas, com reflexos no seu interior, nos seus comportamentos sociais e no uso que fazem dos bens terrenos.

Jesus anuncia sua vinda, no fim dos tempos, o qual, segundo Lucas, coincidirá com o termo do tempo da Igreja. Mas, a insistência de Lucas na salvação presente, na realeza pascal do Senhor Jesus e na ação do Espírito Santo na Igreja, contribui para atenuar a tensão relativa à iminente Parusia.⁴ A própria destruição de Jerusalém, vista como um acontecimento histórico, despojando-o da sua projeção escatológica, presente em Mateus e Marcos, é sinal de uma consciência viva do dom da salvação presente no tempo da Igreja.

5 - Aspectos Básicos do Evangelho de Lucas

a) A chave do livro de Lucas. O autor diz, na introdução, (Lucas, 1:1-4), que muitos contemporâneos haviam empreendido a mesma tarefa, o que leva concluir que: i) havia, ao tempo do escritor, várias obras que continham relatos de partes da vida e obra de Jesus; ii) os autores dessas narrações tinham tentado um arranjo sistemático das fontes disponíveis, (Lucas, 1:1); iii) estes fatos eram bem conhecidos no mundo cristão; iv) o autor sentia-se tão bem informado e capaz como os outros para escrever sua própria narrativa; v) dirigia sua obra a uma pessoa de alta categoria, a quem trata de *excelentíssimo* Teófilo, provavelmente havia sido informado oralmente a respeito de Cristo, mas precisava de mais conhecimentos que o firmassem e o convencessem da verdade.

b) Parábolas. Das 35 (trinta e cinco) parábolas registradas no Novo Testamento, 19 (dezenove) são encontradas no Evangelho de Lucas, dentre elas: Parábola da figueira estéril, (Lucas, 13:6-9); A Escolha dos Lugares e dos Convidados, (Lucas, 14). As três Parábolas da Misericórdia, (Lucas, 15); O Administrador Infiel, (Lucas, 16); O Fariseu e do Publicano, (Lucas, 18:9).

⁴ Segunda vinda de Cristo, Segundo Advento ou Parúsia, do grego Παρουσία, presença. É termo usualmente empregado com a significação religiosa de *volta gloriosa de Jesus Cristo, no fim dos tempos, para presidir o Juízo Final*, conforme creem as várias religiões cristãs e muçulmanas, inclusive sincréticas e esotéricas.



c) A linguagem. O Evangelho de Lucas é o mais literário de todos, contendo no início quatro belos hinos: o cântico de Maria, (Lucas, 1:46-55), quando foi visitar Isabel; o cântico de Zacarias, uma profética do pai de João Batista, (Lucas, 1:67-79); o cântico dos anjos, (Lucas, 2:14), quando Jesus nasceu; e o cântico de Simeão, em (Lucas, 2:29-32), ao tomar o menino Jesus nos braços.

d) A paixão do Salvador (Lucas, 18:31; 22; e 23:56). É interessante observar como Lucas, ao relatar os dias finais de Jesus, dá um toque característico de linguagem à última ceia, ao aviso de Jesus a Pedro, ao episódio de suor com sangue, à disposição dos acontecimentos em casa de Caifás, ao comparecimento de Jesus perante Herodes, ao discurso de Jesus às mulheres de Jerusalém, (Lucas, 23:27-31), ao ladrão arrependido, sem alterar a sua marcha nem o seu significado. As simpatias e os sofrimentos humanos foram postos em relevo por Lucas, ao mostrar como o Filho do Homem sofria na cruz em obediência ao Pai.

e) Relato da ressurreição do Salvador (Lucas, 24:1-53). Lucas o faz de uma forma nova e diferente. A realidade é a mesma dos demais evangelhos, porém a forma como relata a aparição do Cristo ressuscitado aos discípulos no caminho de Emaús elimina qualquer dúvida que, porventura, o leitor possa ter quanto ao fato. A inesperada e convincente manifestação da presença viva de Jesus, sua interpretação das Escrituras e a convicção espiritual que se apossou deles, quando Ele lhes falava, constituía evidência incontestável de que alguma coisa de novo havia acontecido na terra.

6 - Ensinaamentos do Evangelho de Lucas

O propósito de Lucas ao escrever para os gregos era o de alcançar a maioria dos convertidos através da pregação de Paulo, (Atos dos Apóstolos, 11:20-21). As pessoas educadas nessa cultura costumavam glorificar a sabedoria, a beleza e o homem ideal. Quando o evangelho começou a circular, puderam conhecer mais claramente a mensagem universal de Jesus, que assim pode ser resumida:

a) Oferta universal de salvação. Jesus é o perfeito Deus-Homem que oferece a salvação a todas as nações, (Lucas, 2:29-32). É uma oferta universal, pois para Ele não há judeu, nem gentio, nem grego, nem bárbaro, nem escravo, nem livre. Sua obra é uma interpretação viva e completa daquele que tem poder para redimir o homem em qualquer lugar e em qualquer tempo.

b) Redentor e Salvador. Lucas descreve Cristo como redentor de todos os que creem, oferecendo perdão e salvação independentemente do privilégio de uma raça particular ou nação, a saber: aos samaritanos, (Lucas, 9:51-56; 10:30-37); aos pagãos, (Lucas, 2:32; 3:6; 4:25-27); aos judeus, (Lucas, 1:33; 2:10); aos publicanos, pecadores e desterrados, (Lucas, 3:12; 5:27-32; 7:37-50); ao povo de modo geral, (Lucas, 7:36; 11:37; 14:1); aos pobres, (Lucas, 1:53; 2:7; 6:20; 7:22); aos ricos, (Lucas, 19:2; 23:50).

c) A doutrina do Espírito Santo. Lucas dá especial atenção à doutrina do Espírito Santo, mais que Mateus e Marcos juntos. Ele informa que todos os principais personagens do Evangelho tinham o poder do Espírito Santo: João Batista, (Lucas, 1:15); Maria, (Lucas, 1:35); Isabel (Lucas, 1:41); Zacarias, (Lucas, 1:67); Simeão, (Lucas, 2:25, 26), e o próprio Jesus (Lucas, 4:1).

7 - Aplicação Prática do Evangelho de Lucas

Lucas nos dá um belo retrato do Salvador compassivo. Jesus não se sentia, perturbado, em relação aos pobres e necessitados, na verdade, eles eram o foco principal de Seu ministério.

Nos tempos de Jesus, Israel era uma sociedade consciente de suas classes sociais. Os fracos e oprimidos eram literalmente impotentes para melhorar sua sorte na vida e estavam especialmente abertos à mensagem de que *"O Reino de Deus está próximo de vós"* (Lucas, 10:9).

Quando Jesus falava do Reino ele não apontava para o horizonte, fazendo com que o povo cresse que era algo distante e impossível de ser alcançado. Não! Ele apontava para si mesmo. O Reino estava próximo porque Jesus estava ali. O Reino estava nele e o Filho de Deus era o Reino.

Esta é uma mensagem que se deve levar para aqueles ao nosso redor que desesperadamente precisam ouvi-la. Até mesmo em países relativamente ricos, talvez especialmente por isso, a necessidade espiritual é muito grande e poderosa. Os cristãos devem seguir o exemplo de Jesus e levar as boas novas da salvação para os espiritualmente pobres e necessitados.

O reino de Deus está próximo, dentro de cada pessoa e deve ser desejado. No entanto, é preciso que se entenda com todo o coração, porque o reino não descansa em algum lugar distante no futuro. Deus quer manifestar o seu Reino agora na terra. O Reino ainda está próximo, ou seja, ele nunca se distanciou.

O reino é dado gratuitamente por Jesus, porém, o incrível não está na facilidade de acesso a Deus e ao Reino, mas sim, o fato de que milhares de pessoas ainda vivem longe do Criador e fora das fronteiras da cidade de Deus. Longe de qualquer complicação, Deus coloca o reino a disposição de todos e aquele que crê em Jesus pode adentrar por suas portas.

É importante saber que, ao entrar pelas portas do reino de Deus, passa-se de *um povo sem reino* a uma posição de concidadãos de Jesus e dos anjos, porque a vida das pessoas, longe de ser anulada por Deus, só se cumpre nele e por ele.

Logo, ter nacionalidade celestial é uma condição de muitos privilégios.

Afinal, parafraseando Lucas: *"Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul e tomarão lugar à mesa no Reino de Deus."* (Lucas, 13:29)



10 - Referências Bibliográficas

BERGER, Klaus. *As formas literárias do novo testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes. 1972.

_____. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BROWN, Raymond E. *O nascimento do messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DUARTE, Luiz Miguel. *Dia a dia com o evangelho - 2016*. São Paulo: Paulus, 2015.

KELLER, Werner. E *A bíblia tinha razão*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

LOHSE, Eduard. *O contexto e ambiente do novo testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Tilgráfica, 1998

RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Pés no Caminho, Coração na Missão *Uma reflexão espiritual sobre Marcos 6,7-13*

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

"Todo envio nasce de um encontro, e todo encontro verdadeiro se transforma em caminho."

1 - O Chamado que Nasce da Intimidade com Cristo

O Evangelho de Marcos apresenta o envio dos Doze como fruto de uma relação previamente construída. Antes de enviar, Jesus chama; antes de confiar uma missão, Ele forma o coração. Não se trata de uma convocação funcional, mas existencial. O discípulo é, antes de tudo, alguém que esteve com o Mestre, ouviu sua voz e deixou-se moldar por sua presença.

Essa intimidade com Cristo é o fundamento de toda ação missionária autêntica. A missão não nasce do entusiasmo momentâneo nem de um projeto pessoal, mas de uma experiência profunda de encontro com o Senhor. Sem essa experiência, o anúncio se torna discurso vazio; com ela, até o silêncio pode evangelizar.

Jesus não escolhe os Doze por mérito, preparo intelectual ou força moral. Ele chama homens simples, limitados e frágeis. Isso revela que a missão cristã não se apoia na perfeição humana, mas na graça divina. A intimidade com Cristo transforma a fragilidade em lugar de manifestação do poder de Deus.

O chamado também implica resposta. Os discípulos poderiam recusar, mas aceitam colocar suas vidas em movimento. O envio supõe disponibilidade interior, desapego e confiança. Quem é chamado por Cristo jamais permanece imóvel: a Palavra recebida gera dinamismo, deslocamento e abertura ao outro.

Assim, Marcos 6,7-13 recorda que toda missão nasce no coração de Deus e passa pelo coração do discípulo. Somente quem permanece unido a Cristo pode ser verdadeiramente enviado, pois a missão não é prolongamento do ego humano, mas extensão do amor divino no mundo.

2 - “Dois a Dois”: A Dimensão Comunitária da Missão

Ao enviar os discípulos dois a dois, Jesus revela que o Evangelho não é anunciado em solidão. A missão cristã possui uma estrutura relacional e comunitária. Desde o início, a Igreja é chamada a testemunhar a comunhão como sinal visível do Reino de Deus.

O envio em dupla protege o discípulo do individualismo espiritual, tão sedutor quanto perigoso. A caminhada compartilhada permite correção fraterna, encorajamento mútuo e discernimento conjunto. Onde há comunhão, o peso da missão se torna mais leve e a alegria se multiplica.

Além disso, o testemunho de dois confirma a verdade anunciada. Na tradição bíblica, a palavra é confirmada por mais de uma testemunha. Assim, a presença de dois discípulos fortalece a credibilidade do anúncio e manifesta que a mensagem não pertence a um indivíduo, mas à comunidade dos que creem.

A missão em comunhão também educa para o amor concreto. Conviver, dialogar, suportar limites e diferenças faz parte do caminho evangelizador. A fraternidade não é acessória da missão, mas parte essencial dela. Evangelizar sem viver a comunhão seria contradizer o próprio Evangelho.

Portanto, o “dois a dois” revela que a Igreja é missionária enquanto corpo, não como soma de iniciativas isoladas. A comunhão é, em si mesma, um anúncio silencioso, porém eloquente, da presença de Deus no meio do seu povo.

3 - Autoridade que Vem do Alto, Não do Poder Humano

Jesus concede aos discípulos autoridade sobre os espíritos impuros, deixando claro que essa autoridade não nasce deles mesmos. Trata-se de uma autoridade recebida, não conquistada. Ela provém da comunhão com Cristo e da obediência à sua Palavra.

Diferente do poder humano, que busca domínio e reconhecimento, a autoridade espiritual tem como finalidade libertar. Ela se manifesta no serviço, na humildade e na fidelidade à missão recebida. Quanto mais o discípulo se esvazia de si, mais espaço dá para a ação de Deus.

Essa autoridade não se impõe pela força, mas pela coerência de vida. O discípulo não convence pelo discurso eloquente, mas pela verdade vivida. A autoridade espiritual nasce da conformidade entre palavra e testemunho, entre fé professada e fé encarnada.

O combate aos espíritos impuros simboliza a luta contra tudo aquilo que desumaniza o ser humano: o pecado, a opressão, a mentira e o medo. A missão da Igreja continua sendo libertar consciências e restaurar a dignidade ferida.

Assim, Marcos 6,7-13 ensina que a verdadeira autoridade do missionário está em ser instrumento da graça. Não é o discípulo que vence o mal, mas Deus que age por meio dele, quando este se mantém fiel e disponível.



4 - A Pobreza Evangélica como Confiança Radical em Deus

A orientação de Jesus para que os discípulos não levem provisões excessivas revela o coração da pobreza evangélica. Trata-se de um convite a confiar plenamente na Providência divina. O missionário aprende a depender mais de Deus do que de seus próprios recursos.

Essa pobreza não é miséria, mas liberdade interior. Ao desapegar-se das seguranças materiais, o discípulo se torna mais disponível ao Espírito Santo. A missão não é sustentada pelo acúmulo, mas pela confiança de que Deus cuida dos seus enviados.

O despojamento também impede que a missão se transforme em busca de vantagens pessoais. Quando o discípulo carrega pouco, seu coração permanece leve e aberto ao encontro. A simplicidade se torna testemunho silencioso da verdade do Evangelho.

Além disso, a pobreza evangélica cria proximidade com os pobres. O missionário não se coloca acima, mas ao lado. Ele se reconhece dependente, assim como aqueles a quem é enviado. Essa identificação gera empatia e comunhão verdadeira.

Marcos 6,7-13 nos recorda que a missão floresce quando o discípulo aprende a confiar. Onde falta confiança em Deus, a missão se torna pesada; onde há confiança, até a escassez se transforma em abundância de graça.

5 - A Hospitalidade como Lugar Teológico do Encontro

Jesus orienta os discípulos a permanecerem na casa que os acolher. A hospitalidade é apresentada como espaço privilegiado da missão. O Evangelho se anuncia dentro da vida concreta, nas casas, nas relações e no cotidiano das pessoas.

Ao aceitar a hospitalidade, o discípulo reconhece que não é autossuficiente. Ele se coloca na condição de quem recebe, e não apenas de quem oferece. Essa reciprocidade humaniza a missão e impede qualquer postura de superioridade.

A casa que acolhe torna-se lugar sagrado. Ali se partilham alimentos, histórias, dores e esperanças. A presença do missionário transforma o espaço doméstico em lugar de encontro com Deus, onde o Reino se manifesta de forma simples e profunda.

A hospitalidade também educa para a gratidão. O discípulo aprende a reconhecer a ação de Deus no outro. Muitas vezes, quem acolhe ensina mais do que quem anuncia, revelando uma fé viva e concreta.

Assim, a missão não acontece apenas nos templos ou nas praças, mas nas casas abertas ao encontro. Marcos 6,7-13 mostra que Deus escolhe a simplicidade do lar como espaço privilegiado da sua presença salvadora.



6 - A Rejeição Não Anula a Missão

Jesus prepara os discípulos para a possibilidade da rejeição. O Evangelho não é imposto, mas oferecido. Nem todos acolhem a Palavra, e isso faz parte do mistério da liberdade humana.

Sacudir a poeira dos pés não é gesto de desprezo, mas de libertação interior. O discípulo aprende a não carregar ressentimentos nem frustrações. Ele segue adiante, confiando que a Palavra tem sua própria força e seu próprio tempo.

A rejeição não significa fracasso da missão, mas fidelidade ao anúncio. Muitos profetas foram rejeitados, inclusive o próprio Cristo. O missionário participa desse destino profético, sustentado pela esperança.

Essa atitude impede que o discípulo condicione sua missão ao reconhecimento humano. A eficácia da Palavra não depende da aceitação imediata, mas da fidelidade de quem a anuncia.

Marcos 6,7-13 ensina que a missão continua mesmo diante da rejeição. O discípulo semeia; Deus faz crescer. A confiança no agir divino sustenta o coração missionário.

7 - Conversão, Cura e Libertação: Os Sinais do Reino

Os frutos da missão são claros: conversão, cura e libertação. O anúncio do Evangelho não é abstrato, mas transformador. Onde a Palavra é acolhida, a vida muda.

A conversão é o primeiro sinal do Reino. Trata-se de uma mudança de mentalidade, de direção e de coração. O Evangelho convida a abandonar caminhos de morte e abraçar a vida nova em Deus.

As curas revelam a compaixão divina. Deus se importa com o sofrimento humano em todas as suas dimensões. A unção dos doentes expressa cuidado, proximidade e esperança.

A libertação dos espíritos impuros aponta para a vitória de Deus sobre o mal. O Reino de Deus rompe as cadeias que aprisionam o ser humano, devolvendo-lhe dignidade e liberdade.

Assim, Marcos 6,7-13 conclui que a missão é sinal vivo do Reino em ação. Onde há discípulos fiéis, Deus continua curando, libertando e renovando o mundo.

Afinal, todo aquele que aceita ser enviado por Cristo descobre que, mesmo na fragilidade do caminho, a esperança nunca caminha sozinha, pois é o próprio Deus quem sustenta os seus passos.

10 - Referências Bibliográficas

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus 1995.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2006.



HIPONA, Santo Agostinho de. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *A Cidade de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Sermões*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *O Evangelho Segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1999.



O Louvor da Criação: Uma Revisita ao Cântico do Sol de São Francisco de Assis

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória e a honra e toda a bênção.
Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm,
e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o Senhor Irmão Sol,
o qual é dia, e por ele nos iluminas.
E ele é belo e radiante com grande esplendor,
de ti, Altíssimo, traz o significado.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas,
no céu as formaste claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,
e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e todo o tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,
que é mui útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo
pelo qual iluminas a noite,
e ele é belo e agradável e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra
que nos sustenta e governa
e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, por que perdoam pelo teu amor,
E suportam enfermidade e tribulação.
Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz,
porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal,
da qual nenhum homem vivente pode escapar.
Ai daqueles que morrerem em pecado mortal:
bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade,
porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei ao meu Senhor,
e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade.



O Cântico do Sol, também conhecido como Cântico das Criaturas, é uma das expressões mais belas da espiritualidade de Francisco de Assis. Composto nos últimos anos de sua vida, por volta de 1224 ou 1225, esse hino revela a profundidade de sua experiência espiritual e sua capacidade de contemplar Deus através da criação. Mais do que um poema religioso, o cântico é uma verdadeira oração de louvor que brota de um coração reconciliado com Deus, com os irmãos e com todo o universo criado.

Ao iniciar o cântico com as palavras “*Altíssimo, onipotente e bom Senhor*”, Francisco estabelece imediatamente o centro de sua contemplação: Deus como origem e finalidade de toda a criação. O louvor não nasce apenas da admiração pela natureza, mas da consciência de que todas as coisas encontram seu sentido no Criador. Dessa forma, o cântico não é simplesmente uma celebração da natureza, mas uma profunda profissão de fé na bondade divina manifestada no mundo.

Uma das características mais marcantes do cântico é a forma como Francisco se refere aos elementos da natureza como irmãos e irmãs. O sol é chamado de “*irmão*”, a lua e as estrelas são tratadas como “*irmãs*”, assim como a água, o vento, o fogo e a própria terra. Essa linguagem revela uma visão espiritual profundamente integrada, na qual toda a criação participa de uma grande fraternidade universal fundada no amor de Deus.

Entre todos os elementos mencionados no cântico, o sol ocupa um lugar de destaque. Francisco o apresenta como uma criatura luminosa que recorda a presença do próprio Deus. A luz do sol torna-se símbolo da glória divina que ilumina o mundo e sustenta a vida. Contudo, mesmo sendo grandioso e radiante, o sol permanece uma criatura, lembrando que toda a beleza do universo aponta para algo ainda maior: o Criador.

Outro aspecto profundamente significativo do cântico é o reconhecimento da beleza e da utilidade das criaturas. A água é descrita como “*muito útil, humilde, preciosa e casta*”, enquanto o fogo é apresentado como “*belo, alegre e forte*”. Essa descrição revela a capacidade de Francisco de perceber o valor espiritual presente nas realidades mais simples da vida cotidiana.

O cântico também introduz uma dimensão ética ao louvar aqueles que perdoam por amor a Deus e suportam as tribulações com paciência. Nesse momento, Francisco desloca o olhar da natureza para as relações humanas, recordando que a verdadeira harmonia da criação inclui também a reconciliação entre as pessoas. Assim, a paz e o perdão tornam-se parte essencial do louvor a Deus.

Um dos momentos mais impressionantes do cântico ocorre quando Francisco menciona a “*irmã morte corporal*”. Em vez de temê-la, ele a reconhece como parte da condição humana e como passagem inevitável para o encontro definitivo com Deus. Esse olhar sereno diante da morte revela a profunda confiança que ele depositava na misericórdia divina.



Revisitar o Cântico do Sol atualmente significa redescobrir uma espiritualidade capaz de reconciliar o ser humano com Deus, com a criação e consigo mesmo. Em um mundo marcado por crises ambientais, conflitos e perda de sentido espiritual, o cântico de Francisco de Assis permanece como um convite à contemplação, à gratidão e à fraternidade universal. Ele recorda que toda a criação é chamada a louvar o Criador e que o ser humano encontra sua verdadeira alegria quando aprende a viver em harmonia com Deus e com todas as criaturas.

Nesse espírito de louvor e humildade, ecoa ainda hoje a exortação do santo de Assis: *“Louvai e bendizei ao meu Senhor, e dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade.”*



Peregrino da Esperança